

VANESSA APARECIDA MUNIZ

SOCIABILIDADES E NAMOROS NA DÉCADA DE 1970 – LAGES (SC)

FLORIANÓPOLIS, SC

2012

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

VANESSA APARECIDA MUNIZ

SOCIABILIDADES E NAMOROS NA DÉCADA DE 1970 – LAGES (SC)

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História – História do Tempo Presente, no Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Dra. Marlene de Fáveri.

FLORIANÓPOLIS – SC

2012

VANESSA APARECIDA MUNIZ**SOCIABILIDADES E NAMOROS NA DÉCADA DE 1970 – LAGES (SC)**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no curso de pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientadora: _____
Dra. Marlene de Fáveri
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____
Dra. Silvia Maria Fávero Arend
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____
Dra. Temis Gomes Parente
Universidade Federal de Tocantins – UFT

Suplente: _____
Dra. Nucia Alexandra Silva de Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Florianópolis, 06 de março de 2012

Dedico ao meu pai e minha mãe que fizeram e fazem parte da minha História e da História que aqui vou contar.

AGRADECIMENTOS

A escrita aqui apresentada é fruto de um trabalho solitário. Entretanto, a pesquisa contou com a ajuda e apoio de várias pessoas, é a elas que quero registrar aqui o meu agradecimento.

Primeiramente agradeço a minha orientadora Dra. Marlene de Fáveri por ter acreditado em mim e no meu trabalho e, que mesmo com os seus inúmeros afazeres por ser diretora do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED sempre esteve presente lendo, relendo, sempre com olhar atento e sensível ao texto.

Agradeço a minha família que me apoiou para que eu chegasse até aqui, ao envolvimento de minha mãe que por ser da geração anos 1970, aqui pesquisada, tanto contribuiu, lembrando vivências, de histórias de sua juventude. Ao meu pai, às minhas irmãs Sabrina e Morgana e meu irmão Fabiano, minha cunhada Janaína.

Agradeço aos meus amigos, o historiador Valdemir Luís Hoffmann, o intelectual Rafael Schmitt e o também colega Hélio Camilo Rosa, por lerem e contribuírem com meu trabalho.

Ao pessoal que trabalha na Biblioteca Pública Municipal de Lages que sempre foram muito prestativos ao fornecerem o material para a pesquisa.

Agradeço a historiadora Sara Nunes pelas conversas, pelo incentivo.

Ao historiador Fábio Guedes que forneceu sua pesquisa sobre política nos anos 1970 em Lages.

Também agradeço as pessoas entrevistadas, por me receberem em suas casas, pelas tantas vezes que ouvi “pode contar comigo!”

Agradeço as/aos alunas/os, aos meus e minhas colegas de trabalho da Escola Manoel Pereira de Medeiros de Urupema (SC), pela compreensão de minhas ausências.

O meu reconhecimento e agradecimento aos meus/minhas ex-professores/as e ex-colegas do curso de História da FACVEST, Lages. Assim como os/as professores/as e ex-colegas do mestrado da UDESC em Florianópolis.

Agradeço a professora da Uniplac, Maria Cândida, pela revisão do meu trabalho.

Agradeço a disponibilidade das Professoras Dra. Silvia Maria Fávero Árend, Dra, Núcia Alexandra Silva de Oliveira e Dra. Temis Gomes Parente que aceitaram o convite de participarem da minha banca, desde já agradeço pelas contribuições.

Muito Obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa disserta sobre práticas de namoro vividas em Lages, Santa Catarina, na década de 1970, e investiga apropriações de referências vindas de outras cidades e centros maiores que influenciaram nos comportamentos de jovens quanto às sociabilidades e a sexualidade. Referencia-se nos pressupostos da História Cultural como possibilidade de interpretação das representações e apropriações quando os comportamentos foram influenciados pela liberação sexual, a chegada da pílula anticoncepcional, o uso de drogas alucinógenas, incidindo nas formas de vivenciar a vida noturna, os clubes sociais, as discotecas, o cinema, a rádio e a televisão. Pauta-se na categoria gênero de análise histórica na percepção das prescrições sexuais e sociais, nos usos do corpo e das condutas, bem como suas transgressões. É também o período em que a cidade passa por uma expressiva migração do rural para o urbano, se vê e se diz moderna, devido ao enriquecimento de latifundiários e empresários da madeira (extraída do pinheiro araucária). Fontes como fotografias, imprensa escrita local, memórias e documentos são aqui compulsadas, e analisadas de forma a percebê-las como portadoras e produtoras de sentidos e subjetividades.

Palavras-chave: Relações de gênero – história cultural – subjetividades - namoros - Lages

ABSTRACT

This study talks about dating practices prevailing in Lages, Santa Catarina, in the 1970s, and investigates appropriations of references from other cities and larger centers that have influenced the behavior of young people regarding sexuality and sociability. Reference to the assumptions of cultural history as possible interpretation of the representations and appropriations when behaviors were influenced by sexual liberation, the arrival of the contraceptive pill, the use of hallucinogenic drugs, focusing on ways to experience the nightlife, social clubs, discos, cinema, radio and television. Tariff in the gender category of historical analysis in the perception of sexual and social requirements, the body uses and behaviors, and their transgressions. It is also the period in which the city is undergoing a significant migration from rural to urban looks and says modern, due to the enrichment of landowners and businessmen of the wood (pine Araucaria extracted). Sources such as photographs, local newspapers, memoirs and documents are hereby certified, and analyzed in order to perceive them as carriers and producers of meanings and subjectivities.

KEY WORDS: gender relations - cultural history - experience - customs - dating - Lages

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Concurso Miss Suéter ocorrido no Clube *14 de Junho* no dia 22 de junho de 1973.
- Figura 2 – Concurso Miss Brotinho ocorrido no Clube *14 de Junho* em 1970.
- Figura 3 – ‘Noite do Tirol’ ocorrido no *Serrano Tênis Clube* em 17 de dezembro de 1972.
- Figura 4 – Baile de debutantes ocorrido no Clube *14 de Junho* em 1978.
- Figura 5 – Baile de debutantes ocorrido no *Serrano Tênis Clube* em 1978.
- Figura 6 – Baile de debutantes do *Serrano Tênis Clube* em 1972.
- Figura 7 – Glamour Girl, Clube *14 de junho*. Novembro de 1975.
- Figura 8 – Baile no Clube *Princesa da Serra* em 1974.
- Figura 9 – Festa de Casamento em 1973.
- Figura 10 - John Travolta na capa do filme ‘Embalos de Sábado à noite’ de 1977.
- Figura 11 – Inauguração da *Chocolatt Discotheque* em Lages no ano de 1978.
- Figura 12 – Formatura das professoras normalistas do Colégio *Santa Rosa de Lima* no Clube *14 de Junho* em 1974.
- Figura 13: Capa Revista *Capricho* do mês de fevereiro de 1972.
- Figura 14: quadrinhos eróticos de *Carlos Zéfiro* “catecismo”.
- Figura 15: Sujismundo.
- Figura 16: Festa de sítio, Capão Alto - distrito de Lages, 1970.
- Figura 17: Formatura em técnico de contabilidade, Lages 1974.
- Figura 18: Cerimônia religiosa de casamento em 1975 na Igreja Católica *Nossa Senhora do Rosário* no bairro *Coral* em Lages.
- Figura 19: fotografia publicitária da *General Motors*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. LAGES QUE CIDADE (É) ERA ESSA?.....	18
1.1 DIFERENTES VERSÕES HISTORIOGRÁFICAS DE LAGES.....	19
1.2 A VEGETAÇÃO DE LAGES INTERFERIU NA SUA HISTÓRIA.....	23
1.3 LAGES NOS ANOS 1970.....	27
1.4 A IMPRENSA DE LAGES NOS ANOS 1970.....	30
2. ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES PARA O NAMORO EM LAGES NA DÉCADA DE 1970.....	36
2.1 OS CLUBES SOCIAIS.....	38
2.2 OS EVENTOS SOCIAIS.....	44
2.3 <i>OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE – A ERA DISCO</i> EM LAGES.....	66
2.4 NO ESCURINHO DO CINEMA.....	71
2.5 ESCOLAS: UM ESPAÇO SOCIAL (ANTI) DEMOCRÁTICO.....	75
3. INFLUÊNCIAS CULTURAIS E (RE) SIGNIFICAÇÕES NAS PRÁTICAS DE NAMORO NA LAGES DOS ANOS 1970.....	83
3.1 OS SONS QUE EMBALARAM OS CASAIS, AS LEITURAS E APROPRIAÇÕES....	83
3.2 AS IMAGENS DA MODERNIDADE: TELEVISÃO E CINEMA.....	90
3.3 A INDUMENTÁRIA E O CORPO COMO ESTILO JOVEM DOS ANOS 1970.....	98
3.4 A GERAÇÃO CONHECE ALUCINÓGENOS.....	107
4. AS INTIMIDADES E A SEXUALIDADE DURANTE OS NAMOROS.....	113
4.1 NOVOS LUGARES PARA NAMORAR.....	113
4.2 A SEXUALIDADE, A GRAVIDEZ E AS FORMAS DE CONTROLE.....	118
4.3 A GRAVIDEZ INDESEJADA E A INTERRUPÇÃO.....	126
4.4(DES) VIRGINDADE PODE VIRAR CASO DE POLÍCIA.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135

FONTES..... 139

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 143

INTRODUÇÃO

Pares formados por amor ou por inclinação amorosa são dependentes de costumes, de tradições, de círculos de convívio, de localidades, de laços de família e de posições na sociedade. [...] É a lei do costume que molda os comportamentos por par de namorados e o dinamismo e suas relações.¹

Essa citação, do ensaio ‘As regras do namoro à antiga’, do antropólogo Thales de Azevedo cabe para definir as relações de namoro ocorridas na cidade de Lages não só da década de 1970, mas também as da atualidade. Pois mesmo com as novidades como o “ficar” que se trata de um relacionamento rápido sem compromisso, ainda hoje as relações de namoro, os comportamentos de moços e moças são baseados em costumes e seguem regras.

Muitos dos comportamentos que eram cobrados na década de 1970, com relação ao namoro e aos relacionamentos, ainda são tidos como requisitos para obter um bom casamento, principalmente para as mulheres.

Embora os tempos sejam outros, ainda a sociedade cobra matrimônio, relaciona felicidade ao casamento; ainda são ouvidas frases clichês como ‘ficar para titia!’, ‘encalhada!’, ‘solteirona’ sobre as mulheres que não contraíram núpcias. Essas questões são mais acentuadas em lugares onde as pessoas se conhecem e mantêm relações de vizinhança, como acontece em Lages. Perduram preconceitos com relação a questões morais, de comportamentos e regras, como por exemplo o de que mulher que pretende casar não deve se mostrar ‘fácil’ durante o namoro, ou os homens poderão julgá-la fútil, que não se valoriza, não deve demonstrar de início interesse pelo rapaz, mostrando-se “difícil”. Por outro lado, há também cobranças com relação aos homens, isso quando se estabelece a eles uma obrigação em pagar a conta, seja do jantar, do cinema, de ter carro para sair com a namorada. Portanto, as cobranças exigidas aos homens não são as mesmas às mulheres. O comportamento, as atitudes que uma mulher deve ter durante o namoro não são as mesmas que o homem deve ter, mas elas existem e têm lugar nas prescrições de gênero.

Neste sentido, analiso essas relações de namoro entre homens e mulheres sob a perspectiva da categoria de gênero de análise histórica, considerando que comportamentos são construídos na cultura. Tendo em vista que o gênero, segundo a historiadora Joan Scott é visto como

¹ AZEVEDO, Thales. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 13.

“um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”,² está explícita a importância de estudos que visibilizem práticas e experiências de homens e mulheres que evidenciem relações de poder de um tempo e lugar. Neste caso, estudos sobre regras de namoro e prescrições no comportamento envolvem mais do que o namoro em si: requer olhar interpretativo sobre a constituição de uma determinada classe social e economicamente mais abastada na cidade.

Entendendo os namoros como uma prática cultural, compartilho com os estudos do historiador Roger Chartier sobre o entendimento de que uma determinada realidade social pode ser construída e pensada, dada a ler, dependendo das relações de cada tempo e lugar. Ou seja, as fontes aqui serão utilizadas considerando as representações feitas pelas pessoas que se apropriavam das novidades e as ressignificavam, dando-lhes múltiplos sentidos.

Assim, ao interpretar fontes que evidenciam a cultura, leva-se em consideração os processos nos quais se constituem sentidos, pois as representações, segundo Chartier, se constroem a partir do mundo social, mesmo sendo atraídas por uma universalidade com base racional, e são sempre guiadas pelos interesses de grupo que as forjam. Tecer o discurso histórico, para Roger Chartier, é saber utilizar a técnica de narrar à cientificidade. Assim, as representações podem ser entendidas como “ [...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.³

Trago, nesta pesquisa, o estudo das práticas de namoro da recente década de 1970 em Lages, uma década que no mundo ocidental houve mudanças nas formas de ver e sentir, e que mesmo distante de centros de irradiação das novas modas e consumo, estava conectada as novidades. Entretanto, mantinham-se regras impostas e naturalizadas através de um processo longo de educação de gênero e cobranças de papéis sociais e sexuais. Estamos falando de práticas que estiveram presentes a menos de meio século, e tem ressonância na sociedade contemporânea, e então a importância dessa análise ser feita através das lentes da História do Tempo Presente. Nas palavras de Sirinelli,

² SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**: Porto Alegre, 1990, p. 14. Essa definição é a mais citada nos trabalhos que tratam de relações de gênero, ela é do final dos anos 1980, chegou ao Brasil em 1990, portanto clássica.

³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

O historiador trabalha sobre o passado, mesmo que próximo, isto é, sobre o que está abolido. Não que ele conceba sua prática unicamente como uma espécie de retorno das cinzas do passado a um presente que seria totalmente desconectado daquele. Bem ao contrário, esse historiador, qualquer que seja sua especificidade cronológica, bebe em seu presente e, longe de pensar que “é de nenhum tempo e de país nenhum”, ele sabe que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence.⁴

“A História do tempo presente é primeiramente e antes de tudo história”, afirmam Serge Bernstein e Pierre Milza, no argumento de que o rigor da análise e a abundância de documentos perfazem especificidades deste tipo de História.⁵ Isso exige escolha, busca aprimorada, e mais que isso, o cuidado com as fontes, em especial as orais, porque as pessoas estão vivas, e têm o direito a sua história, mas com o respeito que merecem.

Os acontecimentos das últimas três décadas do século passado foram decisivos nas formas de ver e sentir o mundo, como já é sabido que o pós-guerra trouxe o consumismo alterando a moda e os costumes, isso deu-se no confronto ou na convivência necessária. Lídia Noêmia Santos fez um estudo sobre juventude e gênero em Fortaleza, na década de 1950, mostrando como os ‘brotinhos e seus problemas’ apareciam na imprensa, expondo que já era tempo de buscas de mudanças.⁶ Cristina Costa fez um estudo sobre as transformações do mundo e suas repercussões na década de 1960, observando como a vida dos adolescentes passou a ter influências da contracultura e suas versões, estabelecendo um paralelo com ontem e hoje.⁷ Os movimentos culturais da juventude no Brasil e fora dele são tema de Brandão e Duarte, que mostram que entre a década de 1950 e a década de 1980, as influências musicais, artísticas, a cultura de massa, a era hippie, a guerra fria e todas as suas consequências influenciaram jovens de todo o mundo.⁸ Lages estava, com as devidas proporções, conectada.

Este trabalho tem como enfoque o namoro, prática cujos significados podem ser compreendidos pelo verbo namorar, ou um conceito por carregar em si significados tanto concretos quanto abstratos. No dicionário, namorar significa “1 Esforçar-se para conseguir o amor de. 2 Atrair, inspirar amor a. 3 Tornar-se enamorado; afeiçoar-se, apaixonar-se. 4 Desejar, possuir, cobiçar. 5 Fitar (alguma coisa) com afeto e/ou insistência [...]”.⁹ E segundo

⁴ SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, Tempo e História. In : CHAUVEAU, Agnes e TÈTART, Philippe (org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 78.

⁵Idem, p. 127.

⁶ SANTOS Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas**: juventude e genero na imprensa fortalezense na década de 1950. Fortaleza: expressão gráfica e editora, 2011.

⁷ COSTA, Cristina. **Caminhando contra o vento**: uma adolescente dos anos 60. São Paulo: Moderna, 1995

⁸ BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. Polêmica

⁹ Dicionário Michaelis. Edição 2008, p. 612.

esse mesmo dicionário, as variações do verbo namorar transformado em adjetivo são: namorador, namoradeira/o, namorada/o, namoricar, namorico, enamorada/o. As definições em outras línguas não mudam muito o significado desta forma de relação.¹⁰ Roberto Da Matta, ao escrever o prefácio de ‘As regras de namoro à antiga’ definiu namorar como “[...] crítico porque se trata de um mecanismo básico de transformação de estados sociais muito importantes, sobretudo nas sociedades tradicionais”.¹¹ Ou seja, cada cultura tem suas formas de nomear sentidos que prescrevem a prática do namoro.

As mudanças que passam a acontecer nas formas de relacionar-se, e esta que chamaram de namoro, nos anos de 1970, são resultados da influência de fenômenos vindos de outras cidades e do exterior como as discotecas que incitavam aos jovens a terem comportamentos mais ousados, a contracultura vivida nos grandes centros efeito de manifestações sociais juvenis do final dos anos 1960 como o *Woodstock*, o *Maião de 1968*. No Brasil os movimentos como *Tropicalismo*, *Jovem Guarda*, a propagação e popularização aos meios de comunicação facilitaram o acesso à televisão, rádio, cinema, revistas, jornais que interferiram nas relações de namoro, assim como o uso de entorpecentes. A introdução no Brasil de métodos contraceptivos como a pílula anticoncepcional proporcionou a jovens a possibilidade de se relacionarem sexualmente antes do casamento, pois evitava o risco de gravidez. Em Lages, se a questão moral e religiosa dificultava o acesso à pílula ou a usarem outros métodos contraceptivos, havia quem fizesse uso, e isso aparece nas entrevistas. De qualquer forma, no final dos anos 1960 e anos 1970, como conta a historiadora Mary Del Priore,

[...] consolidavam uma desenvoltura erótica antes desconhecida [...] era o início do fim dos amores que tinham de parar no último estágio: “quero me casar virgem”! Deixa-se para trás a “meia-irmã” aquela na qual as carícias sexuais acabavam “na portinha”. As mulheres começam a poder desobedecer às normas sociais, parentais e familiares.¹²

Falar de namoros é falar do público e do privado, ou seja, namorar antecede ao casamento, instituição milenar que tem interferido nas práticas da sexualidade e nas formas de

¹⁰ Em espanhol a definição de namorar é noviar, salir con, tener novio, enamorar, cortejar. Em italiano é corteggiare, amareggiare. Em francês, **1** courtiser, fréquenter, faire la cour. **2** convoiter. **3** flirter. Em alemão, *évt* eine Liebschaft haben, miteinander gehen, umwerben, pöussieren, flirten, lieben, verliebt sein in. E em inglês **1** to make love. **2** to desire ardently.

¹¹ AZEVEDO, Thales. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Editora Ática, 1986, p.xi.

¹² DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 302.

visibilidade dos nubentes, como prova de união carnal. Se o namoro é público, pelo menos nas formas de transitar nas festas, bailes, *soirées*, é também privado, assunto familiar e que, é época, ainda era a casa dos pais da moça que se davam os ritos.

As fontes que utilizei para este trabalho são, na maior parte, depoimentos de pessoas que viveram a juventude na década de 1970, e foram analisadas através dos métodos da História Oral. Também são analisadas fotografias desta década, reportagens da imprensa escrita do jornal local de maior circulação na época (e ainda hoje o é) *Correio Lageano*. Os periódicos, nas palavras a historiadora Sandra Pesavento,

[...] estiliza o fato, ou seja, reorganiza a narrativa, encadeia o enredo, exprime um juízo de valor. Poderíamos dizer que o jornal informa, “literalmente”, sobre o acontecido. Procura orientar a opinião, pela pena do jornalista, que por sua vez coloca a sua sensibilidade em confronto com o horizonte de expectativas de seu meio. Sentidos se superpõe a narrar uma história que se pretende *verídica*, construída pelo discurso jornalístico.¹³

O jornal *Correio Lageano*, assim como hoje, era diário. Das suas edições nos anos 1970, como também anteriores, encontram-se disponíveis para pesquisa na Biblioteca Pública Municipal de Lages em bom estado de conservação. Dos primeiros aqui pesquisados, anos 1970, 1971, 1972 e 1973 estão completos e encadernados. Já os de 1974, 1975 e 1976 não constam no arquivo e os de 1977, 1978 e 1979 estão disponíveis, soltos, não encadernados.

Da oralidade, como fonte de interpretação do passado, nessa pesquisa, é compartilhada com a historiadora Verena Alberti, quando ela nos ensina que “[...] o relato pessoal deixou de ser visto como exclusivo de seu autor, tornando-se capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social”.¹⁴

Portanto dos relatos pessoais foram entrevistadas/os quatorze pessoas, oito mulheres e seis homens, para a análise de diferentes visões com relação ao gênero. As escolhas se deram pela idade, teriam que ter hoje entre 50 e 60 anos para então serem os/as jovens dos anos 1970, e por isso vivenciaram as relações de namoro desta década. Entre estes/as foram procurados/as também os/as que foram usuários de drogas, além dos/as que fizeram, tentaram

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX. *Estudos Ibero-americanos*. PUCRS, vol. XXX, núm. 02, dezembro de 2004, p. 29.

¹⁴ ALBERTI, Verena. Histórias de dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 163.

ou pensaram em fazer, ou ainda, tiveram contato com o aborto, além de mulheres que se tornaram mães solteiras. Neste particular, como se dava o uso ou não da pílula anticoncepcional. Para isso a escolha também se deu por aqueles e aquelas que moravam em Lages nesse período. Coincidentemente todas e todas os/as entrevistados/as nasceram e residem na cidade até hoje.

Com relação à memória dos/as entrevistados/as, por se tratarem de questões delicadas, deparei-me com a subjetividade destas pessoas. A dificuldade de falar de si retratou-se em muitos/as dos/as depoentes um medo de que sua intimidade fosse revelada. O que me levou, depois das primeiras entrevistas, informar de antemão que a identidade do/a depoente seria preservada, na tentativa de deixá-los mais à vontade para contarem suas experiências sem medo de julgamentos e constrangimentos por aqueles a quem viessem a ler a dissertação. Assim, nessa pesquisa todos os nomes foram preservados, e foram utilizados nomes fictícios. Sobre o falar de si Margareth Rago amparada em Michel Foucault nos ensina que,

A essa relação de si para consigo [...] esta aparece como uma das “estéticas da existência”, isto é, como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora e constitui a própria subjetividade nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática da liberdade e não como sujeição. Não se trata de um dobrar-se sobre o objetivado, afirmando a própria identidade, mas de uma busca de transformação, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é.¹⁵

As fotografias aqui utilizadas como fonte serão analisadas numa perspectiva plural, em outras palavras, dialogando com outras fontes. As que aqui se encontram foram cedidas pelas pessoas entrevistadas para essa pesquisa, elas iam narrando e em meio a recordações lembravam-se de fotografias e as pegavam para ilustrar.¹⁶

Sobre o porquê de eu analisar a década de 1970, em Lages, tem relação com as transformações da época, mas também sobre uma cidade que vivera um *boom* na economia, e naquela década experimentava a decadência. Analiso as transformações que oportunizaram regras menos rígidas nos comportamentos, entrelaçadas as condutas ainda moralmente exigentes, mas menos contingentes.

¹⁵ RAGO Margareth. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA, Luís Antonio Francisco de, SABATINE, Thiago Teixeira, MAGALHÃES, Boris Ribeiro (orgs). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Cultura Acadêmica, 2001, p. 05.

¹⁶ LIMA, Solange Ferraz e CARVALHO, Vânia Carneiro. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bezzanezi e LUCA, Tânia Regina (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 45.

No primeiro capítulo, observo a transformação, em meados do século passado, de uma cidade rural que vai tomando feições urbanas, passando por uma expressiva virada política com a chegada ao poder municipal, um partido de oposição aos poderes vigentes. Neste contexto, analiso a questão política, as migrações que adentram na cidade forçando a proletarianização no contraponto da riqueza, o fim da economia madeireira, e como os/as lageanos/as vão experimentar os valores modernos para representarem seu mundo.

No capítulo seguinte, exploro as sociabilidades, os lugares onde se praticavam os namoros em espaços sociais na cidade de Lages, na época: os clubes onde aconteciam eventos sociais e as pessoas davam-se visibilidades na sociedade, e em especial às moças solteiras nos bailes de debutantes; os colégios, cinemas e discotecas.

Já no terceiro capítulo, abordo sobre a influência de fenômenos ‘vindos de fora’, dos grandes centros, que influenciaram as práticas de namoros entre lageanos e lageanas nos anos 1970. A música, o rádio, a televisão, o cinema, as revistas, o uso de drogas, as roupas (calça boca de sino, calça jeans (importadas das marcas *Levi's*, *Lee* e *Stop*), minissaias, o corte de cabelos, as gírias faladas por jovens nos anos 1970 são objeto das análises.

No quarto e último capítulo, por meio de depoimentos, investigo as intimidades e seus desdobramentos. Aqui, o namoro passa a ter lugar no interior de carros, evidenciando práticas que são reapropriadas da onda do ‘calhambeque’ que vem da revolução cultural em evidência nas cidades maiores, e os significados que carregam consigo. Se os costumes afrouxam, as intimidades são mais aceitas, como lidar com a gravidez, ou a sua interrupção, o aborto? Estas práticas são lembradas e mostram frestas do privado e do público na experiência de uma geração, e assim também o uso de drogas que passa a ser destaque nas mídias, e nas formas de vivenciar a juventude.

Este trabalho vem da vontade de entender uma geração - a geração de minha mãe - e suas (in) certezas, desejos, transgressões, condutas, apropriações e representações vividas na cidade de Lages, numa década em que se adentraram novas formas de vivenciar a juventude e a sexualidade, e convivendo com prescrições conservadoras e moralistas. Trata-se de fragmentos de memórias e fontes outras, que, compulsadas, mostram a aventura de uma geração, parafraseando Zuenir Ventura ao se referir ao ano de 1968, *o ano que não terminou: a aventura de uma geração*,¹⁷ obviamente dadas às devidas proporções.

¹⁷ VENTURA, Zuenir. **1968, o ano que não terminou**: a aventura de uma geração. 21 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

CAPÍTULO UM

LAGES, QUE CIDADE ERA (É) ESSA?

Ao se buscar bibliografia para conhecer a História de Lages, por vezes, encontramos livros positivando-a que nos contam sobre tempos prósperos advindos de uma economia pecuarista, que esteve presente desde a fundação do município, do ciclo da madeira, (dos anos 1940 aos 1960) que devido à venda e industrialização do pinheiro araucária encontrado em abundância, geraram lucros a latifundiários e empresários da região e do poder político da família Ramos, que orgulhou às/aos lageanas/os por se tornarem homens com visibilidade no cenário estadual e até nacional.

Já a discussão sobre os anos 1970 se dá acerca da decadência econômica ocasionada pelo fim dos pinheiros trazendo desemprego, falência de serrarias, madeireiras e proprietários das terras que vendiam o pinheiro. Essa decadência teria levado a uma virada na política, dando fim a um longo período (todo século XX) de governo da família Ramos ou de pessoas ligadas a eles.

É nessa perspectiva que a história da cidade de Lages foi narrada por jornalistas como Licurgo Costa, Paulo Ramos Derengoski, e o historiador Claudio Silveira, para citar os mais lidos, que escreveram e escrevem sobre Lages enaltecendo classes dirigentes permeando um discurso de que a história de Lages é a história dos grandes latifundiários, empresários, da família Ramos e ainda, de que quando os pinheiros acabaram a cidade “acabou”. Essa postura de escrita justifica-se, em especial Costa e Derengoski, por falarem de seus pares, defendendo o lugar social que se encontravam. Já Silveira foi financiado por empresários madeireiros escrevendo *A História da Indústria da Madeira*, além de outras obras que também se popularizaram na região: *Leão Baio da Coxilha Rica*, *A gralha azul e o segredo do leão baio*, na linha da literatura. É editor da revista sobre História catarinense *História Catarina*.

Não se trata de dizer que esta historiografia está equivocada, mas de propor uma nova abordagem. Não se nega a decadência econômica provada pelo fim do ciclo da madeira, mas essa foi para quem? Afinal, em meio à crise a cidade, através das pessoas que ali viviam, prosseguiu, reinventou-se, quem trabalhava nas madeireiras, nas serrarias continuaram assalariados em outros ramos de trabalho.

Nesse sentido, para se conhecer um pouco da história de Lages e das pessoas que ali vivem e/ou viveram, palco de namoros entre moços e moças, esta dissertação traz a luz, uma revisão bibliográfica. Trata-se de recentes e diferentes abordagens historiográficas sobre a

cidade e seus/as moradores/as, além das pesquisas que se utilizaram do recorte temporal aqui analisado, anos 1970. Entretanto, vale ressaltar que Lages e região são pouco exploradas pela historiografia, o porquê vejamos a seguir.

1.1 DIFERENTES VERSÕES HISTORIOGRÁFICAS DE LAGES

“[...] Lages ficava perdida naquele ermo do agreste catarinense”.¹⁸ Essa citação de Licurgo Costa foi utilizada pela historiadora lageana Sara Nunes, num artigo para uma das disciplinas de doutorado em História na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, usando-a para explicar o agreste da produção historiográfica sobre Lages em relação às outras cidades catarinenses que se encontram “à beira-mar”.

Tendo em vista que a capital Florianópolis, onde se localiza a UFSC, geograficamente encontra-se no litoral. Nunes explica: “as pessoas não narram coisas alheias a si, ao seu sentir, ao seu viver, isso tanto em quadras e esquinas do cotidiano, como em quadros e departamentos acadêmicos”.¹⁹ Ela ainda aponta que durante trinta e cinco anos do programa de pós-graduação em História da UFSC, foram publicadas 332 dissertações e 55 teses, dessas, sobre Lages consta apenas 09 dissertações e nenhuma tese.

As obras do escritor citado por Sara, Licurgo Costa, são clássicas sobre da História de Lages. Entre outras obras, ele escreveu em quatro volumes *O Continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme* publicado em 1986 onde Costa tece uma narrativa linear e sem personagens pincelando diversos assuntos sobre Lages que vão desde a fundação da ainda póvoa até os anos 1970. Outra obra do autor que aqui deve ser citada trata-se da história do clube social de Lages intitulado *Clube 14 de Junho: Oito décadas de uma vida gloriosa* publicado em 2002, ano do falecimento do autor. Nesse livro Costa faz uma visão panorâmica da história do clube que foi um espaço para o namoro entre filhos e filhas das famílias de prestígio social e econômico da cidade.

¹⁸ COSTA, Licurgo. **Licurgo Costa**, um homem em três séculos. Florianópolis: Insular: 2002 p. 37. Costa nasceu em Lages em 1904, filho de latifundiário, foi escritor, jornalista e advogado. Membro do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina IHGSC e da Academia de Letras. Mesmo morando no interior desde cedo Costa teve contato com livros, inclusive literatura estrangeira como de Eça de Queiroz. Esse contato não era incomum entre os filhos homens de famílias lageanas latifundiárias que por ambições políticas e econômicas tinham hábitos eruditos incentivados por costumes civilizados tendo como modelo grandes centros como Paris. Portanto filhos de latifundiários eram mandados para estudar em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Florianópolis. Nesta última em especial estudavam no colégio Catarinense.

¹⁹ NUNES, Sara. As ausências e perspectivas da produção historiográfica serrana. Artigo apresentado pela doutoranda na disciplina Seminário de Pesquisa, ministrada pela professora Dra. Maria Bernadete Ramos Flores no Programa de Pós-graduação em História da UFSC. 2010, p. 03.

Cláudio Silveira em a *História da Indústria da Madeira: serra catarinense (1940-2005)* publicado em dois volumes, 2009 e 2010, respectivamente escreveu enaltecendo o período em que proprietários de terras e empresários se beneficiaram da extração da madeira do pinheiro araucária da serra catarinense.

O jornalista Paulo Ramos Derengoski, uma referência como ‘historiador’ na região, publicou obras não só sobre Lages, mas sobre Santa Catarina como *Guerra no Contestado; A Saga dos Guarani: guerreiros, gaúchos e gaudérios; Viagens de um Repórter: um barriga-verde na terra azul*. Derengoski foi repórter da Última Hora, Folha de São Paulo e da Revista Manchete. Em *Guerra no Contestado* o autor tece uma narrativa alá Euclides da Cunha em *Os Sertões* comparando os sertanejos nordestinos com cablocos catarinenses. Assim como Euclides, Derengoski inicia sua obra descrevendo a geografia do local. Portanto, trata-se mais de um romance histórico.

Da historiografia com uma abordagem e reflexões mais contemporâneas sobre Lages e que contempla o mesmo recorte temporal que a pesquisa aqui apresenta, cita-se, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a esta Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, *Tramas e desenlaces eleitorais: o cenário político na “velha Lages” durante a ditadura militar (Lages, SC, Década de 1970)*, defendida em 2010 por Tâmita Rosa Fávero e orientada por Dr. Reinaldo Lindolfo Lohn. O enfoque é política partidária, que se utilizando da imprensa de Lages e depoimentos discute a cultura política lageana dos anos 1970 através de duas eleições municipais a de 1972 onde a oposição, representada pelo partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB) vence a Aliança Nacional Renovadora (ARENA) representada pela tradicional família Ramos, e a eleição de 1976 quando o fato se repete.

Também sobre a gestão do MDB nos anos 1970 em Lages a socióloga Elizabeth Farias da Silva publicou em 1994 *O fracasso da oposição no poder, Lages: 1972-1982* onde ela discute que a segunda gestão de Dirceu Carneiro do MDB em Lages nos anos 1970 não foi apenas uma oposição ao Regime Civil Militar Brasileiro implantado em 1964, mas também o seu antecessor, também do MDB, Juarez Furtado. Silva defende que essa oposição de Carneiro com relação a Furtado acarretou na não continuidade política partidária.

Esse tema sobre a virada política nos anos 1970 em Lages, também pode se visto nos trabalhos de Fábio Luís Guedes e Marcio Moreira Alves. O historiador Fábio Guedes escreveu em 2005, como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, *O mutirão por uma vida melhor: trajetória histórica do projeto lageano de habitação 1977-1982*. Através dos jornais da cidade deste período e cadastros mutuários da Secretaria Municipal de Habitação de Lages

Guedes analisou o programa habitacional implantado pelo governo do prefeito Dirceu Carneiro para atender famílias de baixa renda.

Em 1980 foi publicado o livro do carioca, jornalista Márcio Moreira Alves *A Força do Povo: democracia participativa em Lages*. Alves, com uma visão marxista, enaltece o governo Dirceu Carneiro o considerando como uma administração em que “[...] conscientiza o povo da força que tem e não conhece de sua capacidade construtiva afinal, da idéia de que tudo é construído pelo trabalho”.²⁰

Sobre a questão da madeira extraída do pinheiro araucária, sob a orientação de Eunice Sueli Nodari, Samira Peruchi Moretto defendeu em 2010 a dissertação intitulada *Remontando a floresta: a implementação do Pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960-1990)*. Moretto analisa o processo de reflorestamento na cidade de Lages em quatro décadas de 1960 a 1990.

Como está no subtítulo do livro publicado em 2002 da socióloga Zilma Isabel Peixer, *A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages*, ela acaba abordando também os anos 1970 ao falar das modificações da cidade devido ao aumento populacional iniciado já nos anos 1940 advindo do ciclo da madeira que atraiu pessoas de diferentes lugares. Peixer trata da configuração urbana desde a fundação da cidade, final do século XVIII até a década de 1990.

Para além da historiografia lageana que contempla os anos 1970, traz-se aqui trabalhos relevantes sobre Lages e região por introduzirem uma nova perspectiva teórica e narrativa de historiadores como Élio Cantalício Serpa, Lourival Andrade Jr. e das historiadoras Sara Nunes, Eveline Andrade, Juçara de Souza Castello Branco e Cristiane Manique Barreto.

Neste sentido, Élio Serpa em 1989 defendeu pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC a dissertação: *Igreja e catolicismo popular no planalto catarinense (1891 – 1930)* tratando dos discursos produzidos pela igreja católica e os conflitos vividos entre pessoas que praticavam uma religião considerada ‘pagã’. Em 1997, pela USP Universidade de São Paulo, Serpa defendeu a tese de doutorado: *Igreja e poder em Santa Catarina*. Trabalho este em que ele narra os conflitos e conchavos entre padres franciscanos e grupos de dirigentes locais e a negação da religiosidade popular.²¹

Lourival Andrade Jr. em 2008 pela Universidade Federal do Paraná defendeu a tese de doutorado: *Da barraca ao túmulo: cigana Sebinca e as construções de uma devoção*.

²⁰ ALVES, Marcio Moreira. **A força do povo: democracia participativa em Lages**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

²¹ SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

Andrade Jr., através da cigana Sebinca Christo, analisa a relação entre o sagrado e as pessoas, que cultuam a cigana, encontrando diversas práticas de religiosidade ao redor de seu túmulo, localizado no cemitério Cruz das Almas em Lages, como ciganidade, catolicismo e umbanda.²² Lourival aborda a religiosidade de Lages sob outra perspectiva, questionando a “oficial”.

A dissertação de mestrado: *Caso Canozzi: um crime e vários sentidos* foi defendida por Sara Nunes em 2007 pela Universidade Federal de Santa Catarina e virou livro em 2011. Nunes investigou um duplo homicídio ocorrido em 1902, em Lages, do caixeiro viajante Ernesto Canozzi e seu empregado Olintho Pinto Centeno. Foram apontados como os autores os irmãos italianos Thomaz e Domingos Brocato, que após morarem em Buenos Aires e no Rio de Janeiro estavam estabelecidos em Lages. Através de jornais que noticiaram o crime, o próprio processo criminal de número 04/02 é no século XXI, Nunes evidencia que esse crime ocorreu em meio a uma necessidade, que a cidade se encontrava, de modernidade e civilidade. Portanto, a autora analisou os significados dados ao crime, as relações sociais nas circunstâncias em que o crime se deu como o resultado de redes de relações, força social no início do século XX.²³

Em 2001, também pela Universidade Federal de Santa Catarina, Juçara de Souza Castello Branco defendeu a dissertação: *Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas pela memória*. Tendo como recorte temporal o final do século XIX até os meados do XX a autora analisa, através de processos civis, registros de vigários e memórias a presença alemã em Lages nesse período. Branco desconstrói a percepção de que a população lageana é formada somente por descendentes de portugueses, africanos e indígenas.

Eveline Andrade em 2011 defendeu pela UFSC a dissertação intitulada *A cidade nos campos de cima da Serra, experiências de urbanização e saúde em Lages – SC – 1870 a 1910*. Através das atas da câmara de vereadores das últimas décadas do século XIX a autora analisa a constituição do espaço urbano de Lages.

Em 1997 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul Cristiane Manique Barreto ao escrever a dissertação: *Entre laços e nós: formação e atuação das elites no vale do Itajaí (1889 – 1930)* estudou os “laços e nós” entre famílias influentes “[...] a construção de uma determinada elite no Vale do Itajaí e a atuação desta elite na esfera pública e política” através da família Konder que se entrelaçavam por fatores como germanismo, negócios e enlacs

²² ANDRADE Jr. Lourival. Da barraca ao túmulo: cigana Sebinca e as construções de uma devoção. **Tese de doutorado**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2008.

²³ NUNES, Sara. **Caso canozzi: um crime e vários sentidos**. Lages: Grafine, 2011.

matrimoniais e suas relações políticas governamentais com Lages, através da família Ramos.²⁴ Barreto analisou como essas famílias se articulavam para exercerem e manterem-se no poder através da dominação política e econômica.

Em 2010 Frank Marcon publicou *Visibilidade e resistência negra em Lages*, fruto de sua dissertação de mestrado em História defendida em 2000 pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Através de processos judiciais, jornais e entrevistas com descendentes de escravos, Marcon investiga tensões e costumes cotidianos vivenciados pelos recém ex-escravos em Lages na virada do século XIX para o XX.

É a partir dessas abordagens teóricas de tecer a história frutos de concepções contemporâneas que esta pesquisa envereda-se.

1.2 A VEGETAÇÃO DE LAGES INTERFERIU NA SUA HISTÓRIA

‘Região dos campos de Lages’, essa é uma expressão usada para se referir a serra catarinense e que nos conduz a pensar que a vegetação desse local, não só os campos, mais a floresta do pinheiro araucária dão o norte para se entender à história de Lages.

Neste sentido, desde o final do século XVIII a região dos campos de Lages passou a ser explorada por homens e mulheres que vindos principalmente de São Paulo e Rio Grande do Sul ali se estabeleceram para trabalharem com a pecuária extensiva. Até então os pinheirais, abundantes na região, eram considerados uma praga pelos pecuaristas, porque as grimpas,²⁵ quando caíam do pinheiro, prejudicavam a pastagem do gado. A dedicação à pecuária acarretou até a primeira metade do século XX, numa lenta industrialização e no retardamento urbano no planalto catarinense. Essa atividade além de ser rural era comandada por poucas famílias que se tornaram proprietárias da maior parte das terras. Por isso essa região passou a ser conhecida pelo clientelismo de famílias tais como, Arruda, Vieira, Castro, Camargo, Costa e Ramos.

Por saberem do valor econômico da araucária, nos anos 1930, italianos/as e descendentes destes/as, migraram do Rio Grande do Sul para trabalharem com a extração e

²⁴ BARRETO, Cristiane Manique. Entre laços e nós: formação e atuação das elites no vale do Itajaí (1889 – 1930). **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, UFRGS, 1997.

²⁵ Grimpa é a folha espinhosa do pinheiro araucária que quando seca é ainda mais afiada.

industrialização dessa madeira. Foram eles/as que, de forma significativa, deram impulso à industrialização da serra catarinense, abriram serrarias e madeireiras²⁶ por toda região.²⁷

A partir dos meados da década de 1940 “[...] a indústria da madeira passou, em Lages, a ter maior significado econômico que à pecuária”.²⁸ Esses/as italianos/as e descendentes vieram de cidades gaúchas como Antônio Prado, Caxias do Sul, Vila Ipê, São Marcos, Vacaria, Guaporé, Ibirairas. Dessas cidades, vieram no período de 1930 e 1960. Algumas destas famílias são Ranzolin, Bampi, Bertuzzi, Cansian, Araldi, Mondadori, Battistella, Granzotto, Guidali, Golin, Baggio, Letti, Mazzochi, Melegari, Boscatto, Marin, Manfrói, Agostini, Mezzalira, Parizotto, Tortelli, Riscarolli, Miola, Thomazi, Chioca, Valiati, Tealdi, entre outras.²⁹ Segundo o Censo Demográfico de 1970 havia 8.128 migrantes do Rio Grande do Sul em Lages, sendo 4.192 homens e 3.936 mulheres. Italianos/as naturais nesse mesmo censo constava 25 pessoas não especificando o número de homens e mulheres, já quanto à/ aos Alemãs e alemães era o número de 55.³⁰

Essas pessoas, geralmente em família, se fixaram, na sua maioria, num bairro da cidade, na época pouco habitado chamado *Coral*. É importante lembrar que nem todas essas famílias abriram serrarias e madeireiras, algumas abriram outros negócios paralelos ligados a essa modalidade, tais como, oficinas mecânicas, borracharias, fábricas de carrocerias, atividades ligadas ao transporte, muitas delas localizadas ali no bairro *Coral*.³¹ Neste local foi construído em 2002 o *monumento dos imigrantes*.³²

Para a atividade ligada à madeira era necessária muito mais mão-de-obra do que para o trabalho com a pecuária. A cidade passou então a atrair pessoas de diferentes lugares para trabalharem não só em serrarias e madeireiras, mas também para abrirem diferentes negócios. O comércio local foi aquecido, o que propiciou abertura de bancos, armazéns, lojas, bares, casas de prostituição. Os fazendeiros também lucraram e, além de continuarem com a

²⁶ As serrarias trabalhavam com a madeira bruta enquanto as madeireiras as beneficiavam.

²⁷ SILVA, Elizabeth Farias da. **O fracasso da oposição no poder**. Lages: 1972-1982. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994, p. 29.

²⁸ COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens 2: Sua história e influência no sertão da terra firme**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, p. 912.

²⁹ PIAZZA, Walter (Org.). **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 2001, p. 479.

³⁰ CENSO DEMOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. Ministério do planejamento e coordenação geral. Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Estatística. Departamento de Censos. VIII Recenseamento Geral, 1970, série regional. p. 205.

³¹ NUNES, Lélia Pereira da Silva. A expansão para o planalto. In: PIAZZA, Walter. **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 2001, p. 478-479.

³² O monumento *os imigrantes* homenageia as várias culturas, costumes e a miscigenação de raças que fizeram parte da colonização e povoação de Lages, imigrantes de origem portuguesa, italianos e alemães. O monumento foi esculpido em concreto e metais, mede 12m de comprimento e está localizado no entroncamento das avenidas Dom Pedro II e 1º de Maio no bairro Coral de Lages. Informações retiradas do site: <http://www.lages.sc.gov.br/turismo/monumentos.php>. Acessado em 20 de novembro de 2011.

pecuária, eram os que vendiam os pinheiros para os ‘gringos’, sendo que alguns também abriram suas próprias serrarias.

O impulso que as serrarias e madeireiras deram à região, atraíram também para Lages, na década de 1950, 50 famílias libanesas que, migrando de São Paulo, vieram para abrir comércio, lojas de roupas e calçadas na cidade. No censo de 1970 aparecem entre homens e mulheres 30 libanesas.³³ Outro fator que também atraiu famílias para Lages foi o 2º Batalhão Ferroviário instalado em 1934. Esse batalhão efetuou obras como a construção e asfaltamento da estrada federal de Lages a Rio Negro, no Paraná, a reforma e retificação da estrada estadual que liga Lages a Rio do Sul, em Santa Catarina, o que trouxe emprego à população, pois contratou, em 1951, 1650 pessoas civis da população de Lages.³⁴

Assim, nos anos de 1940, 1950 e 1960, Lages viveu o ‘ciclo da madeira’, ganhou visibilidade social, gerou empregos e trouxe benefício para os fazendeiros (donos dos pinheirais), para os industriais donos de madeireiras e serrarias o que contribuiu para a ampliação da classe média, uma vez que houve a necessidade de se ter médicos, advogados, comerciários, farmacêuticos, escriturários. O número da população quadriplicou como podemos ver no quadro abaixo:

	Urbana	Rural
1950	14.143	59.897
1960	34.761	81.014
1970	89.494	39.234
1980	123.616	31.677

Quadro 1: População de Lages (Fonte: SILVA, 1994, p. 34)

Além do aumento populacional, percebe-se um expressivo êxodo rural, pessoas que moravam em sítios, pequenas propriedades, agregadas/os de fazendas se sentiram atraídas pelos empregos e possibilidades de negócios na cidade, pois trabalhar em madeireiras e serrarias era uma novidade não muito conhecida por eles do campo, já que iriam receber

³³ CENSO DEMOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. Ministério do planejamento e coordenação geral. Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Estatística. Departamento de Censos. VIII Recenseamento Geral, 1970, série regional, p. 206.

³⁴ SILVA, Elizabeth Farias da. **O fracasso da oposição no poder**. Lages: 1972-1982. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994, p. 30.

salário em moeda.³⁵ Até então os trabalhadores das fazendas eram agregados/as³⁶ de coronéis.³⁷

Nesse sentido, partindo da premissa de que a indústria da madeira mudou a ‘cara’ de Lages tornando-a, principalmente na década de 1970 em uma cidade eminentemente urbana, as relações sociais como as de namoro sofreram modificações, como será mostrado nos três capítulos seguintes.

Assim, é pertinente dizer que Lages, na década de 1960, se tornou a primeira cidade do Estado de Santa Catarina a chegar a cem mil habitantes, sendo um município onde a maioria dessa população morava em áreas rurais,³⁸ sendo o município de maior extensão territorial de Santa Catarina, 2. 645 Km².

Dessa sociedade rural até os anos 1960, os namoros eram caracterizados como ‘namoros de sítio’, onde se namorava no domingo, na casa dos pais da moça. Era um namoro baseado no compromisso verbal, e que geralmente resultava em casamento. O grupo musical gaúcho, *Os Serranos*, gravou em 1990 a música *Namoro de sítio*, escrita por Edson Dutra, um dos integrantes do grupo. A letra da música conta de forma estereotipada os costumes dos namoros rurais. A música é ambientada no Rio Grande do Sul, Estado que faz fronteira com Lages e que, portanto, influenciou culturalmente as pessoas do planalto catarinense. Segue a letra da música:

³⁵ Idem. p. 29-30.

³⁶ Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, Michaelis (2008, p.30-31), agregado é um lavrador pobre que se estabelece nas terras de outros, com permissão dos proprietários. O que vive em família como se fosse parente. Serviçal, criado.

³⁷ Sobre o ‘coronelismo’ na região de Lages Paulo Pinheiro Machado em nos explica que “em 1883, a Guarda Nacional em Santa Catarina possuía um comandante-geral (coronel) e quatro comandos regionais (chefiados por tenentes coronéis). Os municípios de Lages e Curitiba formavam o quarto comando. Os fazendeiros locais ocupavam os cargos de oficiais e ao mesmo tempo disputavam cadeiras nas câmaras municipais, nos juizados de paz e na Assembléia Legislativa provincial. Lages possuía o maior contingente e o maior número de oficiais: Vidal Ramos (sênior), Vidal Ramos Júnior e vários outros” MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In: BRANCHER, Ana e ÁREND Silvia Maria Fávero (orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001, p. 24.

³⁸ Lages na década de 1960 tinha 115.775 habitantes, a capital do Estado Florianópolis tinha 72.889. Informações retiradas do site http://www.arq.ufsc.br/urbanismoV/artigos/artigos_pj.pdf em 12 de outubro de 2011. Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Censo 2010 destacam Lages entre quatro cidades brasileiras consideradas de porte médio que apresentaram decréscimo populacional avançado. As outras três são Uruguaiana, no Rio Grande do Sul; Foz do Iguaçu, no Paraná; e Ilhéus, na Bahia. O IBGE aponta como causas da queda de habitantes o desenvolvimento estagnado e o Produto Interno Bruto (PIB) per capita muito baixo. A cidade tinha 151.235 habitantes em 1991; 148.860 em 1996; 157.682 em 2000; 161.583 em 2007 e 154.122 em 2010. Informação retirada do site: <http://wp.clicrbs.com.br/diariodaserra>. Acessado em 15 de julho de 2011

Tendo horizonte nos olhos dava estrada pro pingo, perfumava a melena porque sempre era domingo, apeava num bolicho dava adeus ao bolicheiro, já pedia uma pura e umas palhas pro palheiro. Virava a canha nos queixos já me olhavam com espanto, pedia mais uma pura deixava a paga pro santo, já montava a cavalo rumo à estância do Seu Bento, saía cortando estrada dando rédea ao pensamento. Dez e meia eu chegava à prenda abria o portão, o sogro me recebia alegre estendendo a mão, vá apeando companheiro desencilhe no galpão, e depois passe pra dentro pra tomar um chimarrão. Meio dia no almoço um churrasco de patrão, me convidavam pra mesa com toda satisfação, de tarde ia pra sala a sogra um doce servia, cafezinho não demora já o sogro prevenia. A tarde inteira ficava fazendo planos com a prenda de um dia nos casarmos e morarmos na fazenda volta e meia sem aviso na sala o sogro entrava, pra falar de qualquer coisa sobre o tempo perguntava. Quando ia escurecendo da prenda eu me despedia dando um beijo escondido aos velhos agradecia, encilhava o meu cavalo saía num trote lento. Este é o namoro de sítio que termina em casamento.³⁹

Essa relação de namoro de sítio, mostrada através dessa música, ajuda-nos a entender os namoros ocorridos em nas áreas rurais de Lages, namoros estes, como informa a música baseados no respeito, nos princípios morais e religiosos.

1.3 LAGES NOS ANOS 1970

“Cavalos lerdos e mulheres ligeiras. Nas patas deles e nos braços delas, a perdição de todo serrano incauto”.⁴⁰ Na constatação do literato Márcio Camargo Costa⁴¹ esse foi o destino do dinheiro ganho pelos fazendeiros com a venda dos pinheiros do planalto catarinense.

E Lages assistiu ao declínio da indústria da madeira na década de 1970 quando as araucárias chegaram ao fim, ou seja, os coronéis não investiram seus lucros, não se preocuparam em plantar araucárias e o colapso para eles foi drástico. Coincidência ou não, com o início do declínio da indústria da madeira, em agosto de 1970, o 2º Batalhão Ferroviário foi transferido para Santarém, no Pará, contribuindo para o desemprego. Dois distritos de Lages, Correia Pinto e Otacílio Costa emanciparam-se, fazendo cair à arrecadação de impostos. Somado à chegada de pessoas de diferentes lugares para a cidade, fez-se com

³⁹ Letra retirada do site <http://letras.terra.com.br/os-serranos/258127/>. Acessado em 15 de novembro de 2011.

⁴⁰ COSTA, Márcio Camargo. **A caudilha de Lages**. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1987. p. 106. Das mulheres o autor está se referindo às profissionais do sexo que moravam e trabalhavam em casas na zona do meretrício, e dos cavalos trata-se do *Jockey Clube de Lages*, onde coronéis, homens de negócios se reuniam para apostar em corridas de cavalos.

⁴¹ Márcio Camargo Costa nasceu em Florianópolis, mas em Lages constituiu família, foi agrônomo, professor do CAV (Centro agro-veterinário- UDESC), escreveu centenas de contos, poemas e letras de música. Escritor regionalista era mestre na arte de contar “causos”. Faleceu no dia 25 de setembro de 2011, em Lages.

que as velhas oligarquias ganhassem concorrência, pois até 1964, ano do golpe militar, *novos* políticos apareciam distribuídos em diferentes partidos como UDN, PSP, PSD e PTB. Fatores que influenciaram no campo político, sendo que na eleição municipal de 1972 houve a vitória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB).⁴²

Em 1972, o advogado Juarez Rogério Furtado venceu as eleições para prefeitura de Lages, e “Foi na História de Lages, político opositor eleito para a chefia da Administração Municipal”, dando fim ao longo período de governo municipal dos Ramos ou de prefeitos ligados a eles. Juarez Furtado fazia discursos elaborados, incentivava a participação do povo no governo e com isso ganhou confiança, até mesmo da matriarca Emília Furtado Ramos, viúva do ex-prefeito Vidal Ramos Júnior.⁴³ Seu governo teve aprovação popular, tanto que, consecutivamente, em 1976, é eleito seu vice para prefeito de Lages, o arquiteto Dirceu Carneiro.⁴⁴

Portanto, em 1972, em pleno Regime Civil Militar, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) representado por Juarez Furtado, que já era conhecido nos meios do extinto PSD, venceu a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) que era até então vitoriosa desde o Estado Novo⁴⁵ representada em Lages por um dos últimos remanescentes da oligarquia Ramos, Áureo Vidal Ramos.

Do regime civil militar brasileiro, compreendido dos anos 1964 a 1985, este foi o momento mais rigoroso ao que se refere ao controle político e institucional imposto à sociedade brasileira. Neste sentido, por imposição, nos anos 1970, havia apenas dois partidos políticos permitidos, a ARENA, o partido do governo, e o MDB, a oposição. Na ARENA estavam pessoas ligadas a oligarquias, grandes empresários, banqueiros submissos ao imperialismo norte-americano os quais patrocinaram o golpe dando poder aos militares. E de uma forma forjada justificavam a ‘revolução de 1964’ com uma defesa contra o comunismo

⁴² GUEDES, Fábio Luís. O mutirão por uma vida melhor: trajetória histórica do projeto lageano de habitação 1977-1982. **Trabalho de Conclusão de Curso em História** pela FACVEST, Lages, 2005, p. 55.

⁴³ SILVA Neto, Manuel Nunes. Educação em Lages – Uma visão trinta anos depois. **Palestra proferida no encontro com professores**, promoção do SINPROEL, em Lages, 26 de maio de 2010, p. 02.

⁴⁴ Dirceu Carneiro formou-se em arquitetura em 1971 pela Universidade Federal de Santa Catarina. Depois da carreira política se tornou pecuarista. Posteriormente se tornou um político conhecido nacionalmente, sendo deputado federal de 1983 a 1987 e senador de 1987 a 1995

⁴⁵ No dia 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas anunciava o Estado Novo, em cadeia de rádio. Iniciava-se um período de ditadura no Brasil. Alegando a existência de um plano comunista para a tomada do poder, o Plano Cohen, Getúlio fechou o Congresso Nacional e impôs ao país uma nova Constituição, que ficaria conhecida depois como ‘Polaca’ por ter se inspirado na Constituição da Polônia, de tendência fascista.

internacional, o qual foi construído como se fosse uma ameaça contra a ‘democracia’, tudo que o Brasil não era nesse momento.⁴⁶

Mas esse regime não se deu de forma pacífica, a ditadura militar levou estudantes as ruas dos grandes centros urbanos para contestar a autoridade dos generais com movimentos de ‘Abaixo a Ditadura’. Em oposição ao regime, em 1967, em especial no governo do general Arthur Costa e Silva, houve a passeata dos Cem Mil, organizada por estudantes pertencentes à UNE (União Nacional dos Estudantes) no Rio de Janeiro. Neste mesmo ano ocorreram duas grandes greves de operários em Osasco, São Paulo e em Contagem, Minas Gerais, além de jovens de esquerda, guerrilheiros, que assaltavam bancos obtendo fundos para o movimento de oposição ao governo. Em dezembro de 1968, movimentos de mobilização foram duramente reprimidos pelo mais rigoroso dos Atos Institucionais da ditadura militar no Brasil, o AI-5, que foi extinto somente em 1978 no governo de Ernesto Geisel. Através deste Ato, entre outras coisas, foram aposentados juízes, cassados mandatos, não havia mais garantia de habeas-corpus, tortura e abuso contra presos era permitido. Várias pessoas, consideradas opositoras, foram interrogadas, tiveram suas residências invadidas, foram acusadas de subversivas e muitas delas foram presas, sequestradas, exiladas, torturadas e assassinadas por representantes do regime.⁴⁷

Neste sentido, a eleição de 1976 em Lages, a que elegeu Dirceu Carneiro do MDB, ocorreu num momento em que a política brasileira buscava meios para a redemocratização do país. A partir da segunda metade dos anos 1970 “[...] à participação popular se fez presente no discurso oposicionista e configurou-se como um contraponto ao regime civil militar. “Foi nesse cenário que se desenvolveu, por exemplo, a experiência de Lages”.⁴⁸ Das eleições, nos mostra René Remónd que esta, “[...] é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos”.⁴⁹

Quanto à administração municipal do MDB, em meio aos anos 1970 em Lages, é importante destacar que, assim como a de Juarez Furtado, ela também tinha um caráter popular, comunitário, vê-se já no discurso de posse de Dirceu Carneiro:

⁴⁶ RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 40.

⁴⁷ ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 269-270.

⁴⁸ DAGNINO, Evelina. **Os movimentos sociais e a construção da democracia no Brasil**: Tendências Recentes. São Paulo: Unicamp, 2000, p. 56.

⁴⁹ REMÓND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 40.

[...] O município brasileiro, administrá-lo é uma tarefa muito difícil, mercê de suas limitações econômicas, mercê de seus problemas que se agigantam a cada dia que passa. [...] Aqui em Lages, nós temos um rápido diagnóstico: problemas habitacionais, problemas de planejamento urbano e assim sucessivamente, como todos conhecem a realidade que vivem. [...] aquela velha figura que se usa nos campos, pela agricultura, quando um ruralista não consegue fazer a roça num dia, convoca a sua vizinhança, os seus parentes, os seus amigos e exercem o **mutirão**, que num dia faz o trabalho de trinta. [...] queremos propor aos lageanos uma nova fórmula de trabalho. [...] Vamos aplicar essa sabedoria, que a vida nos ensinou aqui, vamos aplicar a sabedoria que a ciência nos ensinou na faculdade e vamos desenvolver um trabalho de Lages, com os recursos humanos que a sua própria terra oferece para construirmos o futuro de nossa gente e nossos filhos, como nossos próprios recursos, com a nossa própria gente [...].⁵⁰ (grifo meu)

Nota-se que a política dos anos 1970, em Lages, houve o rompimento do poder das velhas oligarquias, que se deu em meio à quebra de paradigmas, de rompimento dando lugar a uma política de participação popular. ‘Lages, a força do povo’ foi a logomarca usada na administração de Carneiro, ponto importante na história local o que dá indícios para pensar a ligação entre decadências econômicas dos coronéis, ascensão de partidos populares e aponta para a exacerbação dos valores morais.

1.4 A IMPRENSA DE LAGES NOS ANOS 1970

Se por um lado discursos da imprensa procuravam aliviar a decadência sofrida pelos fazendeiros e empresários da madeira, por outro era evidente que as perdas econômicas e com o fim da exploração da madeira deixaram um vácuo desolador. A economia precisava se reinventar.

Em 1972 o colunista do *Correio Lageano* ‘A. Lustosa’ através do artigo intitulado “Algo sobre Lages”, conta-nos que era necessário elevar o moral de sua população, e querendo “informar aos outros lugares que pouco sabe de Lages”,⁵¹ tece sua narrativa procurando louvar os esforços de um passado quase épico, mas com a intenção de mostrar um presente animador.

[...] Lages superou a totalidade dos empecilhos, sobrelevou-se, e atualmente, é uma bela cidade como sempre foi. Certo é que o seu desenvolvimento tornou-se possuidora de tudo o que é bom, sobrelevou-se, e atualmente, é uma bela cidade

⁵⁰ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 02 de fevereiro de 1977.

⁵¹ Idem. 10 de maio de 1972.

como sempre foi. Certo é que o seu desenvolvimento tornou-se possuidora de tudo o que é bom e confortável no momento que passa. [...]

O então colunista, Almiro Lustosa Teixeira de Freitas, que se assinava como ‘A. Lustosa’, era conhecido na cidade como ‘Seu Pitu’ na ocasião em que escreveu o artigo em 1972, era um senhor de 81 anos, não era lageano e sim baiano, mas morou em Lages desde 1911. Veio com seu pai juiz de direito, era de família abastada, tinha parentesco com Mário Augusto Teixeira de Freitas, fundador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foi um dos fundadores do jornal *Correio Lageano*, presidente do clube social *14 de Junho* de 1930 a 1932.⁵² Portanto, Lustosa era uma pessoa influente na cidade e ao que se nota, ressentindo-se da decadência toma para si e espraia os desejos que eram, por certo, da maioria dos moradores. Sua voz é autorizada⁵³ e por isso pode explicar-se desta forma. Na sua narrativa, ele enaltece a cidade como vencedora.

Sua vida é marcadamente ativa. Não poucas vezes se pode observar centenas de pessoas circulando por suas ruas, dando desempenho a seus afazeres, enquanto inúmeros veículos motorizados dos 8 mil e tantos, mais ou menos, que correm pela cidade, dando a maior vida e, pouco maior animação a vida cidadina.⁵⁴

Lustosa escreveu artigos no *Correio Lageano*,⁵⁵ um jornal que era, e ainda hoje o é, porta-voz das oligarquias, logo era também, a voz dos coronéis, pecuaristas como se pode

⁵² COSTA, Licurgo. **Clube 14 de Junho**: Oito décadas de uma vida gloriosa. Florianópolis: Editora da UDESC, 2002, p. 136.

⁵³ Utilizo-me da ‘voz autorizada’ na concepção de Pierre Bourdieu quando ele diz que, “O princípio do poder das palavras reside na cumplicidade que se estabelece, por meio delas, entre um corpo social encarnado num corpo biológico, o do porta-voz autorizado, e corpos biológicos socialmente moldados para reconhecer suas ordens, mas também suas exortações, suas insinuações ou suas injunções.” BOURDIEU, Pierre. **O campo econômico**: a dimensão simbólica da dominação. Campinas: Papyrus, 2000, p. 61.

⁵⁴ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 10 de maio de 1972.

⁵⁵ Hoje, o *Correio Lageano* é o único jornal diário da cidade. Começou a circular em 1939 quando Idálcio Arruda e João Ribas, juntamente com o colunista, aqui citado, Almiro Lustosa Teixeira de Freitas o fundaram com o objetivo de veicular notícias sobre a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Getúlio Vargas. Em princípio o jornal era semanal chegando a ter, em 1951, duas edições semanais, um marco para a imprensa na região, quando foi vendido para José Paschoal Baggio, Evilásio Neri Caon, Edézio Neri Caon e Sirth de Aquino Nicolelli, que pro paganizavam as/aos leitoras/es um jornal ‘independente e noticioso’, tão logo assim que assumiram a direção do jornal assim o divulgaram: “O *Correio Lageano*, enquanto estiver sob nossa orientação, será um órgão livre, independente, sem subordinação a organizações de qualquer espécie. [...] Nos endereçando sempre aos anseios do povo, quer das classes produtoras, quer das classes trabalhadoras, humildes e de todas as categorias profissionais (Informações retiradas do site <http://www.clmais.com.br/sobre-o-jornal/nossa-historia/> em 29/07/2011). Apenas em 1967 o *Correio Lageano* passou a ser diário. Mesmo com a propaganda do jornal, feita pelos novos proprietários, de que seria um jornal voltado ao povo, as classes trabalhadoras, humildes, de todas as categorias profissionais, este jornal sempre esteve a serviço da elite lageana.

perceber na continuação do artigo em que Lustosa valoriza a pecuária ao ser comparada com a indústria da madeira:

[...] O progresso de Lages em todos os sentidos que a possa tornar cada vez mais merecedora de elogios e admiração, tem sido surpreendentemente, pois que as suas indústrias fabris embora não sejam numerosas, possuem sensível importância, visto serem consideradas exemplarmente administradas, destacando-se as de papel e celulose que registram capitais vultosos, Lages se destaca, não há como negar, igualmente, hoje em dia, como a mais de um século, pela sua pecuária, que nos dias que correm é muito adiantada. Tem sido ela, incontestavelmente, a coluna mestra de sustentação da cidade, sempre em posição perfeitamente ereta, resistindo a inúmeras vicissitudes porque passam quase a maioria das cidades do interior e seus municípios, quando no início de seu adiantamento, conforme se poderá aquilatar pelo valioso livro do Dr. Indalécio Domingues de Arruda, que aborda a pecuária lageana com profundo conhecimento do assunto e sem a menor ficção.⁵⁶

Além de porta-voz das oligarquias, o jornal *Correio Lageano* apoiava o regime civil militar afinado com a ideologia vigente nos anos 1970, e por isso não sofreu censura. Essa informação pode ser lida através de uma nota no próprio jornal, na primeira página:

Terão prosseguimento amanhã as solenidades alusivas ao 8º aniversário da Revolução Democrática de 31 de março de 1964. A organização dos festejos que foram iniciadas domingo, está a cargo do 1º Batalhão Ferroviário, Prefeitura do Município de Lages e Coordenadoria Regional de Educação da 7ª Região.⁵⁷

Percebe-se então que o governo do prefeito Áureo Vidal Ramos representante da ARENA, popularmente conhecido como *Nuta*, juntamente com o jornal *Correio Lageano* e Coordenadoria Regional de Educação fazia questão de divulgar e comemorar o aniversário da “Revolução de 1964” considerando-a “democrática”. Essa alegação se dava em comparação ao comunismo, sendo este considerado por eles, o governo da desordem.

Os artigos desse jornal reafirmavam padrões morais e de boa conduta. Essa postura justifica-se pelo fato de que o proprietário do jornal nos anos 1970, Sr. José Paschoal Baggio,⁵⁸ era também presidente do clube da cidade frequentado pelas famílias de maior poder aquisitivo e prestígio social da cidade, o *Clube 14 de Junho*. O jornal era anunciado

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 28 de março de 1972.

⁵⁸ José Paschoal Baggio descende de uma família de italianos que vieram para Lages para trabalharem com madeiras.

pelos empresários da cidade. Ao folheá-lo veem-se propagandas de concessionárias de carros, lojas de autopeças, comércio de roupas, bancos, como o Banespa, por exemplo, postos de gasolina. Dessa forma, o jornal era produzido para defender os interesses de classes que se destacavam no meio social e econômico.

Nesse sentido, com o advento da indústria da madeira em Lages, provocou-se o êxodo rural, o crescimento populacional e, portanto, num significativo aumento da classe operária,⁵⁹ isso em meio à decadência do ciclo da madeira o que refletiu na virada política nos anos 1970, logo as famílias de melhores condições financeiras e sociais precisavam assegurar que seus filhos e suas filhas obtivessem bons enlances matrimoniais, forma de assegurar certo poder, ou a destituição da classe e não ‘perder a pose’ como é comum ouvir, e não querer baixar o *status*.

Mesmo com o aumento populacional, devido à vinda de migrantes italianos, alemães, libaneses e descendentes destes para Lages, e o expressivo êxodo rural, a cidade não perdeu suas características rurais, não mudou a relação existente entre o homem/mulher sitiante, chamado/a de ‘caboclo/a’⁶⁰ com o campo, essa relação nas palavras de Lourival Andrade Júnior “[...] permaneceu até os dias atuais e mostra o quanto o mundo rural é vivo mesmo depois de todo um forjar de modernidade que se experimentou na cidade [...]”.⁶¹

Este processo de empobrecimento da cidade dividindo a decadência econômica, a perda de status, o poder de parte das famílias oligárquicas, resultou na origem de uma favelização,⁶² sugerindo, assim, um movimento de cobranças de condutas por parte dessas famílias que sentiam a necessidade de se distinguirem das classes populares.

Nesse sentido, essas famílias, em meio a mudanças de direção financeira devido ao fim das araucárias, procuraram fechar-se entre si, e reafirmarem enquanto “superiores”. Nessa perspectiva podem ser observadas pelo jornal e em informativos dos clubes sociais da cidade notícias publicadas por pais e mães sobre seus/as filhos/as:

⁵⁹ Trabalho classe na perspectiva de Thompson, pois ele analisa a formação de classe a partir do cultural e sua relação com o econômico. A classe social delimita-se a maneira como homens e mulheres vivenciaram suas produções e suas relações nas próprias experiências, em situações específicas, no interior do conjunto de suas relações sociais, onde a cultura e as expectativas, a eles/as transmitidas, estavam ligadas ao modo pelo qual viveram essas experiências em nível cultural. THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 277.

⁶⁰ O/a caboclo/a lageano/ é usado pelo historiador Paulo Pinheiro Machado que ao falar da “Guerra do Contestado” usa o termo para designar posseiros e sítiantes da região do planalto catarinense.

⁶¹ ANDRADE Jr. Lourival. **Da barraca ao túmulo**: Cigana Sebinca e as construções de uma devoção. Tese de doutorado: Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2008, p. 155.

⁶² Nos meados da década de 1970, o prefeito Dirceu Carneiro (1977-1982) desenvolveu um programa, destinado a pessoas de baixa renda, de habitação popular. Esse programa ganhou visibilidade nacional na época. As discussões sobre esse projeto podem ser lidas em Fábio Guedes, escreveu seu **TCC de graduação de História** em 2005 sobre esse tema: ‘O mutirão para uma vida melhor: trajetória do projeto lageano de habitação, 1977-1982’.

Para quem não conhece esta linda garota é MARGARETH LETTI. Conhecida por seus íntimos amigos como GUETTI; com seus 16 anos GHETTI transmite alegria; gosta de pessoas descontraídas que saibam se relacionar com a cuca aberta. Seu esporte preferido é tênis de campo; adora festas, principalmente quando toca sua música preferida ROCK AND ROLL.⁶³

Na citação acima, percebe-se de que se tratava de uma moça solteira que pretendia arrumar um namorado, provavelmente um bom partido, e para isso havia toda uma tentativa de impressionar a quem lesse a nota, era necessário demonstrar ser uma pessoa divertida, atualizada com as referências da sua idade, como bom gosto por música, e sua condição na sociedade, como ter preferência por esporte de elite, “tênis de campo”. Além de toda uma utilização de palavras modernas para a época como “cuca aberta”, ali utilizada.

Essas publicações não eram algo inusitado, meninas ‘de sociedade’ apareciam com certa frequência nos informativos sociais. Algumas vezes elas estavam relacionadas a datas de aniversários como, por exemplo:

REJANE MARIA BAGGIO uma garota que transmite alegria e simpatia para todos que a cercam. Adora viajar e curte muito seus amigos. Seu som preferido é discoteque e sua leitura é um bom romance. Rejane reunirá a Young society dia 23 deste demonstrando a arte de bem receber ao lado de seus pais Walmor Baggio e Maria Nedir. Temos a certeza que todos os seus amigos irão abraçá-la, pois ela cativa a todos com seu belo sorriso.⁶⁴

Assim como a outra nota, nessa também se entende que havia um discurso sobre o ideal esperado de uma moça, ela deveria ser “alegre”, “simpática”, cortês, educada, ter gosto por coisas que estavam na moda como à discoteca, na época.

Para contrastar com as notas das meninas, percebe-se que não eram somente as moças que tinham notas publicadas, para os rapazes também eram utilizadas essas artimanhas. Na nota a seguir podemos evidenciar que o que era valorizado para uma moça, não era o mesmo para um rapaz:

O jovem ALCEU FERNANDES FILHO, a partir deste mês passou a residir na capital catarinense, onde cursará a Faculdade de medicina (UFSC). Seus pais Alceu Fernandes e Nilce radiantes de alegria com sua vitória no Vestibular.

⁶³ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 de Junho*. Lages, 14. Abril de 1979.

⁶⁴ Idem.

Vê-se, assim, que para uma moça era importante ser simpática, alegre, ter gosto para o que estava na moda, enquanto que para um rapaz, reafirmando, era importante estudar, passar num curso que dava prestígio social como medicina.

Essas famílias se utilizavam da imprensa para noticiar qualidades, conquistas de seus/uas filhos/as com o intuito de distinguirem-se socialmente visando obterem casamentos bem sucedidos que lhes dessem ou mantivessem status. Nesse sentido, eles/as mostram-se, ou são mostrados por suas famílias possuidores de gostos requintados comparado as classes populares. Esses gostos são manifestados através de práticas de consumo, como neste caso, a nota de jornal.

Quem discute a distinção social por meio do julgamento do gosto é o sociólogo francês Pierre Bourdieu em *A distinção: crítica social do julgamento* que nos ensina que as relações sociais são criadas para criar distinção.⁶⁵

Sendo assim, esse mundo social em que moços e moças namoravam nos anos 1970 em Lages se deu num sistema de relações de poder, utilizando-se do simbólico, que modelava a distinções do gosto as quais davam margem para o julgamento social.

⁶⁵BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento, 2ª ed., Porto Alegre: Zouk, 2011.

CAPÍTULO DOIS

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES PARA O NAMORO EM LAGES NA DÉCADA DE 1970

Memórias, lembranças saudosistas levam lageanas/os que têm hoje entre 50 e 60 anos de idade a organizarem uma comunidade na rede social filiada ao Google, *Orkut*⁶⁶ onde divulgam bailes, realizados no *Clube 14 de Junho*, para reunir a ‘turma’. O *14*, como é chamado pelas/os lageanas/os, foi um dos clubes sociais onde aconteceram bailes, *soirées*⁶⁷ e depois a boate do *14*, um espaço onde jovens, de classe média, se conheceram, namoraram no século XX.

Soirée dos anos 60: a festa continua é o nome da comunidade que muito pouco tem dos anos 1960, são mais fotos e depoimentos sobre os anos 1970. No presente elas e eles se reúnem para recordarem as noites de festa dos anos 1960 e 1970 e na comunidade deixam fotos recentes, antigas e depoimentos saudosistas como este de Maria Alice, frequentadora do *Clube 14 de Junho* nos anos de 1970, falando sobre as mudanças do namoro nessa década:

Entre tantas e boas lembranças o Clube 14 foi espaço para a boate Apolo 11. Quem não dançou agarradinho com as suas namoradas no jogo de luz da "Boate do 14"? Era o máximo que conseguíamos fazer. E era um namorado. Um só. E muitas jovens casaram com estes candidatos a marido na época. Ríamos de nossas mães que nunca conseguiram dançar agarradinhas com os seus namorados no "tempo" delas. Vovó estava sempre por perto. Nós não! Éramos mais modernas. Íamos à boate dos 14 e lá dançávamos de "rosto colado". Que avanço! Que modernidade. Que emancipadas! Não falávamos em casamento. Era feio. Espantava o rapaz. Deveria partir dele o convite para tudo: para namorar, para noivar, para casar. E a ordem rigorosa era esta. Um tempo tão romântico que o mais leve toque em nossa mão fazia-nos sonhar por muitos e muitos dias. Beijar? Nem pensar. Precisava alguns meses de namoro para este progresso... Mas éramos mais audaciosas que nossas mães... Dançávamos de rosto colado com o namorado! Mas ela não suspeitava.⁶⁸

⁶⁶ Do nome, *Orkut* é como se chama o funcionário turco da empresa Google que criou a rede social.

⁶⁷ No dicionário Michaelis p. 814, edição 2008, o significado de *Soirée*, suarrê, é sarau.

⁶⁸ Depoimento de Maria Alice Bampi publicado no site da rede social *Orkut* que pode ser acessado em <http://www.orkut.com.br/Main#Testimonials?uid=14875007417069449555>. Acessado em 15 de outubro de 2011. Maria Alice é lageana, mas hoje reside em Florianópolis, é mestre em psicopedagogia. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1975.

Assim, esse capítulo tem como objetivo descrever os espaços sociais onde as jovens lageanas na década de 1970 foram apresentadas à sociedade, desfilaram, e onde tanto moças quanto rapazes se conheceram, flertaram,⁶⁹ se divertiram, dançaram “de rosto colado”. Sob “jogo de luzes”, esses jovens viveram essas novidades que para a época as/os tornavam “modernas”/os, viveram relações que tinham o objetivo de se chegar ou viver o namoro, um estado social baseado no compromisso verbal de um/a para com a/o outra/o e, que os oficializavam como um casal de namorados, (futuros noivos, e depois casados, respectivamente). Essa relação estava submetida a regras elaboradas como mandava as sociedades tradicionais.⁷⁰ Neste caso a de Lages que, como vimos na citação acima, algumas eram seguidas como exemplo, pois era dele, do homem que deveria partir a iniciativa “para namorar, para noivar, para casar” mas algumas eram quebradas, como “dançar agarradinho”, e a depoente tem consciência disso.

Os espaços sociais em Lages nos anos 1970 eram circunscritos, determinados pela condição financeira, social, hereditária (de que família pertenciam), raça/etnia. Neste sentido, as relações de namoro entre moças e moços deveriam seguir essas regras. Isso ocorria de forma explícita dentro dos clubes no final dos anos 1970, entretanto um novo espaço social, mais democrático amenizou essas determinações, interferindo inclusive nas relações de namoro, foi a chegada das discotecas em Lages. Ali para frequentar não precisava ser sócia/o como nos clubes sociais, era somente necessário pagar o ingresso, não se convidava para dançar, como nos bailes dos clubes, não se dançava em par, as moças não precisavam esperar o convite dos moços para dançar; pois na discoteca, eles passaram a dançar sozinha/o, solta/o, como diziam, ou em grupos, num ambiente diferente, escuro sob efeito de jogo de luzes coloridas, com músicas eletrizantes.

Com relação aos/as jovens aqui discutidos/as trago como suporte os estudos da historiadora Luisa Passerini através do artigo *A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950*, em que ela analisa jovens sob o regime fascista e os da América nos anos 1950. Por essa pesquisa de Passerini entende-se, entre outras coisas, que devido a década de 1950 houve uma expansão no ocidente, incluindo o Brasil do estilo de vida norte-americano *american way of life*, que incluía um comportamento social, uma cultura juvenil anos 1950. Momento este em que essa cultura passou por mutações. Neste caso, Passerini nos leva a pensar que as/os jovens do pós Segunda Guerra, inaugurou uma nova forma de ver a juventude, não generalizando porque

⁶⁹ Segundo o dicionário Michaelis, flertar é “ter um namoro ligeiro, sem conseqüência”.

⁷⁰ AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. Ática: São Paulo, 1986. p. xi.

os/as jovens anos 1950 eram diversificados. Entretanto uma geração chamada *teenager* que possuem interesses em comum como usufruir da vida urbana, de atividades ligadas a bares, bailes, esportes, automóveis com motores potentes, música (*rock and roll*), além da aparência (um jeito novo de se vestir, calça jeans ou o estilo afro-americanos - gangues, corte de cabelo *Elvis Presley*) modelando um universo jovem, que dava identidade à cultura juvenil, mostrou indícios de quebra de barreiras com relação ao gênero e a cor (raça/etnia).

2.1 OS CLUBES SOCIAIS DE LAGES

“Eu ia em todos os lugares, *1º de Maio, 1º de Julho, Juvenil, Aero Clube, Cruz e Souza, 14, Cinema*. Eu transitava em todos eles, porque eu não era nem rico, nem pobre, nem branco, nem preto”.⁷¹ Relata o lageano Luís. Pelo seu depoimento podemos perceber como era imposta à sociedade normas estereotipadas de inclusão e de exclusão. O depoente se considerava incluído por não se encaixar em nenhum estereótipo que pudesse excluí-lo.

Para os rapazes nos anos 1970, fosse de família mais abastada ou não, ainda havia certa facilidade, liberdade de circulação de espaços. Sobre o *Clube 14*, por exemplo, segundo o depoente, “dava-se um jeito”, (porém no *Serrano*, não tinha jeito, era mais fechado), o que não havia para as mulheres, principalmente para as moças que eram tolhidas, ou seja, tinham espaços determinados, considerados adequados, isso até os meados dos anos 1970, porque a partir daí apareceram as discotecas que trouxeram uma certa liberdade ao que se refere às sociabilidades.

Sobre as discotecas, segue o depoimento de Vera contando que muitas moças não podiam frequentá-las, a não ser escondidas. Ela fala que para a época,

moça de família só participava de clube de sociedade [...] O Aero⁷² era vulgaridade, era visto como um antro. Não era como os clubes da sociedade que tinha que ser formal, dentro daqueles padrões estabelecidos como morais [...].⁷³

Portanto, durante os anos 1970 os clubes sociais tiveram papel marcante como espaços de sociabilidade para as relações de namoro entre as filhas e filhos de pessoas de

⁷¹ Entrevista concedida por Luís, 57 anos. Lages, 27 de agosto de 2011.

⁷² Aero é abreviação de *Aero clube*, discoteca de Lages.

⁷³ Entrevista concedida por Vera, 55 anos. Lages, 23 de setembro de 2011.

status da sociedade lageana. Prossegue o depoimento de Vera, contando o comportamento que deveria se ter dentro dos clubes sociais nos anos 1970. Ela nos conta que para se dançar com um rapaz dentro de clube havia todo um ritual:

[...] os rapazes vinham na mesa pra tirar a gente pra dançar, eles vinham convidar, pedir licença pra família pra dançar com a gente. E o meu pai permitia mas, ele dizia: “óh, é uma música ou duas no máximo”. Ele já avisava quando o rapaz vinha na mesa. Era tudo meio longe porque também não dava pra dançar muito coladinho, porque se os caras comessem a puxar, a gente já sabia como pôr o cotovelo aqui na frente porque o pai tava lá na frente medindo a distância (risos), porque vinham se esfregando nas meninas e o meu pai não admitia. E se o rapaz já na primeira música viesse puxando muito, o pai já fazia sinal, “venha sentar porque esse não dá”. Daí a gente já agradecia dispensava o rapaz e ia sentar. Mas se eu tava dançando e o rapaz era legal e não era abusadinho, a gente tinha uma conversa legal, a gente tava embalando numa conversa, o meu pai via que passava da terceira música e a conversa tava muito animada e eu não tinha dispensado o rapaz, ele ficava bem louco, ficava em pé, ao lado da mesa, fazendo sinal e eu pagava o maior mico, eu morria de vergonha. E teve uma época que ele chegava a assoviar. [...] E se eu me fizesse de boba ele ia lá pedir licença pro rapaz: “óh, agora é comigo essa música!” E ele ia dançar comigo. [...] Eles não queriam que a gente criasse vínculo e nem que desse tempo de combinar nada com ninguém, cortavam de primeira.⁷⁴

Como nos relatou Vera, o contato entre um rapaz e uma moça durante a dança dentro de um clube social, neste caso o *Clube 14 de Junho*, se dava em meio a regras, “uma música, duas no máximo”. Mas e por quê? Para não dar tempo de criar intimidade a ponto que eles “criassem vínculo”. Um pouco de intimidade seria permitido somente depois de um compromisso formal e autorizado pela família, assim regiam as normas. No caso de Vera, seu pai a acompanhava para mostrar que sua filha era uma moça de “respeito”, e mais, ele poderia dar o aval de quem ela poderia, ou não se envolver.

Acerca dos rituais, como esse descrito, serão analisados na perspectiva de Bourdieu, entendendo que um ritual institui diferenças, aos que se identificam dos que estranham. Os ritos dão sentido, e legitimam determinadas práticas sociais.⁷⁵

Assim, a partir da narrativa acima, podemos perceber que através de rituais se estabeleciam regras para o namoro. Neste caso dos anos 1970, dentro dos clubes sociais de

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 98.

Lages eram espaços pedagógicos que estavam a serviço de um projeto familiar que controlavam a vida social feminina. Aqui a depoente se referiu ao *Clube 14 de Junho*.⁷⁶

Do *14*, em 1976, lembrando que sob a direção de José Paschoal Baggio proprietário do jornal *Correio Lageano*, foi “[...] inaugurada sua nova e grandiosa sede própria, em edifício de dez pavimentos e dotada de todos os requisitos de um grande clube [...]” (COSTA, 1982, p. 505). Vale ressaltar que a discoteca do *Clube* encontrava-se no nono andar.

Para demonstrar supremacia, magnificência das /os associadas/os, eram trazidos/as pessoas famosas para se apresentarem no *Clube 14*, como a cantora paraguaia Perla que morando no Brasil, na década de 1970 estava no auge de sua carreira.⁷⁷ “Mais um sucesso da atual Diretoria foi a realização do Baile em homenagem aos pais, realizado dia 20 de agosto próximo passado com a apresentação da cantora Perla”.⁷⁸

Neste sentido, a presença de pessoas ilustres, famosas oferecia aos/as associados/as desses clubes sociais, distinção. É o que na teoria social de Pierre Bourdieu chama-se o *habitus* do consumo,⁷⁹ o importante não é o que o bem oferece, como por exemplo, o talento da cantora Perla, é mais que isso, é o poder simbólico que ela representou ao se apresentar em Lages num momento de auge da sua carreira. Trata-se da distinção que ela promoveu a quem poderia vê-la. Afinal, sua presença foi publicizada.

A diretoria do *Clube* trouxe também em 1977 o cantor, ator e apresentador de televisão Aguinaldo Rayol “[...] foram homenageadas as Debutantes desta Sociedade com um Show do famoso cantor e compositor Agnaldo Rayol”.⁸⁰ “O fabuloso cantor Antonio Marcos dia 7 de outubro no Clube 14 de Junho”.⁸¹

Em setembro de 1978 no *Clube 14* esteve presente o General João Baptista Figueiredo, um mês antes de ser eleito pela ARENA como Presidente da República pelo Colégio Eleitoral. Ele era o indicado pelo então presidente, também militar, Ernesto Geisel como seu sucessor.⁸² Segue a nota registrada no Informativo do Clube: “Por ocasião da

⁷⁶ A Sociedade Literária, Recreativa e Patriótica denominada Clube 14 de Junho foi fundada no já mencionado dia e mês de 1920. Teve como primeiro presidente Octacílio Vieira da Costa. A fundação do clube se deu em meio a uma dissidência pois, essa foi feita por setenta de três sócios do Primeiro de Julho. Informações retiradas do livro '14 de Julho; oito décadas de uma vida gloriosa' de Licurgo Costa p. 505. A partir do Clube 14, a elite lageana obteve mais um espaço social para ostentar e divulgar prestígio. E assim foi ao longo do século XX.

⁷⁷ A cantora Perla fazia sucesso nos anos 1970, vendeu, ao longo da década, 10 milhões de álbuns, boa parte dessa vendagem foi com a música 'Fernando', do grupo musical ABBA, adaptada, por ela, para o português.

⁷⁸ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 de Junho*. Lages, setembro, 1977.

⁷⁹ BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª edição. Porto Alegre: Zouk, 2011.

⁸⁰ Idem. Outubro de 1977.

⁸¹ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 29 de setembro de 1972.

⁸² Figueiredo teve 355 votos contra 266 dados ao General Euler Bentes Monteiro do MDB.

honrosa visita do General Figueiredo, provável futuro presidente da República Federativa do Brasil, a nossa cidade; foi o mesmo cumprimentado pelo Presidente do Clube 14 [...]”.⁸³

Anterior ao *Clube 14 de Junho* havia o *Primeiro de Julho*. Este foi o primeiro clube social de Lages, fundado em 1896, “[...] por um grupo de homens de bom senso, para encontrar um meio de unir as famílias [...]”.⁸⁴

Entre os homens de “bom senso” o *Clube* teve como primeiro presidente Vidal Ramos. O *Primeiro de Julho*, “[...] campeão de idade, decano dos clubes dançantes de Lages [...] por muitos anos foi o único centro de diversões das famílias de maior poder aquisitivo de Lages, tendo passado pelos seus salões e diretorias as figuras mais eminentes de Lages”.⁸⁵

Licurgo Costa no livro *Clube 14 de Junho: oito décadas de uma vida gloriosa* relata sua própria impressão do *Clube Primeiro de Julho*, comparando-o com o *12 de Agosto* de Florianópolis quando ele vai para a capital fazer o colegial no Colégio Catarinense em 1916:

[...] o clube **Primeiro de Julho**, o centro social mais elegante de Lages, aliás o único do meu conhecimento, até que fui estudar em Florianópolis e era levado por meus tios ao famoso **12 de Agosto**, maior, mais movimentado que o lageano, porém não mais distinto e donairoso que ele, até pela sua sede num sobradão, sem qualquer capricho que o distinguisse dos demais, enquanto a do nosso era um belíssimo palacete neoclássico [...] tudo ali me deslumbrava: as lindas senhoras e senhoritas, com jóias ofuscantes, em trajes de alto luxo, comprados em Porto Alegre e requintados sapatos parisienses, enquanto os homens envergavam casacas, sapatilhas de verniz, importadas de Londres, luvas brancas, correntonas de ouro, de 24 quilates, atravessadas no colete branco e ostentando no meio, o medalhão com os retratos das respectivas senhoras e, coroando toda a ostentação que me deslumbrava, a Orquestra Harmonia Lageana, no coreto, ao fundo, executando suas valsas, suas mazurcas, polcas – [...].⁸⁶

Na década de 1950 o *Primeiro de Julho* tornou-se um clube de caça e tiro, conhecido na cidade como *Clube Caça e Tiro Primeiro de Julho*.

É importante falar do *Primeiro de Julho* não só porque foi o primeiro clube social de Lages, mas porque dele nasceu o *14 de Junho*. Ou seja, o *14* é uma discidência do *Primeiro de Julho*, fundado por setenta e três sócios que em forma de protesto, por desavenças nas

⁸³ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 de Junho*. Lages, setembro de 1978.

⁸⁴ FOLDER, Jubileu de Diamante do *Clube Primeiro de Julho*. Lages, 1956.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ COSTA, Licurgo. **Clube 14 de Junho: Oito décadas de uma vida gloriosa**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2002, p. 16-17.

eleições de uma nova diretoria, fundaram um segundo clube também, como o Primeiro um grêmio literário e recreativo.⁸⁷

A Sociedade Literária, Recreativa e Patriótica, sob a denominação *Clube 14 de Junho*, e fora fundado no respectivo dia e mês de 1920 instalado numa modesta casa na Rua Correio Pinto, onde se encontra até hoje. Ele se tornou um suntuoso clube para época quando na década de 1970 fora ampliado.

Tradicionalmente após a fundação de um clube providencia-se o estatuto, a bandeira e o hino. A bandeira do clube era azul e branca, o hino, infelizmente, não foi possível encontrá-lo, a única informação sobre o hino é sobre a sua autoria: Caetano Costa e musicada pelo compositor Manoel José de Mello. Quanto ao estatuto, Licurgo Costa ao escrever a história do Clube também não a encontrou por conta de um incêndio que destruiu a documentação. Coincidentemente ele conseguiu algumas partes do Estatuto de 1974, lembrando que a cada nova diretoria mudava o estatuto, entretanto ele faz uma ressalva dizendo que seus princípios básicos sempre prevaleceram. Deste vejamos a partir do artigo 1º:

Sob a denominação de Clube 14 de junho foi fundada nesta cidade de Lages, em 14 de Junho de 1920, uma sociedade literária, recreativa e patriótica.

Sendo seus fins:

Art. 2º

- A) Promover o desenvolvimento intelectual e moral dos sócios;
 - B) Proporcionar diversões lícitas aos associados, tendo em vista os interesses e recursos da sociedade;
 - C) Procurar desenvolver o patriotismo do povo lageano.
- E, para realizar tais fins, o clube
- A) Criará uma Biblioteca;
 - B) organizará partidas dançantes e concertos vocais e instrumentais;
 - C) Promoverá conferências literárias, científicas e patrióticas;
 - D) Festejará as grandes datas nacionais, estaduais e municipais;

O artigo 72 diz que

A bandeira do Club conterà as cores azul e branca, ligadas em sentido regular. [...] Depois os Estatutos refere-se aos Deveres e Obrigações da Diretoria e os dos sócios, que devem esforçarem-se o mais possível pelo engrandecimento da sociedade.⁸⁸

Pelo regulamento do *Clube*, assim como em outros clubes, a proposta era desenvolver entre um grupo seletivo de pessoas que conviviam num determinado círculo social hermético,

⁸⁷ COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens**: sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação catarinense de cultura, 1982, p. 505.

⁸⁸ COSTA, Licurgo. **Clube 14 de Junho**: Oito décadas de uma vida gloriosa. Florianópolis: Editora da UDESC, 2002, p. 104-105.

momentos de lazer, de sociabilidade, também visando acordos políticos financeiros e porque não enlances matrimoniais entre filhos e filhas.

Já o *Serrano Tênis Clube*, fundado em 1º de maio de 1954, era o mais jovem dos clubes de Lages. Sobre o *Clube* vê-se pelo depoimento de uma frequentadora e associada na época:

Fui da primeira turma de Debutantes do Serrano Tênis Clube. O Baile no Reveillon do dia 31 de dezembro de 1963. O Presidente era o Sr. Vicente Cordeiro e Sra. Ivone Cordeiro. [...] **O Serrano sempre foi um Clube de Elite**. Fui ali em bons bailes de Reveillon, São João e tantos outros.”⁸⁹ (grifo meu)

O Serrano Tênis Clube foi fundado por homens influentes da cidade de Lages com o propósito de terem um espaço para jogar tênis. Antes do *Serrano* ser fundado, eles jogavam numa quadra de concreto nos fundos do 14, mas nos anos 1950 a quadra de tênis foi utilizada para a ampliação do *Clube* e eles então resolveram criar um outra quadra de tênis na cidade. Um dos jogadores e fundadores do Serrano, Sr. Werner Hoeschl disse que a intenção era construir um espaço como o *Tabajara Tênis Clube* de Blumenau aonde era convidado para jogar pelo seu amigo Bernardo Hering. Foi escolhido o local, a antiga Cháraca Becai, foram vendidos títulos do *Clube* e adquiriram 40.000 m² da chácara. “Concomitantemente com a construção do prédio principal foi construída a primeira quadra de tênis, também de concreto, onde treinávamos as partidas entre nós. Assim o Serrano foi crescendo [...]”.⁹⁰ *O Serrano* teve a ajuda financeira de importantes empresários da cidade como Emílio Battistella, Oscar Schweitezer, Aníbal Narciso.

Enquanto famílias influentes e tradicionais da sociedade lageana se divertiam, se relacionavam socialmente dentro dos clubes, aquelas/es que não eram sócias/os frequentavam quais espaços?

Com muito calor e seca prossegue o verão lageano [...] Para associados do Clube de Caça e Tiro e Serrano Tênis Clube, um bom programa é viver num ambiente de sua sociedade à beira da piscina, junto com seus familiares e amigos. Os que não são sócios podem ir ao Parque do Guará ou ao Salto do Rio Caveiras, passar tardes agradáveis e descontraídas. Para aqueles que ficam em casa ou no centro da cidade,

⁸⁹ Depoimento de Noemi Nunes. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=6476914>> Acesso em 01 de outubro de 2011.

⁹⁰ INFORMATIVO do *Serrano Tênis Clube*. s/d, escrito em primeira pessoa pelo Sr. Werner Hoeschl.

as opções são os programas de TV, os filmes dos nossos cinemas, boas refeições nos nossos restaurantes e curtir um som nas nossas discotecas.⁹¹

A administração municipal de Lages dos anos 1970 viabilizou espaços de sociabilidade alternativos para a população lageana como o *Parque do Guará*, o *Salto do Rio Caveiras*.

2.2 OS EVENTOS SOCIAIS:

Dadas as devidas proporções, a vida social em Lages na década de 1970 era movimentada. Isso pode ser percebido pela quantidade de eventos ocorridos nos clubes sociais da cidade como gincanas, soirées, bailes, concursos, festas, festivais. Quanto aos bailes, eram vários como: baile de debutantes, de carnaval, de São João, de primavera, de páscoa, dos calouros, do universitário, do papel, da fundação do clube, de reveillon, do chopp, dos bacharéis, da independência, de natal, dos pais, das mães, das nações, da saudade, do atleta, noite elegante, noite do tirol, entre outros. Esses eventos reafirmavam o processo de construção social das classes médias lageanas para continuarem a se manterem firmes em meio à decadência econômica pela qual passavam e eles demonstravam, portanto, o poder de um grupo hegemônico ameaçado.

Nesses bailes, muitas vezes, ocorriam concursos de beleza feminina, momentos de visibilidade onde as moças solteiras, quando aptas a namorar e casar, participavam. Eram concursos de Rainha e princesa de bailes como São João, Carnaval, Rainha do Papel, Rainha de Clube. Ou ainda, havia eventos exclusivos para eleger as mais belas, como concurso da Mais Bela Normalista, a Mais Bela Bancária, a Mais Bela Comerciária, Glamour Girl, Misses, Miss Brotinho, do *Clube 14*, Miss Lages e concurso para Miss Suéter. Estas práticas de sociabilidades não eram exclusivas de Lages e ocorriam em outras cidades também. A historiadora Marlene de Fáveri ao estudar um clube em Itajaí, nas décadas de 1940 e 1950, percebeu que faziam bailes, elegiam misses e rainhas, e analisa:

Não seria o ritual de escolha das “misses” uma prática de tornar visíveis as “moças para um bom partido”? [...] Ser eleita Rainha ou “miss” tinha um significado

⁹¹ JORNAL, *Correio Lageano*, 27 de janeiro de 1979.

especial, que para as moças significava ser cortejada, e exercia aí seus poderes de “boa fada”, mas também de quem podia fazer suas escolhas.⁹²

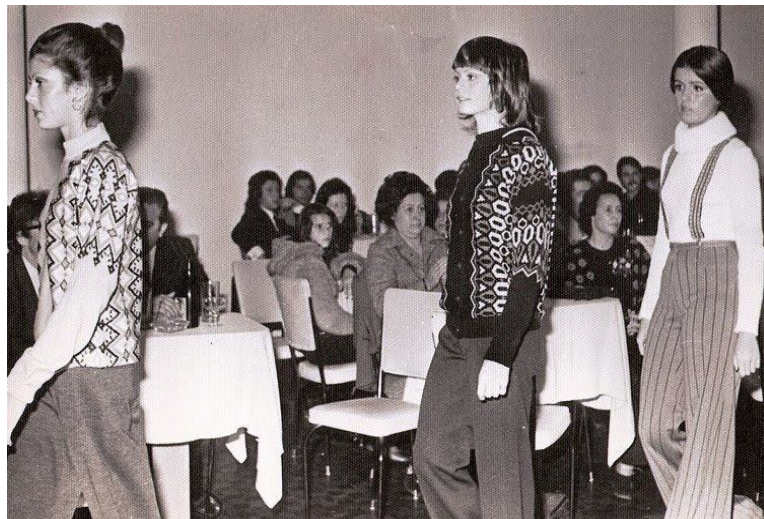


Figura 1: Concurso Miss Suéter, *Clube 14 de Junho*, 22 junho de 1973

(Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=14875007417069449555&aid=1278682763&pid=1278972657898>. Acessado em 10 de outubro de 2011. Walter Hoeschl Neto)

A fotografia acima mostra o ritual onde moças desfilaram no tradicional *Clube 14 de Junho*, concorrendo a ‘Miss Suéter’. Esse concurso era o primeiro evento social das moças lageanas filhas de famílias social e economicamente influentes nos anos 1970. Ali elas tinham uma iniciação pedagógica de como ser uma ‘moça de elite’.

Segundo entrevistas orais com mulheres que participaram desse e outros eventos, em Lages, para cada concurso havia a seguinte ordem: com treze anos de idade as meninas participavam do ‘Miss Suéter’, com quatorze anos do ‘Miss Brotinho’ e com quinze elas debutavam.

Assim, na fotografia acima, as moças tinham treze anos. No vestuário, percebemos uma novidade nos anos 1970 que não ocorria em Lages nos de 1960, ou seja, o uso da calça comprida em desfiles, que, apesar de ter se tornado moda para o uso feminino desde os anos 1960, em eventos sociais dentro de uma sociedade conservadora como Lages era considerada uma roupa masculina.

Para visualizar o quanto o uso de calças comprida em mulheres era discriminado em espaços formais ainda na década de 1970, utilizo-me de uma entrevista feita pela historiadora

⁹² FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**. A construção das elites – Itajaí, 1929-1960. 2ª Ed., Editora da Univalli, 1999, p. 81.

Roselane Neckel em 2005 à deputada estadual, feminista Heloneida Studart eleita em 1978 pelo MDB, com 58 mil votos, um mandato de luta contra a ditadura civil militar. Quando Neckel perguntou sobre o uso de calças dentro da Assembléia do Rio de Janeiro em pleno final da década de 1970 ela respondeu:

Dessa pergunta eu gosto [risos]. O secretário, um deputado sério, digno, muito conservador, do PMDB, proibia que qualquer mulher trabalhasse na Assembléia de calça comprida. Na primeira semana que cheguei, eu subi com o regimento na mão. "Estou aqui com o regimento na mão. Eu li cuidadosamente o regimento, vírgula por vírgula, e não encontrei nenhuma proibição. Quero avisar ao senhor secretário que amanhã eu vou vir de calça comprida." Foi interessante porque ele disse: "Calça comprida é roupa de usar em bares, de usar em botequins". Aí eu perguntei: "A casa de Vossa Excelência é bar? E não entra mulher de calça comprida na sua casa? Entra. A Igreja é botequim? Lá entra mulher de calça comprida". Então eu convoquei as funcionárias da casa, também. Foi um festival de calças compridas [risos].⁹³

Assim, a fotografia do concurso para 'Miss Suéter' deixa evidente que a sociedade lageana buscava ter uma imagem moderna ao apresentar desfiles com moças usando calças da moda nos anos 1970, conhecida como 'boca de sino', pois se tratando do *Clube 14*, o uso de calças num desfile não era uma afronta e sim uma aceitação da moda. Para além das calças, percebe-se, ainda, na fotografia que cada uma tem um penteado diferente, uma delas (a do meio) usava o cabelo 'estilo *Beatles*', moda na época, não usava acessórios, como jóias, cintos, e a maquiagem era leve. O concurso era para eleger qual era a mais bela menina de suéter, lembrando que Lages era (e ainda é) uma cidade com temperaturas baixas, exigindo, de certa forma, o uso desse vestuário no cotidiano.

A fotografia é aqui utilizada como uma fonte histórica, pois ela registra, através da imagem, o que aconteceu uma única vez e que tem o poder de provocar, a cada olhar, novas impressões e interpretações conforme analisa Boris Kossoy num estudo sobre fotografia. Boris a relaciona com uma máquina do tempo, colocando a câmara fotográfica e o relógio como objetos auto-referentes, pois a fotografia é uma forma de expressão cultural, que registra do tempo, acontecimentos sociais de diversas naturezas, objetos documentados através da imagem.⁹⁴

⁹³ NECKEL, Roselane. "Entra menino", "Xô, galinha" e "Sim, senhor!": entrevista com Heloneida Studart. *Revista Estudos Feministas*. vol.16 n.1 Florianópolis Jan./Abr. 2008.

⁹⁴ KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios nas imagens. In: *Revista Brasileira de História*. volume 25, n.49, 2005, p.35.

Retomando, o ritual do desfile feminino, os concursos de beleza em Lages na década de 1970 tinham um viés político, pois mais do que um evento lúdico, de sociabilidade e divertimento da elite lageana eram também espaços para visibilizar as mulheres solteiras para que jovens, de mesma condição social, financeira se conhecessem para que então as relações de namoro ficassem circunscritas, as quais poderiam, e muitas vezes se transformaram em casamentos. Eram espaços para uma sucessão de alianças entre famílias tradicionais.

Neste sentido, novamente Marlene de Fáveri ao falar da sociedade de Itajaí em meados do século XX, nos ensina que,

A privatividade e a distinção estão explícitas nos discursos, falas, estatutos, espaços, rituais – parece que tudo girava sobre si mesmo, constituindo um círculo hermético. A demarcação desses espaços privados faz pensar nas relações entre as famílias que aí participavam, e, no seio da família, estavam “guardados” os moços e as moças, obviamente, preparados para o matrimônio, futuras famílias.⁹⁵

Portanto, o namoro é o primeiro passo para o casamento, conseqüentemente para a formação de uma nova família. Sendo que esta, a família “[...] é uma instituição social fundamental, de cujas contribuições dependem todas as outras instituições”⁹⁶ como a Igreja, o Estado, a Escola, dirigidas desde o século XVIII pela burguesia. Quanto ao sentimento da família burguês Phillippe Ariès nos diz que:

A partir do século XVIII, e até nossos dias, o sentimento da família modificou-se muito pouco. Ele permaneceu o mesmo que observamos nas burguesias rurais ou urbanas do século XVIII. Por outro lado ele se estendeu cada vez mais a outras camadas sociais. [...] A vida familiar estendeu-se a quase toda a sociedade, a tal ponto que as pessoas se esqueceram de sua origem aristocrática e burguesa.⁹⁷

É nesse sentido que abordo a instituição Família, na perspectiva da nuclear burguesa valorizada e difundida no mundo ocidental, composta de pai, mãe e filhas/os.

Neste particular, a burguesia propagou uma ‘civilização dos costumes’, cobrou e impôs questões morais, autocontrole, modos de conduta e comportamento. Saber conter os

⁹⁵ FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**. A construção das elites – Itajaí, 1929-1960. 2ª Ed., Editora da Univali, 1999, p. 73.

⁹⁶ SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 07.

⁹⁷ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1981, p. 189.

gestos, a fala, as expressões faciais, estavam dentro desses códigos de civilidade pois na concepção burguesa, o modo como nos comportamos diz sobre nosso interior.⁹⁸ Assim, a sociedade ocidental constituída e organizada da forma que conhecemos passou por um longo processo, e isso vale para o modelo de Família, costumes, boas maneiras, onde as sociabilidades procuraram se adequar a regras de civilidade passando por todo um desenvolvimento de sentimentos como vergonha, repugnância. Neste sentido, sobre a burguesia Ariès, legitima Norbert Elias, que “as promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam”.⁹⁹

Dentro desse processo, a burguesia, durante o século XVIII, chegou num ponto em que não suportou mais o contato com as populações humildes, e portanto,

Ela cindiu: retirou-se da vasta sociedade poliforma para se organizar a parte, num meio homogêneo, entre suas famílias fechadas, em habitações previstas para a intimidade, em bairros novos, protegidos contra toda a população popular. [...] a repugnância do rico precedeu a vergonha do pobre.¹⁰⁰

A burguesia tratou de deixar claro que não havia igualdade entre eles e as classes populares e que os casamentos, por exemplo, deveriam ocorrer entre seus pares.

Toda essa construção histórica da Família, das sociabilidades e suas distinções entre burguesia e classes populares nos ajudam a analisar as práticas de sociabilidade em Lages nos anos 1970. Pois para estabelecer e manter distinções, os clubes sociais tinham essa função de manter as uniões entre famílias tradicionais e distinguir posições sociais. Essa eficiência vê-se pela quantidade e variedade de eventos sociais oferecidos com intuito de mantê-los unidos.

Voltando à questão da exigência imposta pelos clubes sociais lageanos de que para manterem-se em distinção era selecionado seus/uas frequentadores/as. Os clubes, nessa época eram includentes e excludentes, ou seja, nesses espaços não frequentavam pessoas pobres e negras. Aqui entra a questão de classe e raça. Essas duas categorias, juntamente com o gênero permeiam “desigualdades de poder”,¹⁰¹ porém não possuem paridades, pois, de acordo com a historiadora e referência nos estudos de gênero Joan Scott, a categoria classe está relacionada à complexa teoria de Karl Marx, sustentada na determinação econômica e transformação

⁹⁸ ELIAS, Norbert Elias. **O processo civilizador**. Uma história de costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

⁹⁹ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1981, p. 195.

¹⁰⁰ Idem, p. 196.

¹⁰¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol. 20, no. 02. Porto Alegre, 1990, p. 06.

histórica. Enquanto raça está relacionada à desigualdade social,¹⁰² determinada por relações de poder numa perspectiva eurocêntrica que construiu, de forma forjada, a ideia de que a raça/etnia branca era hegemônica, superior às outras.

Estas festas com concursos de misses, bailes de debutantes e glamour também acontecia em outras cidades do país e do Estado. Marlene de Fáveri e Gloria Alejandra Luna contaram a história da radialista e jornalista Irene Boemer, e perceberam que a década de 1970 foi o auge destas distinções em Itajaí, cidade litorânea. Mostram que as moças de Itajai com mais posses debutavam também em Lages, e vice versa, com imensa publicização de si e dos eventos distintos. Destes acontecimentos, não raro aconteciam os namoros e casamentos entre jovens de famílias da mesma classe social.¹⁰³ Com relação aos clubes de Lages, não se tratava apenas de uma questão financeira, mas de *status*, de famílias tradicionais, de sobrenomes. Para uma família se associar em um clube que dava status, teria que ter indicação, dependia da sua descendência, seu sobrenome, de que família pertencia, se era influente, se tinha ‘berço’. Vê-se pelos sobrenomes dos/as associados/as nos informativos mensais do *Clube 14 de Junho* em que saía, por exemplo, a lista mensal dos sócios aniversariantes do *Clube*. Os nomes ali encontrados eram de pessoas bem posicionadas na sociedade lageana. Segue a nota:

Aniversariantes do Mês de Agosto: Sr. João Pedro Arruda, Sra. Ana Emília Furtado Arruda, Dr. Rogério Otavio Ramos, Sra. Lidia Piazza Baggio, Sra. Nagi Arruda Araldi, Sr. Silvio Ramos de Castro, Sra. Maria Helena Ramos Zapelini, Sr. Eurides João Battistella, Dr. Sebastião Ivone Vieira, Sr. Luiz Vieira de Camargo, Sr. Ivo Tadeu Araujo Bianchini [...]”.¹⁰⁴

Historicizando esses sobrenomes citados, Vieira, Arruda, Ramos, Castro, Furtado, Bianchini, Camargo, eram de algumas das famílias pecuaristas, proprietárias de fazendas na Coxilha Rica. Zapelini e Araldi, eram donos de transportadora, Baggio, da gráfica e fazia parte da diretoria do clube 14, e Battistella, proprietários de serrarias e madeireiras. Estes quatro últimos sobrenomes refere-se a descendentes de italianos que se estabeleceram em Lages durante o ‘ciclo da madeira’.

¹⁰² A partir de uma proposta de desconstrução insere-se a questão da igualdade. O oposto da igualdade é a desigualdade, ao invés da diferença.

¹⁰³ FÁVERI, Marlene de e LUNA, Gloria Alejandra **Irene de Souza Boemer**: dama do rádio – cronista da cidade. Itajaí: Editora do Cais, 2008.

¹⁰⁴ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 e Junho*. Lages, agosto de 1977.

A partir desse círculo hermético, se configura um problema de raça/etnia e de classe, lembrando que essa não é uma questão central nessa pesquisa. No livro de Licurgo Costa sobre o *Clube 14 de Junho*, em todas as fotos encontradas de bailes, soirées, não se vê a presença de nenhuma pessoa negra. Aparecem apenas fotos de pessoas brancas e bem posicionadas dentro da sociedade lageana. No relato feito por Costa sobre o *Clube 14*, não é abordado essa questão. Percebe-se que é algo naturalizado, Costa em nenhum momento questionou.

Pode-se visualizar essas regras, exigências dos Clubes, através da nota no jornal *Correio Lageano* de 16 de fevereiro de 1971 com relação ao Carnaval do *Clube 14 de Junho*, um dos, senão o mais famoso e frequentado dos bailes da sociedade lageana na década de 1970. Na nota, percebe-se a tentativa de selecionar e controlar a disputada entrada ao clube, inclusive de pessoas de outra cidade que vinham exclusivamente para o ‘carnaval do 14’:

Regulamento para o Carnaval de 1971

Convites

Os convites sómente serão fornecidos por solicitação escrita do sócio proprietário para pessoas que, comprovadamente residam em outra cidade ou localidade, em cuja ocasião deverá vir pessoalmente à secretaria do Clube, o responsável e apresentado(s), munido êste último de carteira de identidade ou **carteira de sócio do Clube de igual categoria**, ficando a juízo da Ditetoria seu fornecimento mediante o recolhimento, a título de taxa de frequência [...] ¹⁰⁵ (Grifo meu).

Ao que se refere às relações de gênero em locais de sociabilidade, como nos clubes, as regras para as moças não eram as mesmas para os rapazes. Para elas havia mais cobrança social para o namoro do que para eles, as moças estavam ali para conseguirem namorados, e mais, um bom partido. Nos bailes, havia todo um ritual, mulher não convidava um rapaz para dançar, ela era escolhida e recebia o convite, e era de bom modos aceitar, mas cabia a ela decidir ‘se a dança continuava ou não’. Dentro dessas regras, para que fossem escolhidas, havia toda uma construção em torno de códigos de civilidade, de comportamentos, distinção, contenção dos instintos. ¹⁰⁶

Neste sentido, a partir de depoimentos, uma das metodologias utilizadas para a coleta da fonte memória também teve como suporte a orientação de Verena Alberti ao nos informar que,

¹⁰⁵ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 16 de fevereiro de 1971.

¹⁰⁶ Como já foi abordado, Norbert Elias em ‘O Processo Civilizador’ esclarece, de forma magistral, como a sociedade burguesa ocidental construiu e impôs regras elaboradas de conduta social.

[...] convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos.¹⁰⁷

Portanto, dentro dos bailes, as cobranças recaíam sobre as moças, “era feio uma moça segurar um copo de bebida de álcool, era vulgar usar sapato de salto muito alto [...]”¹⁰⁸. Elas deveriam ser contidas, disciplinadas, se preservarem, ‘se darem ao respeito’, para não ficarem faladas. Já em, outra entrevistada fala sobre as cobranças morais dos anos 1970 em Lages: “se uma moça caísse na boca do povo, não casava mais”.¹⁰⁹ O “cair na boca do povo” ao qual ela se refere está relacionada à virgindade da moça, se esta fosse questionada, ela corria o risco de não ter pretendentes para casamento. Principalmente ao que se refere às moças filhas de famílias socialmente influentes, uma vez que estavam mais visíveis pela condição social que ocupavam, logo eram mais cobradas e controladas.

Neste particular, ao que se refere aos espaços sociais destinados aos namoros e à dança, as moças lageanas estavam submetidas a regras, elas eram impedidas pelos pais de frequentarem lugares que não fossem os clubes sociais os quais as suas famílias fossem sócias.

Volta-se, então, a questão levantada inicialmente, os clubes organizavam eventos para as moças estabelecendo um ritual que ao longo dos anos 1970 se tornou tradição, depois do Miss Suéter vinha o ‘Miss Brotinho’, que segundo Lucia, uma das participantes do ano de 1977, ao falar sobre o que era esse baile disse que: “o Miss Brotinho era um evento tradicional, um ensaio para o *debut*”.¹¹⁰ E elegia a mais bela ‘broto’ da sociedade. Segue a nota no jornal *Correio Lageano* sobre o baile de 1977: “A 23 de julho, realizou-se nos salões de mármore desta sociedade o Baile de Miss Brotinho 1977, em benefício da Associação Pão dos Pobres, de nossa cidade, festa que contou com a presença marcante de nossa juventude associada”.¹¹¹

O Miss Brotinho era um evento beneficente para a ‘Associação do pão dos pobres de Santo Antônio’, organizado por mulheres casadas, católicas, associadas ao *Clube 14* que faziam trabalhos voluntários à ‘Associação Beneficente de Santa Izabel’, elas tinham o objetivo de mobilizar as jovens para ações sociais. O concurso acontecia um ano antes do *debut* da seguinte forma, antes do desfile cada associado recebia uma cédula para votar, o

¹⁰⁷ ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005, p.31.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Isabel. 54 anos. Lages, 28 de outubro de 2011.

¹⁰⁹ Entrevista concedida por Vera, 55 anos. Lages, 23 de setembro de 2011.

¹¹⁰ Entrevista concedida por Lúcia, 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

¹¹¹ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 de Junho*. Lages, agosto, 1977

maior número de votos elegia a ‘Miss Brotinho do *Clube 14 de Junho*’. Na foto abaixo estão as doze candidatas a ‘Miss Brotinho 1970’. Percebe-se que das doze moças apenas duas estavam usando calças compridas, todas as outras estavam de saias ou vestidos, como mandava a distinção na época. As roupas eram claras, saltos baixos, regras indicadas às moças solteiras, algumas com o cabelo mais curto, outras com os cabelos longos, presos, semi-presos, mas curto, acima da orelha, não havia nenhuma, pois não era indicado mulheres usarem cabelos curtos. Segue a foto:



Figura 2: Concurso Miss Brotinho, 1970 no *Clube 14 de Junho* (Acervo: Vanda Emília Malinverni).

O ‘Miss Brotinho’, com menos *glamour*, ainda ocorre em Lages com caráter beneficente, organizado por mulheres, e o número de candidatas continua sendo 12. Vê-se pela nota no jornal *Correio Lageano* do colunista social da cidade Soleu Filho sobre o baile de 2011:

É hoje, nos salões do Clube 14 de Junho, o Baile de Miss Brotinho, edição 2011! A renda da noite vai ser destinada ao Pão dos Pobres Santo Antônio. O baile é animado pela Bandaçu. Durante a programação, jovens e casais vão aplaudir o bonito desfile das doze candidatas que concorrem ao título. O evento é organizado por bem entrosado grupo de festeiras, que informam que haverá vendas de

ingressos no local. Vale lembrar que o traje é à passeio. O ingresso custa R\$ 15,00. Participe, porque a causa é nobre!¹¹²

Já os bailes de debutantes não ocorrem mais em Lages. Ao perguntar a uma das administradoras do *Serrano Tênis Clube* o porquê de não haver mais o baile naquele clube ela respondeu: “as meninas de hoje não querem mais participar”. Mas na década de 1970 era um baile glamouroso, tanto que o ‘Miss Brotinho’ era o “ensaio”, a preparação, imagina-se, então, a importância que tinha na época. Assim, dos bailes sociais dos anos 1970, um dos mais importantes e esperados durante o ano era o ‘baile de debutantes’. E mais, debutar não se restringia apenas a uma única noite, ao baile, antes dele havia toda uma programação, missa às debutantes, jantares, viagem oferecida pelas patronesses, segue alguns dos eventos oferecidos na citação abaixo:

Café colonial oferecido às debutantes por suas madrinhas dia 16 de novembro próximo passado, no Salão Rosa desta sociedade [...] Sr. E Sra. Gilson Berlim, homenageando as debutantes, no coquetel a elas oferecido dia 23 de novembro próximo passado. [...] As debutantes em companhia da patronesse, Sra. Irane Lorenzi, num clube de campo, oportunidade em que foi oferecido a elas uma churrascada.¹¹³

Dessa forma, pode-se se dizer que era ‘o mês do *debut*’ havendo outros bailes em que as debutantes participavam, isto é, os que antecediam a noite principal. Em 1972, por exemplo, houve a ‘Noite do Tirol’, ali as jovens moças foram apresentadas com típicas roupas tirolesas.

A escolha desse tema estava relacionada aos descendentes de italianos que vieram de províncias do norte da Itália como Treviso, Trento em que eram moradores de Lages. As festividades deram-se no *Serrano Tênis Clube* localizado no *Coral*, bairro onde morava a maioria dos descendentes de italianos.

Nesse evento, as moças foram vestidas todas iguais, a caráter tirolês, nas cores da bandeira italiana, branca, vermelha e verde, predominando o vermelho com detalhes em branco e verde, com direito a cordões e bordados, meias brancas e longas, sapatos pretos com salto baixo, ‘sapato boneca’, moda na época, a parte de cima do vestido em forma de corpete,

¹¹² JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 29 de outubro de 2011.

¹¹³ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 de Junho*. Lages, dezembro, 1978.

como mandava o figurino. Só faltou o avental e o chapéu ou fitas e flores no cabelo. Mas a ausência deles foi para deixar a roupa mais moderna, assim como o comprimento das saias, pois a saia típica tirolesa vai até a altura dos joelhos, mas, como nos anos 1970, usava-se literalmente mini-saias, a roupa foi adaptada. Sobre essa roupa uma das participantes, em entrevista disse que “o vestido tirolês foi elaborado pelo clube ou pelas patronesses, não lembro, e cada debutante recebeu o desenho da roupa que deveria vestir na Noite do Chope, do Tirol”¹¹⁴. Segue uma das fotos do evento, informando que os copos segurados por algumas das moças são usados como acessórios para a foto:



Figura 3: ‘Noite do Tirol’, *Serrano Tênis Clube*, 17 de dezembro de 1972

(Fonte:<http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=14875007417069449555&aid=1278682763&pid=1278972657898>. Acessado em 10 de outubro de 2011. Walter Hoeschl Neto)

Mesmo sendo frequentado praticamente pelas mesmas pessoas entre os clubes *Serrano* e *14*, havia uma certa disputa, qual era o mais distinto, glamoroso. “o *Serrano* era mais fechado do que o *14*, mais elitizado, a mensalidade era bem mais cara”.¹¹⁵ Já o *14* era mais antigo e tradicional. Essa disputa pode ser visualizada a partir do baile de debutantes de 1978, enquanto a diretoria do *14* levou a Lages para apresentar e dançar com as debutantes *Sérgio Chapelin* que era famoso por, ao lado de *Cid Moreira*, desde 1972, apresentar o

¹¹⁴ Entrevista concedida por Sônia. 54 anos. Lages, 30 de outubro de 2011.

¹¹⁵ Idem.

Jornal Nacional da Rede Globo, o Serrano levou o também global ator e já diretor de telenovelas Denis Carvalho.¹¹⁶

Com relação ao *Sérgio Chapelin* seguem algumas notas: “Para quase todos os bailes a diretoria contratava renomados conjuntos musicais e apresentadores [...] como o apresentador Sérgio Chapelin, do Rio”.¹¹⁷ “Foi marcante o acontecimento do grande baile de Debutantes, de nossa Sociedade, com a presença do apresentador da Rede Globo Sérgio Chapelin, que magnificamente apresentou 68 meninas-moças, agradando a todos pela sua beleza e simpatia.”¹¹⁸

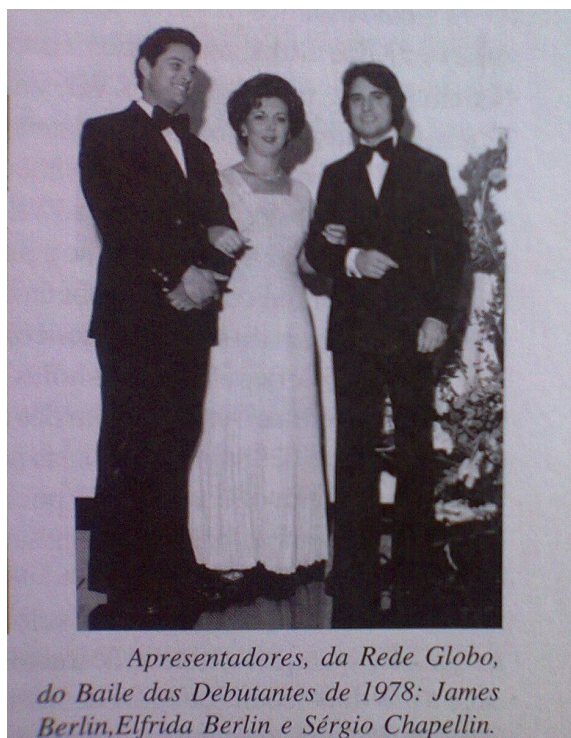


Figura 4: Baile de debutantes do *Clube 14* em 1978 (Fonte: livro de Licurgo Costa: *Clube 14 de Junho: Oito décadas de uma vida gloriosa*, 2002, p. 61).

¹¹⁶ Em 1978, de março a setembro *Dênis Carvalho* era o personagem *Alex* que fazia par romântico com *Luciana* a atriz *Suzana Vieira* na telenovela *Te Contei?* Em abril a outubro de 1978 ele trabalhou na mini-série *Ciranda Cirandinha*, uma trama que contava o cotidiano de duas moças e dois rapazes *hippies* que saíram de casa e dividiram um apartamento. De Julho de 1978 a janeiro de 1979 foi um dos diretores da telenovela *Dacin Days*. Sua fama começou em 1966 quando fez o personagem *Dudu* em *As Aventuras de Eduardinho*, em 1967 e 1968 era Plínio em *Os Rebeldes*, em 1974 e 1975 era Jean em *Ídolo de Pano* da TV Tupi, em 1975 e 1976 foi Nélio Porto Rico em *Pecado Capital*, 1976 foi *Atílio de Souza* em *O Casarão*, em 1977 era Netinho em *Locomotivas*.

¹¹⁷ COSTA, Licurgo. **Clube 14 de Junho: Oito décadas de uma vida gloriosa**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2002, p. 218.

¹¹⁸ INFORMATIVO SOCIAL *Clube 14 de Junho*, s/d.

Segue abaixo a foto de *Denis Carvalho*, de *smonking*, que depois de ter apresentado o baile e dançado, pousou para fotos com as debutantes.



Figura 5: Baile de debutantes, *Serrano Tênis Clube*, 1978 (Fonte: Acervo *Serrano Tênis Clube*).

O baile de debutantes, assim como em outros lugares, era um ritual de passagem que tinha o objetivo de apresentar as jovens moças à sociedade, uma festa para as moças também arranjam um ‘bom partido’. Em Lages, na década de 1970 era um evento tradicional, vê-se pelos ilustres convidados nas fotos acima. O baile era merecedor de várias e inteiras páginas no jornal *Correio Lageano*. Nele vinham fotografias das debutantes, notas de homenagem, “é com prazer que anunciamos pra hoje à noite a grande FESTA DE CÔRES E LUZES: BAILE DAS DEBUTANTES 70 DO CLUBE 14 [...]”.¹¹⁹ As notas do jornal criavam toda uma expectativas em torno das jovens moças, uma responsabilidade: “Debutante... Hoje és a senhora do Universo, de todos os momentos felizes e de todos os sonhos que povoam tua imaginação. És graça e beleza feita de devaneios e esperanças [...]”.¹²⁰ Eram também

¹¹⁹ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 31 de dezembro de 1970.

¹²⁰ *Ibidem*, 31 de dezembro de 1971.

poéticas, românticas: “[...] A noite do botão querendo ser rosa [...] Debutante. Na noite de seu debut a lua sente inveja de teu brilho e tonta de luz, espia pela janela”.¹²¹

Debutante é a palavra utilizada para se referir a uma jovem moça quando completa seus quinze anos de idade. A palavra vem do francês *débutante*, que significa iniciante ou estreante. A partir do *début*, a jovem moça passa a poder frequentar eventos sociais, usar roupas mais adultas, maquiagem e ter permissão para namorar. É uma forma simbólica de dizer aos pretendentes a namorados que a moça já está pronta para ser esposa e mãe.¹²²

Sobre os 15 anos de uma moça a francesa Simone de Beauvoir filósofa feminista nos conta que, biologicamente a jovem já passou ou está finalizando transformações no corpo decorrentes da puberdade, geralmente, já menstruou e, portanto, está apta para gerar filhas/os¹²³ e assim formalizar ou conquistar um namoro, futuro marido. Assim, a construção social feminina enquanto sujeito social era determinada pela passagem, pelo seu amadurecimento biológico.

Como podemos perceber, o baile de debutantes tem todo um ritual simbólico, o vestido branco representando a pureza, a virgindade da moça, a primeira valsa com o pai tendo toda uma representação de responsabilidade paterna, guardião da castidade da filha até o casamento.¹²⁴ Para depois dançar com o pretendente a namorado sob a autorização familiar.

A partir do depoimento de uma lageana que debutou no *14*, no *Serrano* e na cidade de São Joaquim, município próximo a Lages, podemos perceber a importância que tinha o baile de debutantes para as moças da sociedade lageana, a depoente o compara com os estudos, à faculdade, valorizada para os rapazes. Já para elas o importante era debutar. Isso significa dizer que a mulher era destinada ao casamento, ao lar, ao mundo privado, já o homem a uma carreira profissional e ao mundo público:

Meu pai pagou a faculdade dos meus irmãos, os homens, pras meninas não. Ele dizia assim: “você vai casar, você não vai fazer faculdade.”[...] Eu via o pai pagar dos meninos e não pagava a minha. [...] ele me falava: “não, não paguei pra tua irmã não vou pagar pra ti”. Quer dizer, pra ser debutante do Serrano eles faziam questão, não se importavam com o preço das viagens, das roupas, o vestido de debutante era um horror! E ele não se importava, mas o estudo, mulher não precisava estudar. [...] Nós três debutamos. Então tinha o Miss Brotinho que era um

¹²¹ Ibidem, 31 de dezembro de 1970.

¹²² Informações retiradas do site <http://augustocerimonial.blogspot.com/2011/08/origem-do-baile-de-debutantes.html> “A origem do baile de debutantes”. Acessado em 02 de novembro de 2011.

¹²³ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 67.

¹²⁴ SILVA, Alice Inês de Oliveira. A pedagogia do feminino: análise de um ritual de apresentação da menina à sociedade. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, agosto de 1985, p. 33.

ano antes de debutar, que era tipo de um ensaio pra se debutar, pra ir num baile, numa *soirée* na época, você tinha que debutar, não podia ir num baile sem debutar, o *debut* era a apresentação pra sociedade e o pai não se importava, era uma grana pra debutar uma filha e o estudo, que pra mim era o mais importante, ele não se importava, não era importante estudar, mulher. Homem era obrigado a ter faculdade, mulher não. [...] Eu debutei em 77 no Serrano, no 14 e em São Joaquim pra aproveitar bem o vestido. No Serrano era maravilhoso os homens usavam smoking. [...] O que hoje é meu marido foi meu par de debutante. E ele foi meu par porque era amigo do meu irmão.¹²⁵

Mesmo a sociedade dos anos 1970 entendendo que o importante para a mulher era o casamento e não a constituição de uma profissão, um trabalho remunerado, a depoente acima casou, teve um filho e duas filhas e, mesmo depois de casada, continuou trabalhando como bancária, pois ainda solteira, havia passado no concurso público para o Banco do Estado de Santa Catarina, BESC. Hoje é aposentada tentou conciliar com o trabalho duas faculdades, mas não as terminou. Cabe lembrar que ela não fazia parte de uma exceção, muitas moças da geração anos 1970 em Lages fizeram faculdade e foram trabalhar em espaços públicos. Essa constatação pode ser vista através de um artigo no jornal *Correio Lageano* do dia 15 de fevereiro de 1972 chamando a atenção para algo inusitado se tornando manchete: “Elemento feminino predominou nos primeiros postos”. No artigo, nota-se que as mulheres aparecem com lugar de destaque nos cursos superiores de graduação. E o jornal especifica e compara a quantidade de homens com a de mulheres aprovados/as nos cursos e em que cursos, lembrando que a sociedade estabelecia que para os homens era indicado os cursos ligados a ciências exatas, como se o homem tivessem mais capacidade intelectual, facilidade para lógica, raciocínio do que as mulheres que estavam em cursos considerados “menos importantes” como ciências sociais, letras e pedagogia. Mesmo assim já é uma inovação, ou ainda uma resitência feminina ao seu destino doméstico. Segue a nota:

Elemento feminino predominou nos primeiros postos

Na tarde de sábado foram divulgados os nomes dos aprovados nos exames vestibulares nas diversas áreas da Fundação Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC [...] notou-se que o elemento feminino ocupou o primeiro posto na quase totalidade dos Cursos.[...] O elemento masculino conquistou a primeira colocação apenas no Curso de Ciências Contábeis.[...] Por sexo, o seguinte os totais aprovados:

Curso	SM/SF
Ciências Sociais	08/42
Letras	09/41
Pedagogia	02/40

¹²⁵ Entrevista concedida por Lucia, 50 anos. Lages em 05 de Julho de 2011.

Matemática	30/13
Ciências Economicas	45/05
Ciências Contábeis	34/06
Totais	128/147 ¹²⁶

Os rapazes, além de cursarem faculdades em ciências exatas, em Lages alguns cursavam veterinária. Em 1973 pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC ofereceu-se o curso em veterinária. A primeira foi iniciada no dia 10 de abril do mesmo ano sob a denominação de Escola Superior de Medicina Veterinária - ESMEVE. O reconhecimento do curso ocorreu em 1977 através do Decreto Federal nº 79.851. A escolha da cidade deu-se pela atividade pecuarista exercida na região. Quem optava pelo curso eram na sua maioria homens, essa informação foi dada por uma das depoentes da pesquisa ao dizer que “meu namorado, que hoje é meu marido, estudou no CAV, e lá não estudava mulheres era só homens, alguns vinham de fora.”¹²⁷ Das informações dadas pela depoente, a sigla CAV, dita por ela, significa *Centro agro-veterinário* assim passou a ser chamada em 1980 quando foi também oferecido o curso de agronomia. Convém apontar que o namorado, que cursava medicina veterinária, era lageano.¹²⁸

Numa conversa informal com uma lageana que também namorou um estudante de veterinária em Lages informou que os rapazes que estudavam ali exerciam um certo fascínio nas meninas, por serem homens de fora, com outros sotaques, por historicamente não fazerem parte do cotidiano da cidade. Entretanto, na percepção de um lageano, Antonio, hoje com 58 anos, os rapazes que estudavam na ESMEVE, que eram de outras cidades, ficavam a parte da sociedade lageana, ou seja, fora da vida social. Nas palavras dele: “ O CAV era muito distante, muito longe da cidade, a gente não tinha muito contato com eles. E os lageanos, quem tinham dinheiro ia pra fora estudar direito, medicina”.¹²⁹ Porém, há relatos de moças que namoraram, casaram com rapazes que vieram estudar na ESMEVE.

Com relação as moças que estudavam nos anos 1970, na faculdade de Lages, UNIPLAC, estas continuavam participando dos eventos sociais dentro dos clubes sociais da cidade. Nesse sentido, retomamos aqui a questão do ‘baile de debutantes’. Segue abaixo a foto do baile do *Serrano Tênis Clube* de 1972. As moças que estão na foto Mara Lucia Grazziotin, Jane Guidalli, Maria Arruda, Salete, Margarete, Heloisa Cesar, Cristina Bianchini, Marina Rodolfo, Vanise Nercolini, Sandra Sell, Aurora Locatelli, Leonor Rodrigues,

¹²⁶ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 15 de fevereiro de 1972.

¹²⁷ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

¹²⁸ Informações retiradas do site da instituição: <http://www.cav.udesc.br/>. Acessado em 29 de janeiro de 2012.

¹²⁹ Entrevista concedida por Antonio. 58 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

Cassandra Ramos, Maria Luiza Ribeiro, Elizabete Augustini, Margarete A. Magalhães, Suzana Broering, Vera Lúcia Dellarocca, Vanise Nercolini, Marilu Baggio, Sandra César, Maria do Carmo Lemos, Salete, Ivani de Souza, Anemeri Dal' Asta,¹³⁰ tornaram-se professoras, empresárias, funcionárias públicas.



Figura 6: Baile de debutantes do *Serrano Tênis Clube* em dezembro de 1972.

(Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=14875007417069449555&aid=1278682763&pid=1278972657898>. Acessado em 10 de outubro de 2011. Walter Hoeschl Neto).

Chama atenção na fotografia acima a beleza dos vestidos cuidadosamente preparados para o evento. Afinal eram meios necessários para dar visibilidade à beleza, charme, graça, a elegância das moças, atributos femininos considerados importantes para as moças.¹³¹ Muitos dos vestidos ali representados foram confeccionados pela costureira lageana *Dona Ema*, famosa na época, que fazia os modelos em bonecas *Susis* para então serem escolhidos pelas moças. Já uma das debutantes, em entrevista falou: “Minha mãe e eu fomos a Porto Alegre

¹³⁰ Nomes retirados da página da rede social *Orkut* mostrados juntamente com a foto acima do baile de debutantes de 1972.

<http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=14875007417069449555&aid=1278682763&pid=1278972657898>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

¹³¹ SILVA, Alice Inês de Oliveira. A pedagogia do feminino: análise de um ritual de apresentação da menina à sociedade. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, agosto de 1985, p. 33.

encomendar o meu vestido para o meu *debut*, na *Casa das Sedas*, tinha um estilista que desenhava o vestido conforme o corpo da pessoa”.¹³²

O baile de debutantes lembra, a partir do imaginário social, princesas medievais como a Cinderela que nunca foi vista até aparecer usando um vestido deslumbrante jamais visto igual e encontra o príncipe no grande baile que modifica a sua vida. A Bela Adormecida despertada do seu secular sono da juventude por um beijo do príncipe.¹³³

Em suma, esses ritos de passagem que ocorrem em diferentes lugares, mas neste caso os de Lages, como, Miss Suéter, Miss Brotinho, Baile de Debutantes reforçavam uma divisão sexual dos papéis, feminino e masculino. Reproduziam e reforçavam uma hierarquia de gênero pautada em relações de poder. Neste particular, as moças é que deveriam ser visibilizadas, quanto aos moços não eram o foco em eventos sociais. Eles a acompanhavam. Entretanto, todo esse investimento social era para criar distinção às moças que participavam desses eventos para que estas arrumassem bons casamentos. Nesse particular, lembra que depois do *debut* as moças lageanas estavam autorizadas a namorar a e a frequentar todos os eventos oferecidos pelos clubes e fora deles se os pais autorizassem. Podiam também participar de concursos para decidir quem era mais bela.

Assim, nos anos 1970 em Lages havia um concurso de beleza, de caráter beneficente, o *Glamour Girl*, promovido pela Liga Feminina de Combate ao Câncer, formada por mulheres da sociedade envolvidas em ações sociais. “As glamorosas e seus padrinhos. No desfile para a escolha da *Glamour Girl 75*, título que foi conquistado por Olivete Souza [...]”.¹³⁴ Esse evento era realizado em algumas cidades catarinenses e brasileiras. No entanto em alguns lugares, ainda hoje ocorre o evento.¹³⁵ Na ocasião, o concurso foi divulgado pelo colunista social de destaque catarinense Carlos Muller do *Jornal de Santa Catarina*, segue a nota: “Um homem... Uma mulher, o Prelúdio do Verão, beleza maior na festa do Clube 14 de junho, com a presença de quase a totalidade da sociedade lageana”. A comissão julgadora do concurso era formada por uma única mulher e seis homens, majoritariamente por autoridades masculinas, prefeitos de cidades catarinenses, “[...] a mesa julgadora formada pelo prefeito de Lages Juarez Furtado, Prefeito de Brusque Cesar Moritz, Prefeito de Urubici Fulgentino de Oliveira [...] e mais Isa Cavilha [...] o desfile de graça e beleza das glamorosas 75 [...]”¹³⁶

¹³² Entrevista concedida por Sonia. 54 anos. Lages, 30 de outubro de 2011.

¹³³ SILVA, Alice Inês de Oliveira. Op. cit.

¹³⁴ JORNAL, *Jornal de Santa Catarina*, 04 de dezembro de 1975.

¹³⁵ Eventos atuais do *Glamour Girl* podem ser vistos através do site <http://www.ligafemininas.org.br/social/>

¹³⁶ JORNAL, *Jornal de Santa Catarina*. 04 de dezembro de 1975.

Segundo Olivete Souza, vencedora do concurso, esse evento acontecia, também, em nível estadual, porque o *Glamour Girl* tinha um objetivo nobre. Não era só beleza, mas uma preparação para as moças assumirem e dar continuidade a causas sociais. “O concurso não avaliava somente a beleza, mas os princípios, os valores, a distinção das concorrentes. Era uma disputa saudável. As mães e as filhas iam às casas das amigas para convidá-las a participar”.¹³⁷ Portanto, o convite não era para ‘qualquer jovem’, como afirma Olivete, era permitida a participação do concurso apenas as associadas ao *Clube 14 de Junho*, local do evento em 1975.

Essas mulheres glamorosas tinham como referência na época as divas do cinema norte-americano e europeu como *Elizabeth Taylor*, *Sofia Loren*, *Kim Novak*, *Marilyn Monroe*, *Gina Lollobrigida*, *Brigitte Bardot*, *Ava Gardner*, *Rita Hayworth*, *Grace Kelly*, *Audrey Hepburn*, entre outras. Assim, nos anos 1970 *status*, prestígio social para mulher estava ligado à aparência, comportamento e distinção, requisitos para conseguir um bom casamento.



Figura 7: Glamour Girl, *Clube 14 de Junho*. Novembro de 1975 (Acervo: Vanda Malinverni).

Na foto acima estão às participantes do evento e o colunista social Carlos Muller, todas de vestidos longo de tecidos leves e claros, nenhum decote ousado. Nesse evento, em especial, as boutiques mandavam os vestidos para serem usados pelas participantes, vinham

¹³⁷ Entrevista concedida por Olivete Souza. 54 anos. Lages, 28 de outubro de 2011.

inclusive vestidos de lojas de outras cidades como da *Boutique Pontinho* de Florianópolis “era para fazer propaganda para as boutiques, daí fazia parte do evento, tinha duas funções”.¹³⁸ Já alguns vestidos eram confeccionados por costureiras/os, costume comum em todos os outros eventos na época. Algumas meninas iam pra outras cidades como Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo, Curitiba, para comprar tecidos, encomendar croquis, modelos de vestidos com profissionais da alta costura. O vestido da vencedora do concurso, Olivete Souza, branco com mangas longas, corpo transparente, (quarta moça da direita para esquerda, fila de baixo) foi feito pelo costureiro *Zé Gomes*, considerado uns dos melhores costureiros lageanos na época. Já o da Vera, também participante, foi adquirido em uma das duas únicas boutiques que tinha em Lages, *Charme e Sinhá Boutique*. “Aquele vestido foi o meu primeiro vestido de festa pronto. Das outras meninas, a maioria era encomendado de costureiras”.¹³⁹

Nesse particular, levanta-se aqui outra questão, a sutileza dos códigos sociais, quem usava o vestido? Filha de quem? Quem o fez ou onde comprou? Isso era o que dava distinção. Como uma moça ‘glamorosa’ deveria se vestir, que penteado usar? Nota-se na foto que as moças usavam os cabelos a altura dos ombros semi-presos e ondulados, efeitos dos bobs, rolinhos de plástico que modelavam os cachos, como ditava a moda. Vê-se, também, que todas as participantes estavam discretas, sem gargantilhas, nada que brilhasse como mandava a etiqueta social para moças ‘de sociedade’, “A proposta nesses eventos era mostrar a beleza natural das jovens”.¹⁴⁰

Com relação às moças e moços que não chegavam a frequentar os locais sociais mais requintados da cidade como os *Clubes 14* e *Serrano*, havia opções de clubes menos requintados, como o *Clube Princesa da Serra*. Na fotografia abaixo, vê-se um baile ocorrido nesse clube. Quanto à moça da foto na ocasião, 1974, tinha 19 anos e vinha de uma família que não tinha condições financeiras para associar-se em Clubes de sociedade. Nesta ocasião estava ali porque sua tia era sócia, somente do *Princesa*, diferente dos/as associados no *14* e *Serrano* que geralmente, quem era sócio/a de um, era do outro, e a colocou como dependente para acompanhar sua filha em bailes. Sobre essa imagem, recobrando a memória, pois ao narrar “[...] o entrevistado é levado a contar livremente sua vida, imprimindo à narrativa suas

¹³⁸ Entrevista concedida por Vera. 55 anos. Lages, 23 de setembro de 2011. Foi uma das concorrentes do Glamour Girl em 1973 no *Serrano Tênis Clube*.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Entrevista concedida por Olivete Souza. 54 anos. Lages, 28 de outubro de 2011.

próprias categorias, o ordenamento e a seleção do que quer relatar, ou seja, suas memórias”.¹⁴¹ falou que,

Eu estava de vestido longo preto, porque era um baile social, eu tinha dois vestidos longos um verde e esse preto [...]. Esse baile, não lembro se era das Mães, dos Pais ou de Páscoa. Na hora da foto eu tava dançando, solta. [...] Esse rapaz não era bem meu namorado era um ficante, ele sempre ia no *Princesa* e eu também e a gente quando se encontrava ficava junto só naquela noite.¹⁴²

O relato acima nos indica que em clubes menos conservadores alguns comportamentos, reprovados em ambientes formais, eram aceitos como, por exemplo, “dançar solta”, conforme nos conta a depoente, haja vista que essa prática era mais comum em discotecas, já em clubes como *14* e *Serrano* essa atitude era permitida apenas em bailes de Carnaval.

Outra informação importante dada pela entrevistada é acerca do “ficar”. Ficar é um termo utilizado nos dias atuais que corresponde a um ato afetivo casual, imediatista e sem compromisso. Portanto aqui se revela que esse comportamento, não comum para a época, já existia nos anos 1970, conforme nos contou.



Figura 8: Baile no *Clube Princesa da Serra* em 1974 (Acervo da autora).

¹⁴¹ PARENTE, Temis Gomes. Gênero e memória de mulheres desterritorializadas. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111, jan.-jun. 2007, p. 107.

¹⁴² Entrevista concedida por Tânia. 56 anos. Lages, 20 de novembro de 2011.

Ao que se refere a códigos de civilidade como condutas sociais, contenção de instintos para com as pessoas pertencentes a meios mais informais quanto a comportamentos, não eram tão rígidos quanto para pessoas que frequentavam locais que se exigia regras formais estabelecidas por uma norma social burguesa. As cobranças morais exigidas para moças pobres como honra, preservação da virgindade, eram também cobradas nas instituições como família, igreja, escola, mas com relação às condutas, regras de etiqueta, estas eram flexíveis.

Um exemplo disso pode ser visto pela foto abaixo onde um grupo de moças numa festa de casamento posou para foto segurando copos e garrafas de cerveja. Neste particular, sobre etiqueta social, cabe voltar a um depoimento contido nesse mesmo capítulo, que a bebida alcoólica, segundo uma das entrevistadas de elite, “era feio uma moça segurar um copo de bebida de álcool [...]”. Questiona-se, mas para qual moça era considerado feio, se a foto abaixo nos mostra o contrário da afirmação, elas fazem questão de mostrar que estão servindo-se de cerveja.



Figura 9: Festa de Casamento, 1973 (Acervo da autora)

Percebe-se pela fotografia acima que todas as moças estavam usando calça ‘boca de sino’, que estavam à vontade, se divertindo, e que em nenhuma outra foto aqui analisada viu-

se moças posando tão sorridentes. Afinal, elas não precisavam conter-se como as moças da elite. Sobre esse dia, uma delas (a segunda da esquerda para direita) nos conta que:

Era um almoço, na época as pessoas casavam de manhã e depois a recepção era um churrasco. Foi no salão da igreja dos Índios.¹⁴³ Não tinha dança, música, nada, almoçava, ficava um pouco e ia embora. O noivo era irmão da 'Lurdona' (primeira da foto esquerda pra direita) eles eram nossos vizinhos.¹⁴⁴

Na fotografia acima, pode-se observar, também, que a vestimenta usada pelas garotas era da moda na época, isto é, a mesma usada em eventos em locais mais requintados, como já foi mostrada anteriormente. Justifica-se aí que, quando se tratava de casamento (de acordo com a fala da depoente), as pessoas se vestiam formalmente, independente de qual posição social.

2.3 OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE – A ERA DISCO EM LAGES:

OS EMBALOS DE SÁBADO A NOITE podem ser na Boite do Clube 14 de junho, com som da equipe SUPERDISCOS [...]
 NOITE DA DISCOTECA será hoje às 22:00 horas no Centro Comunitário da COHAB, quando acontecerá um concurso de danças, com prêmios oferecidos aos primeiros colocados. Sua presença será indispensável para animar ainda mais esta noite de muito som e entretenimento.
 SOM DISCOTEQUE hoje às 21:00 horas no C.E. Princesa da Serra, estão convidados todos os associados e seus familiares. Compareça e divirta-se.
 AERoclube DISCOTEQUE neste sábado você pode curtir junto com a sua patota aquele som pop muito incrementado da Aeroclube Discoteque, a partir das 22:00 horas. Lembre-se, que no ambiente multicolorido e som em alta fidelidade, a sua festa estará completa. Faça a festa na Aeroclube Discoteque.¹⁴⁵

A partir dos meados dos anos 1970, começou a aparecer em Lages as discotecas. Elas trouxeram duas novidades para a cidade, uma era dançar 'soltas/os' em ambientes escuros, sob a luz negra. A outra, como se percebe na citação acima, era que a discoteca, comparada aos clubes, era um espaço social democrático. Ali não precisava ser sócia/o, era só pagar o

¹⁴³ Índios é o nome de uma localidade de Lages.

¹⁴⁴ Entrevista concedida por Tânia. 56 anos. Lages, 20 de novembro de 2011.

¹⁴⁵ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 13 de janeiro de 19/79.

ingresso. Apesar de que na prática havia certa resistência, as/os lageanas/os ainda tinham aquela cultura de espaços circunscritos. Em algumas discotecas o valor do ingresso era alto, o *Aero Clube* e a *Chocolatt* cobravam dez por cento do salário mínimo. Porém, já houve um primeiro passo que a diferenciava dos clubes, o pagamento em dinheiro e não a carteira de sócio, além do ambiente, e da música.

De qualquer forma, a era *disco* em Lages abalou estruturas, mexeu nos comportamentos dos/as jovens, o ambiente escuro, as músicas eletrizantes, descontraídas, regadas a bebidas e, as vezes a drogas, que incitavam as pessoas a ficarem mais a vontade, propiciavam novas formas de se relacionar num ambiente social, davam coragem para que os/as jovem fizessem aquilo que tinham vontade, atitudes mais ousadas, pois “os olhos não alçaavam todos os movimentos ou todas as mãos”.¹⁴⁶ Beijos e carícias passaram a ocorrer em público. Todos/as podiam dançar, a moça não precisava ser convidada como nos bailes dos clubes. Portanto as relações de namoro também se modificaram.

Neste sentido, foi nos anos 1970 que ocorreu uma proliferação de discotecas nos grandes centros urbanos, atraindo majoritariamente os/as jovens. Nesse momento a ideia era sair pra dançar no sábado à noite, beber, se drogar e fazer sexo, isso era se divertir.

O filme de grande sucesso *Saturday Night Fever*, em português, *Os embalos de sábado à noite*. Lançado em 1977, representou o que foi os anos 1970, além de consagrar a *disco music*, lançada pelos/as norte americanos/as, um ritmo musical extremamente dançável, uma dança de quadrilha, com os ditos passinhos iguais em pistas iluminadas por jogos de luzes coloridas, ao som mecânico de cantoras/es, grupos musicais como *Abba*, *Bee Gees*, *Donna Summer*, *Glória Gaynor*, *Diana Ross*.

A *disco* lançou a moda de sapatos de salto também para homens, a moda do terno branco e camisas de poliéster usadas por *Tony Manero*, personagem de *John Travolta* no filme *Os embalos de sábado à noite*, e o transformou num ícone da *disco*, jogando o braço pro alto. Mas, sobretudo, o filme representou a cultura jovem dos anos 1970.

Na ficção, o jovem *Tony Manero*, rapaz de periferia, do *Brooklin*, era um excelente dançarino de *disco music* que só vê sentido para sua vida nas pistas de dança. Nos extras do filme, gravado em 2002, *Larry Flink*, jornalista da conceituada revista norte-americana *Billboard*, falou sobre aquele contexto anos 1970/discotecas, dizendo que “as pessoas não estavam mais preocupadas com política, guerras; na década de 1970 as pessoas queriam fugir

¹⁴⁶ Entrevista concedida por Vera, 55 anos. Lages em 23 de setembro de 2011.

da realidade, queriam um coquetel, uma roupa e sexo, só isso”.¹⁴⁷ Na década de 1970 “saber dançar tornou-se o passaporte para o amor”.¹⁴⁸



Figura 10: Jhon Travolta (Capa do filme *Os embalos de Sábado à noite*, 1977).

No final dos anos 1970 um lageano, Geovani Ari de Souza Muniz, inspirado no ator *John Travolta*, se tornou um couver do seu personagem *Tony Manero*, fazia apresentações em discotecas da cidade e região e a partir daí passou a ser chamado de *Travolta*, ainda hoje o chamam assim ou de *Dj Travolta*, porque se tornou *Dj* nos anos 1980 já por conta da sua performance, sua ligação com discotecas, música.

Geovani, ou melhor, *Travolta* disse que viu *John Travolta* pela primeira vez no programa de televisão da Rede *Globo*, *Fantástico* em 1978.¹⁴⁹ Ele relata sobre esse dia:

Você acredita em amor a primeira vista? Foi assim! [...] dali uns dias saiu o filme no cinema e eu e um amigo meu fomos assistir, no *Marrocos*, parece que eu já conhecia aquilo de algum lugar. E nesse dia, depois do filme, ele me falou: vamos no *Aero*? E eu: bá cara, tô duro! Ele, não vamos lá que eu pago! Aí na boate começou a tocar as músicas e eu comecei a me lembrar, dos movimentos né? E comecei a dançar, dali a pouco chegou um segurança enorme, bateu em mim e disse: óh cara, o dono do *Aero* te viu dançar e quer falar com você. Aí fui lá, o Valdir disse: pô eu quero arrumar um casal que represente o *Aeroclub* nos concursos de dança. Porque tinha concurso de dança em Otacilio Costa, Blumenau. Eu dancei na *Signos* em Criciúma. Aí a primeira menina que eu encontrei, a

¹⁴⁷ Ele se refere aos acontecimentos do final dos anos 1960, ao Maio de 1968, a Guerra do Vietnã, Woodstock.

¹⁴⁸ DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 301.

¹⁴⁹ A reportagem sobre a *Disco* e *John Travolta* está disponível no youtube podendo ser acessado pelo site <http://www.youtube.com/watch?v=obSbdO1mmKk>.

primeira, foi minha parceira de dança. [...] Depois dancei com outra menina, [...] Mas dancei mais sozinho. [...] Fui fazer Balé Clássico.[...] Mas na época tinha aquela magia da dança! [...] Namorada, nossa, eu podia escolher. Eu dava autografo, depois eu era *Dj*, quando eu via assim, da cabine, tinha umas dez me olhando. Tinha menina que chegava a chorar quando me via, dizia que tava apaixonada. Nossa! meu filho foi feito no *Aero* [...].¹⁵⁰

No final de 1977, principalmente depois do filme *Os embalos de sábado à noite* se intensificando com a telenovela da Rede *Globo*, *Dancin' Days*, houve uma proliferação de danceterias em Lages. Sr. Valdir Schimit, dono do *Aero New Clube*, em entrevista disse que “[...] assim que saiu novela *Dancin' Days* nós tivemos que aumentar que já tava pequeno aqui dentro, chegava dez horas já tava lotado [...]”, o espaço da discoteca de 255 m² passou para 600 m².¹⁵¹

A telenovela *Dancin' Days* do autor Gilberto Braga foi lançada em julho de 1978 e terminou em janeiro de 1979, passava as vinte horas, e trouxe a *disco* para uma realidade brasileira, época em que *As Frenéticas*, grupo musical formado por seis mulheres, eram uma referência da *disco* nacional com músicas como *Perigosa*, *Caia na gandaia* essa última usada na abertura da novela.

Das discotecas em Lages, além do *Aero* tinha a do *Clube 14*, do *Primeiro de Julho*, o subsolo do bar *Five o'clock*, o *Hippopotamus Club*. As classes populares, dançavam no *Clube 1º de Maio*, *Parque Verde*, *Champagne*, *Boate Popular* (tias perpa), e *Juvenil*.

Mesmo as discotecas tendo uma formação mais popular, mais ‘democrática’ do ‘pagou entrou’ ainda em Lages tentava-se manter os velhos costumes de circunscrever espaços, dividir, escolher os frequentadores. Isso pode ser percebido pelo anúncio de uma danceteria da época: “É Bicho! – A Boite HIPPOPOTAMUS está convidando **sócios do Clube 14, Serrano e 1º de Julho**, para aquela curtidão hoje à partir das 23:00 horas”.¹⁵² (grifo meu). Vê-se pelo anúncio que o convite não é para ‘qualquer pessoa’, era para os sócios dos clubes frequentados pelos chamados “ricos” da cidade.

Sim, a discoteca trouxe uma quebra de paradigmas, novos comportamentos, as relações de namoro, dentro de um novo espaço de sociabilidade, também se modificaram. Mas ainda se tentava manter a moral e bons costumes, velhas ideologias burguesas. Um dos donos de uma das discotecas de Lages nos anos 1970 declarou informalmente, que quando vinham prostitutas para dançar, geralmente eram as da *Boate do Mário*, uma casa de

¹⁵⁰ Entrevista concedida por Geovane Ari de Souza Muniz. 51 anos. Lages, 20 de outubro de 2011.

¹⁵¹ Entrevista concedida por José. 29 de agosto de 2011.

¹⁵² JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 04 de agosto de 1972

prostituição de luxo que tinha em Lages nos anos 1970, porque ali elas podiam entrar, ao contrário dos clubes sociais em que elas não eram sócias, os homens, fregueses da *Boate do Mário*, acompanhados de suas namoradas vinham reclamar da presença das prostitutas ‘num local de família’ e o dono, se sentindo pressionado pela clientela, desligava a chave de luz, acabando com a festa, para que então as “meninas do Mário” fossem embora.

Outro dono de dançateria, pedindo para não divulgar, “não quero me incomodar, alguém pode se sentir ofendido hoje” disse que não eram aceitas pessoas negras dentro da sua discoteca. Caso entrassem era pedido para se retirar. Hoje ele sente medo de relembrar às pessoas que foram discriminadas na sua danceteria por serem barradas pelo fato de serem negras porque hoje pela Lei 9459 de 1997 racismo é crime.

Segue abaixo a foto da inauguração de umas das discotecas de Lages, a *Chocolatt Discotheque*. Inaugurada em 1978, a partir dos dois sucessos que, como já foi dito, ajudaram a propaganizar a discoteca, o filme *Os embalos de sábado à noite* e a novela *Dancin Days*. Percebe-se na foto que nas discotecas dançava-se segundo a música ‘caia na gandaia’ das *Frenéticas*: “livre, leve e solto”:

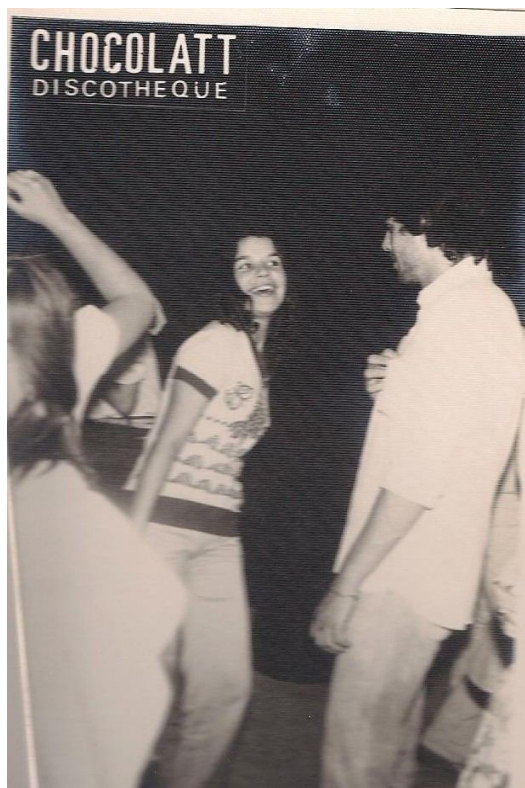


Figura 11: *Chocolatt Discotheque*, 1978 (Acervo: Rosana Steffen Baggio)

Sobre a *Chocolatt Discotheque*, um lageano, boêmio que nos anos 1980 trabalhou na administração da danceteria *Portuga's*, onde era a *Chocolatt* nos anos 1970, em entrevista falou que,

[...] a *Chocolatt* era muito chique, pra época, porque era dos filhos do dono dos cinemas, seu Mário 'pintado', então eles pegaram e fizeram uma boate que era de elite, era lotada, era cara para a época, não era qualquer um que tinha condições de pagar, seria hoje uns cinquenta, sessenta reais só o ingresso e ia só gente nova, até uns trinta por aí, a música era *disco*, né? ¹⁵³

Em Lages na década de 1970 os jovens também frequentavam bares, tinha o famoso *Five o Clock*, bar frequentado por jovens de 'sociedade', com uma pequena boate no subsolo, o *Marrocos*, no início dos anos 1970, depois veio o *Marroquinhos*, o *Guairacá*, que a maioria das pessoas não entrava, ficavam na frente, dentro do carro namorando, tomando batidas e caipiras do Bar. Havia o *Cisne Branco*, um Bar/Restaurante mais reservado, pois as mesas eram separadas por biombos. No *Cisne Branco* havia interruptores de lâmpadas, que quando acesas serviam para chamar as garçonetes. Outro diferencial do *Cisne Branco* era que este Bar/Restaurante era servido por moças, e isso chamava a atenção, pois na década de 1970 em Lages, uma cidade que tentava impor uma imagem conservadora 'mulheres de família' não podia trabalhar à noite, as que trabalhassem, mesmo não sendo com sexo, eram taxadas de prostitutas.

2.4 "NO ESCURINHO DO CINEMA":

[...] a gente ia no matinê pra arrumar namorada. Era assim, você chegava, sentava, se tivesse uma poltrona vazia do lado de uma menina, à gente ficava dando voltinha, voltinha, aí começava o filme a gente sentava e ficava ali, se a gente fizesse assim (encostar na mão da menina) e ela deixava, ôpa, deu boa! Daí a gente pegava na mão. Antes de terminar o filme dava tchau e... ia pra lá e não sabia quem era [risos]. Eu fiz isso, você vê que fantástico que era! O filme inteiro e... e não se encontrava mais, porque antes de terminar o filme já saía, e não falava, a gente quase não se falava com a menina. E depois do final do filme se você me perguntasse do filme eu não sabia nada, só ficava olhando pra tela. Era fantástico, nossa! Aí, eu tinha uns 15, 16 anos. Às vezes tinha amasso no cinema também, o lanterninha incomodava a gente, mas o que mais me chama atenção, que você me fez lembrar agora, é exatamente isso, de dar uns amassos e, antes de terminar o filme sair e não ter mais contato nenhum. Terminou o filme ia pra casa e não tinha mais contato, a gente sabia quem beijava, mas se encontrasse depois, às vezes se

¹⁵³ Entrevista concedida por Antônio. 58 anos em Lages, 27 de agosto de 2011.

encontrasse na rua, não reconhecia. E eu não era o único que fazia isso. Ficava na sensação! E os amassos não passava de abraços e beijos. Pra época, nossa! Beijou a menina? beijei. Nossa! Elas também faziam com a gente isso, elas também tomavam iniciativa, não era tão comum como é hoje, né? Na época, eu sempre fui assim tímido, assim meio... Então na época, os jovens iam pro cinema mais pra namorar, independentemente do filme você já sabia que ia.¹⁵⁴

Os cinemas anos 1970 em Lages, “independentemente do filme”, era um local utilizado para namoros, era mais um espaço para se arrumar namoradas/os ou namorar “no escurinho do cinema”.¹⁵⁵

Na década de 1970 em Lages havia quatro salas de cinema, oficialmente chamadas de *Cine-Teatro*, o *Cine Marajoara*, que foi inaugurado em 18 de novembro de 1947, o *Tamoio*, inaugurado em 29 de outubro de 1948, o *Avenida*, no bairro Coral, em 1956 e o *Marrocos* em 29 de dezembro de 1962. Nesses cinemas, a partir de depoimentos colhidos de pessoas que os frequentavam, elas contam que se formavam multidões de jovens na frente do cinema *Marrocos*, havia filas para a entrada e geralmente as meninas entravam, mas muitos meninos nem chegavam a entrar, ficando do lado de fora. Muitos porque não tinham dinheiro para o ingresso, outros porque gostavam de ficar ali conversando até a saída do cinema. Havia todo um ritual:

Nós saíamos do *Marrocos*, porque o chique era o *Cine Marrocos*, à noite, sessão das sete, sessão das nove era pra velho, sessão das sete era pra jovens que nem nós, né? Então fazia aquela fila monstruosa, saía do cinema, voltava, passava em frente do Bar *Marrocos*, pra paquerar, ou entrava tomava sorvete se era verão ou comia um misto quente, alguma coisa assim, tomava um suco e daí a gente ia embora ou a gente ia pra Boate do 14 e meia noite pra casa, claro, não podia passar da meia-noite. Os outros cinemas a gente entendia que era pra pobre, né? Então a gente se achava classe A, quem era estudante do *Santa Rosa*, do *Diocesano*, quem era filho de famílias tradicionais, então ia tudo ali, no *Cine Marrocos*. O valor do cinema também era mais caro.¹⁵⁶

Portanto, assim como nos outros espaços sociais, o cinema também era um espaço de divisões, de classe, geração e gênero. Conforme o depoimento acima de uma mulher de elite, filha de família tradicional que estudava no tradicional colégio particular, católico *Santa Rosa*

¹⁵⁴ Entrevista concedida por Luís, 58 anos. Lages em 27 de agosto de 2011.

¹⁵⁵ “No escurinho do cinema” é parte da letra de uma música de 1982 da *Rita Lee*, *Flagra* que conta a história de um namoro flagrado dentro do cinema. Segue letra da música: “No escurinho do cinema, chupando drops de anis, longe de qualquer problema, perto de um final feliz... Se a *Deborah Kerr* que o *Gregory Peck*, não vou bancar o santinho, não! Minha garota é *Mae West*, eu sou o *Sheik Valentino*.. Mas de repente o filme pifou e a turma toda logo vaiou acenderam as luzes, cruze!Que Flagra! Que Flagra! Que Flagra!”.

¹⁵⁶ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages em 26 de agosto de 2011.

de Lima os cinemas dividiam-se entre ricos, medianos e pobres. O *Marrocos* era mais frequentado pela “classe A” lageana, o valor ingresso era mais caro, era um cinema luxuoso para a época, o maior da cidade com 1012 lugares. Já o *Cine Tamoio* era para pessoas com menos poder aquisitivo. Evidentemente que essa não era uma imposição do proprietário e/ou administração dos cinemas, que inclusive todos pertenciam à mesma pessoa, Sr. Mário Souza, conhecido como Seu Mário ‘pintado’, hoje dono da rede *Arcoíris Cinemas*, a não ser no valor do ingresso, mas era algo subjetivo em que a própria sociedade se auto-organizava.

Da divisão de Geração, como relatado na citação acima, eles/elas se auto-determinavam, uma vez que havia sessões consideradas para jovens e outras para pessoas mais adultas. Mas independente disso, havia a censura, conforme a idade, pois eram passados filmes que poderiam ser assistidos somente por pessoas que tivessem no mínimo dezoito anos. Em tempos de Regime civil militar, todo filme antes de ser exibido nas telas, tinha que ser examinado por censores, funcionários da polícia federal que assistiam tudo e decidiam o que os brasileiros, mesmo os maiores de idade, poderiam ver. A censura era mais ideológica do que moral, pois a preocupação maior era não deixar passar filmes que configurassem ideais comunistas. Porém não havia filmes pornográficos, o sexo, o nu explícito era proibido, somente se permitia no frontal, o que propiciou a pornochanchada, gênero de filme brasileiro surgido nos meados dos anos 1970, uma mistura de humor com erotismo.

Em 1969 o governo militar criou a Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima - *Embrafilme*¹⁵⁷ que estimulava a produção de filmes nacionais. A partir dela os cinemas foram obrigados a passar uma cota de filmes nacionais. No ano de 1969, deveriam ser exibidos 63 dias evoluindo para 112 dias em 1975, o que ocasionou numa proliferação de salas de cinema nos anos 1970 no Brasil. De 829 em 1967 passou para 3.276 em 1975.¹⁵⁸ Ano em que teve o Festival Nacional de Cinema em Lages, que depois foi transferido para a cidade de Gramado no Rio Grande do Sul.

O Primeiro Festival de Cinema Nacional ocorreu em Lages de 11 a 15 de novembro de 1975. Patrocinado pela Prefeitura do Município no governo do prefeito Juarez Furtado

¹⁵⁷ A *Embrafilme* foi criada através do decreto-lei Nº 862, de 12 de setembro de 1969 estabelecendo que a União obtinha 70% do capital da empresa, sendo os 30% restantes divididos entre o Instituto Nacional do Cinema (29,4% e acionistas privados (0,6%). Informações retiradas do site: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126029/decreto-lei-862-69>. Acessado em 03 de novembro de 2011.

¹⁵⁸ DÓRIA, Carlos Alberto e CAMPEDELLI, Gabriela. Cinema em transe. **Trópico**. Revista virtual da UOL. Que pode ser acessada pelo site: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1675,1.shl>. Do autor e da autora Carlos Alberto Dória é sociólogo, consultor e autor de livros como "Ensaio Enveredados", "O Cangaço" e "Bordado da Fama". Gabriella Campedelli é formada pelo European Master on the Management of Digital Interactive Services, oferecido pelos órgãos Media e Tram, da União Européia, em associação com o Instituto Nacional do Audiovisual francês (INA).

foram exibidos filmes de curta e longa metragem no *Cine Marrocos*. As premiações se davam através de troféus *gralha*, *gralha de prata*, *gralha de ouro*. Foi utilizado o termo *gralha* como uma referência a ave comum no sul do Brasil, a *gralha azul*. Vera Fischer esteve presente no Festival ganhando o prêmio *gralha de ouro* como melhor atriz no filme *Intimidades*.¹⁵⁹

Em Lages o Festival só teve uma edição, por motivos que as pessoas não sabem explicar e se perguntam por que não houve continuidade, “deve ter sido por falta de grana” conta o depoente Rogério. Infelizmente por falta de catalogação, no jornal da cidade de 1975, não foi possível encontrar informações sobre o Festival. Outro depoente nos conta sobre o festival: “eu não participei, devo ter ido ver alguma coisa, eu já gostava de programações culturais, mas não lembro, o que eu lembro é de boatos, depois que foi para Gramado, as pessoas falavam que o de Lages foi muito chique.”¹⁶⁰

Os filmes nacionais exibidos nos anos 1970 eram dos comediantes *Os Trapalhões*, *Mazzaropi*, *Teixeirinha*, que ganharam sucesso popular, mas a maior produção nos anos 1970 eram as pornochanchadas. O erótico *Dona Flor e seus dois maridos*, produzido em 1976 por Bruno Barreto, atraiu dez milhões de espectadores, foi o maior sucesso de bilheteria nacional até 2007 quando foi superado por *Tropa de Elite*.¹⁶¹

O sucesso dos filmes pornochanchadas aguçava a curiosidade dos rapazes lageanos. Já para as mulheres não era considerado um ‘lugar apropriado’. Nenhuma das mulheres entrevistadas disse que foi ao cinema ver pornochanchadas. Era um momento masculino. A não ser para aqueles que eram menores de 18 anos, estes não podiam entrar. O que fazia com que muitos burlassem as regras. Vejamos:

Tinha que mostrar identidade ou carteirinha para assistir pornochanchada, carteirinha de estudante. Então para os homens eles pediam documento, pra mulher acompanhada não. Mas as mulheres não iam, era muito difícil. Mas assim, tinha uns cara que a gente dava uma grana e eles falsificavam uma carteirinha pra você entrar. Na época eu lembro que a pornochanchada passava em todos os cinemas, passava até no Marrocos [...].¹⁶²

¹⁵⁹ COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens**: sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 1125.

¹⁶⁰ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011

¹⁶¹ Na década de 1970 sob controle do governo, a Embrafilme garante espaço para os filmes nacionais, em meio ao domínio dos filmes estrangeiros, com financiamento público e salas de exibição garantidas em lei. Em São Paulo, o movimento da Boca do Lixo produz filmes de baixo orçamento, com forte apelo erótico, a Pornochanchada. Informações retiradas do site: <http://www.telabr.com.br/timeline/brasil>. Acessado em 02 de novembro de 2011.

¹⁶² Entrevista concedida por Rogério. 49 anos. Lages, 30 de agosto de 2011.

A citação anterior nos informa que uma “mulher acompanhada” não precisava ter 18 anos para entrar num cinema censurado para menores de idade. Isso significa dizer que a presença masculina justificava e autorizava a sua entrada, dava o aval de “maioridade”.

2.5 ESCOLAS, UM ESPAÇO (ANTI) DEMOCRÁTICO:

[...] Teve uma menina que se apaixonou por um rapaz negro e ele era pobre e ela era bolsista do *Santa Rosa* e a família “deus o livre”. Eu ouvia ela apanhar, levar surras porque viram ela conversando na rua com esse rapaz. Não viram nenhum contato físico, mas o namoro era de olhar, era o jeito que olhava né? Então pelos olhares as pessoas viam e contavam pra família: “oh a fulana ta namorando com aquele negrinho lá”, aí ela apanhava. Depois ela ficou noiva de um rapaz que trabalhava no comércio, classe média, mas a família não aceitou porque era classe média. Eles queriam que ela arrumasse um casamento melhor, ela estudava no *Santa Rosa*, não importava se era de bolsa. Se ela tava lá, se sujeitando a ser humilhada pelas ricas e pelas freiras era para conseguir um bom casamento [...].¹⁶³

Assim como em outros espaços, as escolas também eram espaços sociais diferenciadas pela classe social, etnia e gênero. Havia as escolas para pessoas de maior poder aquisitivo da cidade e para os das classes populares. Não era comum pessoas negras estudarem em colégios de caráter “elitista” como o Colégio católico *Santa Rosa de Lima*,¹⁶⁴ destinado às meninas. Embora uma/um ou outra/o conseguiram matricular-se. E alguns meninos negros no *Diocesano*, Colégio católico para os meninos.

Portanto, além do problema de classe, raça/etnia, se configurava uma diferença de gênero, meninos e meninas não podiam conviver no mesmo espaço educacional. A educação em Lages nos anos 1970, principalmente nesses colégios particulares católicos, ainda seguia padrões estereotipados e formas hierarquizadas de classificação social e cultural entre masculino e feminino dentro de uma lógica hegemônica. Aqui cabe uma citação do livro organizado por Norberto Dallabrida e Ione Ribeiro que fala sobre a educação catarinense numa perspectiva histórico-sociológica.

¹⁶³ Entrevista concedida por Vera. 55 anos. Lages em 23 de setembro de 2011.

¹⁶⁴ Da fundação do Colégio *Santa Rosa de Lima* está se deu no início do século XX: “Fora naquele momento, no dia 18 de agosto de 1901 [...] a chegada das Irmãs. [...] Frei Rogério, Pároco da época, sentiu-se recompensado pela presença das Irmãs, pois tinha-se empenhado muito até conseguir sua vinda. A intenção dele era confiar-lhes a educação feminina. [...] Eis que estavam agora em Lages as Irmãs da *Divina Providência*, as educadoras tão desejadas [...]”. ARTÚRIS, Irmã. **O carvalho historiador**. Lages, 2001, p. 15-16.

A influência ideológica da Igreja se manifesta não apenas nos colégios católicos, mas também nas características organizacionais e pedagógicas das instituições escolares em geral: os homens são identificados com a esfera do trabalho – que é pública – e as mulheres, mesmo quando devem trabalhar, são identificadas com a esfera doméstica – que é privada.¹⁶⁵

Essa era também a ideologia das escolas lageanas dos anos 1970, que pautada num ideal burguês ensinava que a mulher possuía uma natureza feminina de mãe, de esposa submissa, e a educação feminina, principalmente no Colégio *Santa Rosa de Lima*, se utilizava como referência o modelo da Virgem Maria para legitimar essas ideologias. As jovens eram estimuladas a criar um lar, ter filhos, ao amor à pátria, ao civismo, valores que deveriam ser repassados aos futuros filhos, além do trabalho, visto como algo que engrandecia o ser humano.¹⁶⁶

O Colégio *Santa Rosa*, administrado por freiras católicas da *Divina Providência* até 1968, funcionava também como internato para as filhas de famílias ricas, principalmente de fazendeiros e ou de outras localidades. Porém deixou de ser devido à falta de espaço decorrente ao aumento do número de alunas. Havia bolsistas, que sem condições de pagarem a mensalidade ganhavam bolsa de estudos, uma das exigências da prefeitura para isenção de impostos. Vale ressaltar que essas bolsistas tinham um tratamento diferenciado. Vê-se pela citação abaixo:

[...] Elas eram todas discriminadas, pelas mais ricas, elas não se misturavam. E as freiras, padres também se fosse hoje, os *bullying* de hoje, elas sofriam *bullying*.¹⁶⁷ Eu sei de um caso de uma amiga íntima minha que a madre superiora chegou a colocar uma cadeira e chamar essa minha amiga, a mandou subir e mostrar que o uniforme dela era inferior, de tecido inferior e que era uma vergonha pro Colégio andar com um uniforme daquele. [...] O uniforme era feito por costureiras ou a mãe fazia em casa.¹⁶⁸

Já desde a década de 1970, as meninas que estudavam no colégio *Santa Rosa*, mesmo tendo uma formação escolar rígida, com cobranças morais, disciplina, uma formação voltada

¹⁶⁵ VALLE, Ione Ribeiro, SCHVAAB, Cristiane Inês, SCHNEIDER, Juliete. As finalidades do ensino médio In: DALLABRIDA, Norberto, VALLE, Ione Ribeiro (org.) **Ensino Médio em Santa Catarina: histórias, políticas, tendências**. Florianópolis; Cidade Futura, 2006, p. 61.

¹⁶⁶ Idem, p. 61.

¹⁶⁷ Bullying (do inglês bully que quer dizer valentão) é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por uma ou um grupo de pessoas causando dor e angústia a vítima sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

¹⁶⁸ Entrevista concedida por Vera. 55 anos. Lages em 23 de setembro de 2011.

para o casamento, aulas de prendas domésticas, etiquetas, demonstravam-se resistentes aos ensinamentos, pois era comum vê-las fumando cigarro dentro do colégio, escondidas das freiras. Segue o depoimento de uma aluna do Colégio *Santa Rosa*, na década de 1970:

[...] No *Santa Rosa* se você não fumasse cigarro, escondida das freiras, você era ‘CDF’,¹⁶⁹ tu era julgada como aquela puxa-saco das freiras, tu ia ser freira. A gente fumava no pátio, tinha a irmã Marcela que pegava a gente pela costeleta. [...] Fazia aqueles bolos no pátio com aquela fumaceira. Todo *Santa Rosa*, todo mundo que fuma até hoje começou a fumar no *Santa Rosa*, um colégio religioso, de freira, só de meninas. Então fumar era charme, porque nos filmes, os artistas de *Hollywood* estavam sempre fumando, fumar era glamour [...] ¹⁷⁰ (nome da freira fictício)

Vê-se pela citação acima o poder da moda, das atrizes de filmes *hollywoodianos* influenciando nos comportamentos como de jovens lageanas nos anos 1970 fazendo com que as que não fumassem é que fossem consideradas ‘diferentes’, chamadas de CDFs.

Com relação os namoros, a saída das moças do Colégio *Santa Rosa* na década de 1970 era um ‘evento’, onde se formavam paredões de rapazes por todos os lados da rua, para esperarem as meninas saírem da escola e as paquerarem. E elas por sua vez, enrolavam as saias na cintura para que as pernas ficassem mais a mostra.

Muitas famílias de classe média que não tinham mais dinheiro, mas tinham sobrenomes tradicionais, ‘berço’, sacrificavam-se financeiramente para manter a filha ou as filhas no Colégio *Santa Rosa* com o objetivo de arrumarem ‘bons casamentos’. Afinal, rapazes de “sociedade” namoravam as moças que estudavam no Colégio *Santa Rosa*.

Ali as garotas tinham como formação no 2º grau científico, ao término do chamando ginásio, o curso de normalista, que as habilitava como professoras normalistas. Este curso era autorizado ao *Ginásio Diocesano*, mas como as meninas não podiam estudar lá, eram usadas as dependências do *Santa Rosa* para seu funcionamento. O magistério era o único curso profissionalizante oferecido às meninas que estudavam no *Santa Rosa*, isso porque era uma profissão socialmente aceita para mulher.

Neste particular, vale lembrar que quem determinava se a mulher podia ou não exercer uma profissão era o homem, legitimado pelo Código Civil Brasileiro de 1916, lei de 1962, que em seu artigo 233 delegava que, “O marido é o chefe da sociedade conjugal, função

¹⁶⁹ CDF é a abreviação para Cabeça de Ferro, designada a uma pessoa estudiosa, que se dedica exclusivamente aos estudos.

¹⁷⁰ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages em 05 de setembro de 2011.

que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos”,¹⁷¹ portanto o esposo era o representante legal da família e era delegado, a ele era dado o direito de permitir ou impedir a mulher de trabalhar. Neste caso, o magistério era aceito porque a educação das crianças tinha uma conotação maternal, uma relação construída e naturalizada onde o simples fato de ser mulher já a considerava, de antemão, capaz para exercer a profissão, uma vez que era sensível, dócil, com instinto materno. Vejamos o relato de uma aluna do magistério do Colégio *Santa Rosa*, Gelsa de Souza Lucena, para perceber essa relação de sensibilidade maternal entre professora e alunas/os:

É encantador receber cartões elaborados por aquelas mãozinhas mesmo que no cartão se encontre apenas uma frase: “eu gosto muito da senhora” [...] É comovente numa situação de despedida a gente chorar, quando sentimos vários bracinhos nos apertando e dizendo adeus. Numa situação assim eu me senti gente, eu chorei!¹⁷²

Outra aluna do Colégio *Santa Rosa*, Maria Helena Costa, também relatou através do jornal a sua experiência como professora estagiária. Um relato em que podemos perceber que o *Santa Rosa* era uma escola que compartilhava e perpassava valores burgueses, religiosos, valorizava o trabalho o considerando como algo que realiza e dignifica o ser humano:

Meu estágio, a experiência que me fez crescer
[...] senti que aquele nervosismo se transformou em segurança, aquele pavor acabou ao sentir o sorriso de uma criança. [...] Eu aprendi que para nos sentirmos realizados com alguma coisa precisamos lutar muito, para que ao sentirmos que estamos lutando possamos pouco a pouco conseguindo a realização. [...] Eu procurei semear o amor e onde andei falei de Deus, e falando dele encontrei o valor do sorriso de cada criança e do amor que encontrei em cada pessoa que estava ao meu lado.¹⁷³

Percebe-se, no relato da estagiária, o carinho, a sensibilidade e o instinto materno presentes nela ao se referir às crianças, assim como os ensinamentos sobre a religião, a fé em Deus que o colégio passava. A religião era uma das disciplinas principal e obrigatória nesse educandário, todas eram obrigadas assistir às aulas e ir à missa aos domingos, onde deveriam

¹⁷¹ Informação retirada do Código Civil Brasileiro de 1916 disponíveis no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm#art1. Acessado em 02 de novembro de 2011.

¹⁷² JORNAL *Correio Lageano*. 04 de janeiro de 1979.

¹⁷³ Idem. 05 de janeiro de 1979.

prestar atenção, principalmente no evangelho e no sermão que o padre fazia, para depois relatar, quando solicitada, nas aulas de religião. Eram, também, preparadas para fazer a primeira eucaristia e a crisma, saindo, dessa forma, preparadas para o magistério e esposa fina e requintada.

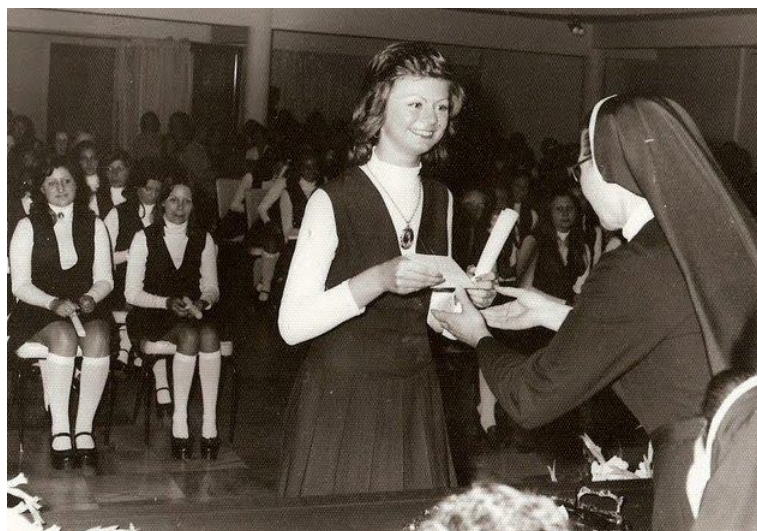


Figura 12: Formatura das normalistas do Colégio *Santa Rosa de Lima* no *Clube 14 de Junho* em 1974. (Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=14875007417069449555&aid=1278682763&pid=1278972657898>. Acessado em 10 de outubro de 2011. Walter Hoeschl Neto).

A fotografia acima, da formatura das professoras normalistas do Colégio *Santa Rosa*, nos possibilita visualizar o uniforme das alunas, as saias que, pela norma das freiras, deveriam ter dois dedos acima do joelho, exigência, que, como já foi mencionado, resistida. Os sapatos usados na época, chamados de “sapatos de boneca”, eram da mesma cor do uniforme, preto e branco, que era a mesma dos Hábitos das freiras. Muitas alunas usavam como jóia uma medalha, como se pode perceber na foto acima em que a formanda está usando um medalhão do Sagrado Coração de Jesus.¹⁷⁴

Os meninos, rapazes, filhos de famílias mais abastadas da região, na década de 1970, estudavam no *Ginásio Diocesano*, o *GD* como era chamado.¹⁷⁵ Esta escola era dirigida por

¹⁷⁴ Informação obtida por entrevista concedida por Mara Lúcia Grazziotin, aluna que está na foto recebendo o diploma de professora normalista. 54 anos. Lages, 30 de outubro de 2011.

¹⁷⁵ Em 1895 foi fundado o Colégio ‘Collegonte’ que durou até 1914 quando foi entregue a prefeitura, tornando-se um Hospital, hoje é o Hospital Nossa Senhora dos Prazeres. Os alunos passaram a ocupar as dependências da Escola Paroquial São José que em 1932 se transformou em Colégio Diocesano. Neste particular, em 1929 Dom Daniel Hostin, primeiro bispo de Lages, queria construir uma escola com curso secundário, o ginásio. Até então, em todo o estado de Santa Catarina só havia o ‘Ginásio Catarinense’ em Florianópolis, dos padres jesuítas e o

padres franciscanos voltada ao público masculino, que “[...] se destinava a formar futuros varões. Homens que em um futuro próximo estariam à frente de instituições econômicas, culturais e políticas da região e do estado catarinense”.¹⁷⁶ Resultado da aliança entre os dirigentes da Igreja Católica de Lages com os fazendeiros e profissionais liberais abastados que tinham o propósito de educarem os rapazes para serem seus sucessores, líderes, homens de negócios, políticos,¹⁷⁷ provedores da família e para isso teriam que ter uma profissão adquirida através de formação em cursos superiores e que dessem prestígio social como às faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, feitas fora da cidade, pois as faculdades de Lages não ofereciam esses cursos. Portanto exigia certo poder aquisitivo, os lugares os quais eles estudavam eram Florianópolis, Blumenau, Curitiba, Porto Alegre, São Leopoldo. Cidades onde havia os cursos, já citados, que davam *status* aos jovens, beneficiando-os ao que se refere às relações de namoro, pois um rapaz que estivesse fazendo faculdade tinha mais facilidade para arrumar ou até escolher namorada. Vê-se pelo depoimento abaixo:

Eu passei no vestibular em São Leopoldo, quando eu passei eu voltei, era férias e conheci uma mulher, eu saí com ela, menina de sociedade e tal e daí ela chegou assim “eu falei pros meus pais que você passou no vestibular da UNISINOS, eles querem te conhecer” e eu pô, né? Eu só vim passar as férias, mas tudo bem peguei e fui, quando cheguei na casa dela veio o pai dela, mãe dela, não sei o que, “meus parabéns!” Chegou assim: “você quer beber alguma coisa? Um whiskeyzinho? Mas passou no que?” Eu passei pra Jornalismo! “Então traz uma cerveja!” [risos] Foi a última vez que eu fui convidado pra ir lá. Então assim, esse fato mostra bem o que era o interesse das famílias em arrumar um bom partido.¹⁷⁸

Nesse sentido, o Colégio *Diocesano* estava a serviço de filhos de famílias economicamente e socialmente privilegiadas para que estes passassem no vestibular. Como podemos perceber na nota do jornal *Correio Lageano*: “Sérgio R. Carsten Duarte 3º Lugar no Cômputo Geral na Universidade Federal de S.C. classificado em medicina, foi o aluno preparado pelo Diocesano Pré-vestibular”.¹⁷⁹ Outra nota do jornal se referia ao vestibular

‘Colégio Santo Antônio’, em Blumenau, de franciscanos. Em 1931 então Dom Daniel deu início à construção do Colégio Diocesano na Rua Coronel Córdova, (onde ainda hoje permanece com o nome de Bom Jesus Diocesano). Para o ano letivo de 1932 estavam matriculados 88 alunos, sendo 30 internos. Em 1936 forma-se a primeira turma do curso ginásial. E em 1941 o colégio muda de nome, de Colégio Diocesano para Ginásio Diocesano. Já em 1943 o Colégio oferecia o curso Científico e Clássico, conclusão do ensino médio.

¹⁷⁶ SILVA, Fernando Leocino da. Ginásio Diocesano: “nova” escola... “velhos” projetos. **Revista História Catarina**, número 03, Abril, maio, junho de 2007, p. 87.

¹⁷⁷ O atual governador de Santa Catarina, o lageano Raimundo Colombo estudou no Colégio Diocesano.

¹⁷⁸ Entrevista concedida por Rogério. 49 anos. Lages em 30 de agosto de 2011.

¹⁷⁹ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 24 de janeiro de 1979.

como um “monstro” que deveria ser derrotado por um “herói”. E esse herói seria o estudante do Colégio Diocesano. Heroínas não havia somente mocinhas que os esperavam “para o beijo final”:

Finalmente o odioso monstro do Vestibular foi subjugado e destruído pelo COLÉGIO DIOCESANO. Sua destruição começa quando você ingressa no 2º GRAU ESPECIAL. Você começa a enfraquecê-lo ao assistir dois períodos de aulas com toda matéria apostilada. Na 1ª e 2ª série você aprende todas as disciplinas e golpes que esse monstro usa. Na 3ª série você só recapitula, afiando assim suas armas para a grande vitória. E assim termina a história de mais um monstro, com um final feliz. Para você, o herói, damos todas as armas. Só não oferecemos a mocinha para o beijo final.¹⁸⁰

Das escolas onde estudavam a classes populares nos anos 1970 havia o *Centro Educacional Vidal Ramos Júnior*, o *Grupo Escolar Vidal Ramos*, escolas públicas. Ali estudavam crianças e adolescentes pobres, classe média, que não tinha condições financeiras para pagar a mensalidade dos particulares, ou ainda aqueles/as que não gostavam dos métodos de educação dos colégios católicos. Entretanto, vale lembrar de que embora mais flexível que as escolas católicas, a escola pública também era rígida quanto à educação. Sobre a escola para classes populares durante século XX, a historiadora Silvia Fávero Arend nos alerta que entre “[...] os pobres brasileiros, rurais ou urbanos, a escolarização, durante o século XX, tornou-se, paulatinamente, uma das principais vias de ascensão social [...]”.¹⁸¹

Essas escolas públicas tinham um caráter mais democrático, eram mistas, ou seja, não eram distintas pelo gênero, o contrário das escolas católicas. Ali meninas e meninos estudavam não só na mesma escola como na mesma sala de aula. Essa aproximação entre meninos e meninas nas escolas públicas facilitava e incitava os namoros, pois ali eles e elas mantinham contato diário, criava-se uma relação de amizade, que, muitas vezes, possibilitava descobertas de sentimentos mais profundos, o que não acontecia nas escolas privadas, pois as alunas eram vigiadas pelas freiras, pais e mães, elas não tinham esse contato, uma vez que não era permitido.

Dos namoros que aconteciam nas escolas públicas, muitos deles resultaram em casamento, conforme afirma uma das entrevistadas:

¹⁸⁰ Idem, 31 de dezembro de 1978.

¹⁸¹ AREND, Silvia Maria Fávero. Legislação menorista para o trabalho: infância em construção (Florianópolis, 1930-1945). *Caderno Espaço Feminino*, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007, p. 290.

Tive uma amiga que por ser resistente à rigidez do Colégio Santa Rosa, mesmo sendo filha de fazendeiro, conseguiu estudar no Centro Educacional, e lá conheceu o seu marido. Ali ela namorou, noivou e vivem até hoje. Ela me disse que foi graças à escola que hoje ela é feliz, porque o amor deles nasceu dentro da sala de aula. Ela me disse ainda que o amor deles é mais forte hoje, principalmente, quando olham para os filhos. O engraçado é que ele também tinha condições financeiras de estudar em colégios particulares, mas também não quis estudar e se matriculou no Centro Educacional.¹⁸²

Conforme a citação acima vê-se que nem todas/os as /os filhas/os de famílias ricas e tradicionais de Lages estudaram em escolas católicas, o que aparecem em algumas falas citadas anteriormente. E assim como aconteceu com esse casal, muitos outros namoros iniciaram na escola pública, porém provavelmente nem todos chegaram até o casamento, o importante é que foi a escola pública que facilitou aproximações, pois lá tinham certa liberdade de conversar com quem queriam, sem restrições.

¹⁸² Entrevista concedida por Helena. 56 anos em Lages, 23 de novembro de 2011.

CAPÍTULO TRÊS

INFLUÊNCIAS CULTURAIS E (RE) SIGNIFICAÇÕES NAS PRÁTICAS DE NAMORO NA LAGES DOS ANOS DE 1970

Neste capítulo serão analisadas algumas práticas de namoro e sociabilidades da forma como eram reapropriadas e (re) significadas a partir de influências de modismos recebidos do país e do exterior, através das mídias locais e contatos com pessoas vindas de fora. Os namoros entre moços e moças em Lages nos anos 1970 eram influenciados por fenômenos vindos de grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também de cidades da Europa e Estados Unidos. Essas influências chegavam através da música, da televisão, das revistas, dos filmes, e refletiam nos comportamentos como o uso de determinadas roupas, do corte dos cabelos, do uso de drogas, das gírias, da forma de cumprimento, dentre outras.

3.1 OS SONS QUE EMBALAVAM OS CASAIS, AS LEITURAS E APROPRIAÇÕES

Das memórias de pessoas que viveram à época é possível reavivar os estilos musicais que embalavam os enamorados, como nos disse a lageana Regina, hoje com 56 anos:

Do que nós gostávamos? Nós gostávamos de *Rock* e de música estrangeira, música brasileira, era época dos festivais, *Chico Buarque*, *Caetano*, *Rita Lee*, eu particularmente gostava muito de música estrangeira, dos *Bee Gees*. Eu me lembro que surgiu nessa época uma música, é: *Je t'aime moi non plus* era o nome da música, uma música francesa que tinha sido proibida porque eles cantavam e meio que gemiam na música, então como não tocava na rádio e a gente ouvia muito falar naquela música. Uma tarde nós fomos numa boate que tinha, eu não lembro do nome da boate, nós fomos lá e o dono da boate colocou ali pra nós ouvirmos e matarmos a curiosidade. Então nós andávamos sempre em patota em turma, turma de meninas e os meninos ficavam pro outro lado. (...) Eu gostava também dos *Rolling Stones*, dos *Beatles*. Essas músicas tocavam no rádio e tudo. Porque naquela época o que tinha? Você tinha a rádio pra ouvir, né? A gente comprava discos de vinil, a gente fazia coleção de discos, tinha os pequenininhos e depois vieram, os grandes.¹⁸³

¹⁸³ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Em 26 de agosto de 2011.

Regina, bem como suas amigas, sua “patota”, ouvia músicas nacionais de cantores como *Chico Buarque*, *Caetano Veloso*, a cantora *Rita Lee*, que se tornaram populares a partir dos Festivais de Música Popular Brasileira (MPB) da TV *Record*, ocorridos entre 1966 e 1969. Estes e outros cantores lançaram o movimento popular juvenil que perdurou nos anos 1970, chamado *Tropicália*, sendo inclusive reprimido pelo regime civil militar brasileiro pelas músicas serem consideradas de caráter contestador.¹⁸⁴ Ela também nos conta da “música estrangeira” do gosto dela e de sua turma por *rock* em especial as duas maiores e mais populares bandas de *rock*: *The Rolling Stones* e *The Beatles*, ambas inglesas formadas no início dos anos 1960.

Mas a sua preferência era *BeeGees*, uma banda de *pop rock* também considerada *Country Rock*, composta de três irmãos ingleses, criados na Austrália, o mais velho *Barry Gibb* e os gêmeos *Robin* e *Maurice Gibb*, que fizeram sucesso nos anos 1970, vendendo mais de 250 milhões de discos, ganharam nove prêmios *Grammy*,¹⁸⁵ sendo que o álbum *Saturday Night Fever* que compõe a trilha sonora do filme, aqui já citado, *Os Embálos de Sábado à Noite*, que segundo a revista norte-americana *Billboard*, foi a mais vendida de todos os tempos ocupando o 5º lugar como álbum mais vendido da história (mais de 37 milhões de cópias).¹⁸⁶

Já a sensual música francesa *Je t'aime moi non plus* em português *Eu te amo, eu mais ainda*, citada pela entrevistada, trata-se de uma canção do compositor, cantor, ator e diretor francês *Serge Gainsbourg* cantada por ele e, na ocasião sua esposa, *Jane Birkin*, atriz inglesa. Foi lançada na França em fevereiro de 1969 nela podemos ouvir sussurros e gemidos de prazer entre um casal simulando um ato sexual, na letra há versos como: "Eu vou e venho, entre suas partes íntimas", inclusive com comentários de que o casal estaria transando durante a gravação. A música foi escrita originalmente no final de 1967, para a atriz francesa *Brigitte*

¹⁸⁴ Influenciada por movimentos juvenis internacionais, a *Tropicália* trata-se de uma manifestação cultural, ocorrida no final dos anos 1960, que invade as artes plásticas, o cinema, o teatro, a música, trazendo irreverência, inovação e libertinagem, características de um movimento que buscava contestar a cultura dominante. Dentre todas as artes de manifestação à *Tropicália*, a mais significativa é a música. Através de canções como 'Alegria, Alegria' de *Caetano Veloso* e 'Domingo no Parque' de *Gilberto Gil*: a *Tropicália* foi lançada. Teve influência de bandas internacionais como os *Beatles*, músicas acompanhadas por guitarras elétricas, que traziam elementos do rock, psicodelia, causavam polêmica, provocavam euforia e indignação numa platéia participativa que tanto vaiava como aplaudia. Outros nomes do Tropicalismo da música no Brasil são cantores e cantoras como *Geraldo Vandré*, *Edu Lobo*, *Gal Costa*, *Elis Regina*, *Nara Leão*, *Tom Zé*, *Chico Buarque*, *Os Mutantes*, além de músicos que trouxeram novos arranjos como *Rogério Duprat*, *Julio Medaglia*, *Damiano Cozzela* e letristas como *José Carlos Capinan*, *Torquato*, entre outros. Informações retiradas de ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. R. J.: Zahar, 2008, (p. 269-271).

¹⁸⁵ *Grammy Award* é um prêmio norte-americano, o mais importante da indústria musical internacional. A premiação é anual.

¹⁸⁶ Informações retiradas do site: http://www.100anosdemusica.com.br/anos60_thebeegees.htm acessado em 10/01/2012.

Bardot em meio a um caso de amor entre eles. Chegaram a gravar, mas ela não permitiu o lançamento. Com *Jane Birkin* a música foi um sucesso em toda a Europa, América incluindo Estados Unidos e Brasil. Ela foi reprovada pelo Vaticano, considerada imoral e por isso proibida em vários países.

E através do que se ouviam as músicas? Nas palavras de Regina, “[...] naquela época o que tinha? Você tinha a rádio pra ouvir, né? A gente comprava discos de vinil, a gente fazia coleção de discos, tinha os pequenininhos e depois vieram, os grandes”. Esse disco de vinil, o *Long Play* (LP) de doze polegadas ou o *Single Play*, pequeno com sete polegadas era ouvido em casa ou nas discotecas. Já nos carros era ouvida a fita cassete, no aparelho toca-fitas, lançada pela empresa holandesa *Phillips* em 1963, uma fita magnética alojada em dois carretéis.

Muitas músicas fizeram sucesso nos anos 1970 na intimidade dos namoros, que na maioria das vezes acontecia dentro dos carros. Foram elas *Good by my love good by*, *Forever & ever* do cantor grego *Demis Roussos*, *Ben, Music and me* de *Michael Jackson*, *To sir with love* da cantora escocesa *Lulu*, *A wide shade of pale* da banda britânica *Procol Harum*, *Rock and roll lullaby*, do norte-americano conhecido como *B.J. Thomas*, *Tornero* do grupo musical italiano *I santo Califórnia*, *Our love dream* do brasileiro *Terry Winter*, *Mamy Blue* da banda inglesa *Pop Tops*, (posteriormente vários outros cantores gravaram essa música como *Demis Roussos*, *Roger Whittaker*, entre outros), *Love Hurts* *Nazareth* *Dont Forget to remember*, *How Deep Is Your Love*, *Too Much Heaven* dos *Bee Gees*, *Fernando*, *The winner takes it all* do quarteto sueco *Abba*, *Feelings* e *She´my girl* do cantor e compositor brasileiro *Maurício Alberto Kaisermann* conhecido no mundo artístico como *Morris Albert* que ficou famoso em mais de 50 países incluindo a Europa e os Estados Unidos. Isso para citar as músicas românticas internacionais que embalaram a intimidade dos namoros nos anos 1970.

Nessa época, era ‘mais chique’ ouvir música estrangeira do que nacional. Por isso, muitos cantores/as brasileiros/as gravavam músicas em inglês. Das nacionais que faziam sucesso entre os casais de namorados românticos eram as do pessoal da *Jovem Guarda*, que tinham a afeição do público jovem como as de *Roberto Carlos* como *Detalhes*, *Amada amante*, *Debaixo dos caracóis dos seus cabelos*, *Rotina*, *Proposta*, *Os Seus Botões*, *Cavalgada*, *Café da manhã*, *Falando sério*, *Amante á moda antiga*. Entretanto, havia músicas românticas como a *Do que vale tudo nessa vida*, *Meu primeiro amor* de *José Augusto*, por exemplo, que teve grande vendagem de *Lps* mas entre os jovens não se admitia que se ouvia, era considerado brega, assim como as sertanejas, chamadas de ‘caipiras’ na época.

As músicas românticas eram tocadas também dentro das discotecas, isso no final da noite duas ou três, era um momento mais íntimo, onde casais daçavam a ‘música lenta’, à luz negra, agarradinhos. As músicas tocadas eram somente internacionais, como as já citadas.

A emissora de rádio mais ouvida pelas/os jovens lageanas/os nos anos 1970 era a *Difusora AM*. Neste particular, nos anos 1970 havia apenas rádios AM, e a frequência FM chegou somente nos anos 1980. As emissoras de rádio existentes na década de 1970 em Lages eram a *Clube*, a *Princesa*, ambas com uma programação mais concentrada em notícias, principalmente locais, e de esportes; as músicas que rodavam eram majoritariamente nacionais, dentre elas aquelas chamadas, na época, como já citado, de caipiras.¹⁸⁷

Já a *Rádio Difusora 1510 kHz* tinha uma programação mais voltada ao público jovem, mais programas de música, além de tocar *rock*, as músicas dos cantores da *Jovem Guarda*, e no final dos anos 1970 discoteca, porém também tinham na programação jornais e informações sobre esporte, mas não era predominantemente. Ela funcionava das seis da manhã à meia noite. Já no final desta década a programação da rádio vinha descrita no jornal *Correio Lageano*, como podemos ver abaixo, esta veiculada no dia 23 de janeiro de 1979:

RÁDIO DIFUSORA
 PROGRAMAÇÃO PARA HOJE
 06:00 - Alvorada Difusora
 07:30 - Musical
 08:00 - Jornal da Manhã
 08:15 - Tudo Jóia
 09:00 - Correspondente Difusora
 09:10 - “O Disco do Telefone”
 11:00 - Correspondente Difusora
 11:30 - Musical
 12:05 - Jornal da Tarde
 12:25 - Cristo Vive
 12:30 - Desfile de Orquestras
 12:50 - 5 minutos com a Equipe Carneiro
 13:00 - Você é quem manda
 14:00 - Difusora, hoje e sempre
 17:00 - Discorama
 18:00 - Musical
 20:30 - Musical
 24:00 - Encerramento¹⁸⁸

¹⁸⁷ Músicas de cantores como *Tonico e Tinoco*, *Trio Parada Dura*, *Chitãozinho e Xororó*, *Sergio Reis*, *Odair José*, *Milionário e José Rico*, *Tião Carreiro e Pardinho*, entre outros.

¹⁸⁸ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 23 de janeiro de 1979.

Esta programação não se difere muito de outras emissoras da época, pelo Estado e pelo país, mas o que ela nos mostra é uma programação que está conectada com o consumo musical e programas voltados para jovens como “Discorama”, que tocava músicas ao estilo discoteca no final da tarde, e vemos uma referência à gíria da época - “Tudo Jóia” – bem no início do dia. E, segue com quase duas horas do programa “O disco do telefone”, uma espécie de ‘liga e pede a música’, cujo tempo de programa mostra que havia sim consumo por parte de ouvintes. Não tive acesso às programações diárias desta rádio, mas posso inferir que as músicas para jovens faziam sucesso.

O consumo musical evidencia uma cultura jovem em Lages na década de 1970, e por certo embalou jovens enamorados, em consonância com o que ocorria no restante do país. As revistas traziam as imagens de artistas e cantores/as, e também atores e atrizes nas suas delicadas subjetividades, que eram ‘copiadas’ como modelos por vezes.

O que liam aqueles/as jovens? Como representavam o que liam e consumiam? Ah! As fotonovelas arrancavam suspiros das moças lageanas dos anos 1970. Das oito mulheres entrevistadas para essa pesquisa, seis delas disseram que liam fotonovelas: “Nossa eu lia muita fotonovela, era uma delícia, eu adorava. Eu tinha *Capricho, Contigo*.”¹⁸⁹ “Fotonovela, eu lia fotonovela, vinha nas revistas, a minha irmã tinha e eu lia, ela fazia coleção de fotonovela”.¹⁹⁰

As fotonovelas eram histórias em quadrinhos montadas com imagens voltadas para público feminino. Os enredos variavam policial, ação, mas os de maior sucesso eram os românticos com mocinhas boazinhas, apaixonadas por um galã, com tramas repletas de barreiras para que no final acabassem juntos e fossem felizes para sempre.

Além das revistas *Capricho* e *Contigo* também traziam fotonovelas as revistas *Sétimo Céu* e *Ilusão*. Abaixo segue a capa da Revista *Capricho* da Editora Abril de setembro de 1972, edição de primavera. A capa foi ilustrada pela paulista *Bruna Lombardi*, que na época tinha 19 anos e era somente modelo tornando-se mais tarde também atriz. Seu primeiro trabalho como atriz foi na Rede *Globo* em 1977 na telenovela *Sem lenço, sem documento*. Nos anos 1970 *Bruna Lombardi* se tornou uma *sexy simbol*, chegando a pousar nua para a revista masculina *Playboy*.

¹⁸⁹ Entrevista concedida por Tânia. 56 anos. Lages, 30 de agosto de 2011

¹⁹⁰ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.



Figura 13: Capa Revista *Capricho* do mês de fevereiro de 1972 (Fonte: <http://modaspot.abril.com.br/cultura-fashion/cultura-historia/cultura-historia-decadas-de-moda/moda-historia-da-moda-anos-70>)

Como podemos observar na capa da revista, tratava-se de uma revista para maiores de 16 anos, pois na tarja na parte inferior da revista está escrito “DESACONSELHÁVEL PARA MENORES DE 16 ANOS” por se tratar de assuntos relacionados ‘ao amor’ conforme os anúncios, fotonovela: “Um amor de verdade: um homem, uma mulher, uma paixão vencendo as barreiras da vida!”, “um pôster em tempo de amor: para enfeitar sua vida”. O público alvo era feminino, vê-se pelas dicas de beleza: “livrinho de beleza: 65 receitas para fazer em casa” que vinha nessa edição da revista.

Rogério, morador de Lages, hoje com 49 anos, sobre o que os rapazes liam nos anos 1970, assim referenciou:

O que era bem consumido era o ‘catecismo’, que eles chamavam, era uma revistinha toda desenhada à mão, o cara era muito famoso e era uma coisa meio mimeografada e vendia pra caramba, porque eram historinhas. Era chamado de ‘catecismo’ porque era parecido com uma bíblia. Não tinha nome, todo mundo chamava de ‘catecismo’, era vendido nas bancas. A gente colocava o ‘catecismo’ dentro de outro livro, porque se fosse pego tava ferrado né? Eles rolavam nos Colégios, se fosse pego era expulso, mas eram muito legais as historinhas. A gente não conseguia comprar, menor né, mas chegava na tua mão, alguém mais velho comprava. Mas os desenhos eram muito bem feitos, o cara tinha bom gosto pra

mulher, era uma mulher assim: pernã, peitã, que é o tipo da mulher de hoje, bombada.¹⁹¹

Conforme o depoimento acima, ele e muitos outros moços e até meninos liam o chamado ‘catecismo’, uma revistinha erótica em quadrinhos, sem editora que durou dos anos 1950 aos 1980. O autor usava o pseudônimo de *Carlos Zéfiro*.¹⁹² As histórias eram de aventuras pornográficas com desenhos de traços simples, preto e branco, em ¼ de folhas de ofício, tendo geralmente entre 24 a 32 páginas, que fazia a alegria dos garotos, como nos contou Rogério que se emprestavam, liam escondido por se tratar de um produto considerado imoral e inadequado principalmente a meninos menores de 18 anos.¹⁹³

Era assim chamado como uma referência ao catecismo católico. No caso da revista de *Carlos Zéfiro* era uma doutrinação teórica não sobre religião, mas sobre sexo.

Nesse particular, o velho e bom dicionário define catecismo como um “livro elementar de instrução religiosa. Doutrinação elementar sobre qualquer ciência ou arte.”¹⁹⁴

Vários dos quadrinhos completos estão disponíveis na internet.¹⁹⁵ Tendo títulos como: *A pecadora, A Celita, A despedida, O castigo, A vizinha, A escolhida, A filha do diabo, Férias em Guarujá*. Este último segue abaixo a imagem da capa original, vê-se que é simples, não era mimeografada, mas apesar de não ter editora era impressa por uma gráfica. Algumas capas tinham o desenho dos personagens, outras, como essa, somente o título e o autor.

Esse quadrinho abaixo *Férias em Guarujá* conta a história de *Carlinhos* que ao passar as férias na praia paulista do *Guarujá* conhece Eliana com quem tem uma noite de sexo. Já na primeira página ele fala: “Depois de um longo período de trabalho penoso e estafante resolvi gozar de umas férias e escolhi a bela praia de Guarujá”. Na segunda: “Cheguei a Guarujá no meio da semana, passei os dias a beber e a apreciar as “boas” que existiam em abundância”. Segue a capa e a terceira página retiradas da internet:

¹⁹¹ Entrevista concedida por Rogério. 49 anos. Lages, 30 de agosto de 2011.

¹⁹² *Carlos Zéfiro* nasceu no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1921 e faleceu em 05 de julho de 1992. Ficou famoso pelos seus quadrinhos eróticos. Casado desde os 25 anos e com 5 filhos, o funcionário público do setor de imigração do Ministério do Trabalho Alcides Aguiar Caminha.

¹⁹³ Em 1996 a cantora brasileira de MPB, Marisa Monte lançou seu álbum duplo, *Barulhinho Bom: Uma viagem musical* usando na capa um desenho de Carlos Zéfiro, uma mulher com os seios a mostra. O álbum também foi lançado nos estados Unidos e lá a sua capa foi censurada sendo colocada uma traja preta sobre os seios.

¹⁹⁴ MICHAELIS. Dicionário prático da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008, p. 172.

¹⁹⁵ Os catecismos de *Carlos Zéfiro* podem ser lidos acessando pelos sites:

<http://www.carloszefiro.com/capas3.php>. <http://www.carloszefiro.com.br/search/label/Catecismos>.



Figura 14: quadrinhos eróticos de *Carlos Zéfiro* “catecismo” (Fonte: site www.carloszefiro.com).

As páginas posteriores desse quadrinho tratam de imagens pornográficas, *Carlinhos* e *Eliane* em sexo explícito. Entretanto, somente por essas duas páginas envelhecidas pelo tempo, pode-se visualizar o que o depoente nos contou, a revista era simples, caseira, feita na gráfica de quintal de Alcides de Aguiar Caminha, porém bem desenhada, as mulheres, não só essa, eram bonitas e cheias de curvas “o cara tinha bom gosto para mulher”. A venda se dava nas próprias bancas de revistas de forma clandestina. Além da revista não ter editora o Regime civil militar proibia a circulação de pornô, permitia-se um erotismo, um semi-nu, como já foi abordado no capítulo dois, item cinco.

3.2 AS IMAGENS DA MODERNIDADE: TELEVISÃO E CINEMA

O que também influenciava no comportamento dos jovens lageanos/as da década de 1970 eram os programas passados através do aparelho de televisão. Nos anos 1970 em Lages ter um televisor era sinal de *status*, pois nem todos tinham condições de tê-lo. Os programas, personagens aguçavam a curiosidade das pessoas através de um mundo mágico atrás de uma

tela. Entretanto, ao perguntar ao entrevistado Rogério, que hoje possui um senso crítico, graduado em Jornalismo pela UNISINOS – RS no início dos anos 1980, sobre a programação da TV na década de 1970, o que ele assistia, ele respondeu:

A televisão era limitada, nem todo mundo tinha. E a gurizada não assistia muito. Eles queriam saber era de festa. Na época tinha muita coisa educativa, por causa da ditadura, então era uma coisa muito chata. Eram novelas politicamente corretas. Então tinha coisa assim, tinha o *sujismundo*, que era uma lavagem cerebral. Quem via televisão era mais gente casada [...].¹⁹⁶

Historicizando as informações acima, o *Sujismundo* que o depoente comenta, considerando-o uma lavagem cerebral, foi um personagem fictício utilizado pelo Regime civil militar brasileiro no governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) para uma campanha de educação sanitária. Sua imagem esteve presente em desenhos animados, outdoors, adesivos, camisetas. O personagem (segue a imagem abaixo) careca e simpático foi criado pelo animador e quadrinista Ruy Perotti Barbosa. A campanha publicitária, a pedido do governo, relacionava a higiene com o desenvolvimento do país, tendo como slogan: *Povo desenvolvido é povo limpo*. As historiadoras da Universidade de Passo Fundo – RS, Eliane Lucia Colussi e Valmíria Antonia Balbinot ao escreverem o artigo *Propaganda e educação sanitária na década de 1970: “Povo desenvolvido é povo limpo”* noz dizem que:

A imagem do Brasil como país “subdesenvolvido” se agravava quando se confirmavam as condições de precariedade, pobreza e de miséria da maioria dos brasileiros. Para muitos, entre esses aspectos, estavam também a falta de higiene que imperava nos espaços públicos e privados e no cotidiano da maioria dos brasileiros.¹⁹⁷

O *Sujismundo* ganhou popularidade, em caráter de gozação pessoas, que eventualmente não tomavam banho ou estavam com aspecto desarrumado, passavam a ser identificadas como *sujismundas*.

¹⁹⁶ Entrevista concedida por Rogério. 49 anos. Lages, 30 de agosto de 2011.

¹⁹⁷ COLUSSI, Eliane Lucia e BALBINOT, Valmíria Antonia. Propaganda e educação sanitária na década de 1970: “Povo desenvolvido é povo limpo”. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008, p. 257-258.



Figura 15: Sujismundo (Fonte: http://www.mofolandia.com.br/mofolandia_nova/sujismundo.htm).

Das telenovelas exibidas nos anos 1970, o entrevistado as caracteriza negativamente como “politicamente corretas”, um termo atual, que por meio da linguagem, tenta banir o uso de palavras que tenham caráter pejorativo, discriminatório e ofensivo. Porém, ele usa esse termo pelo formato, que geralmente as telenovelas possuem de apresentarem uma mocinha e/ou mocinho bem intencionada/os, totalmente ética/os, sensata/os e que geralmente são injustiçados. Contrariando a visão do entrevistado a telenovela era um dos principais produtos da televisão brasileira, um dos meios de comunicação que mais repercutiam dentro da cultura popular de massa, inclusive entre os/as jovens.

Nesse sentido, nosso depoente nos conduz a um debate levantado, entre outros/as pesquisadores, por Silvia Helena Simões Borelli, professora de Antropologia e Ciências Sociais da PUC – SP, ao fazer um balanço sobre 51 anos de telenovelas (1950-2001), argumentando sobre esse caráter negativo que as telenovelas carregam:

Muito se debateu estes anos todos sobre os perigos de manipulação, evasão e alienação que emanariam dos enredos melodramáticos e alcançariam o público alvo – primeiro só mulheres, depois toda a família -, de forma a transformá-lo num mero reduto de sonhos e lágrimas, vazio de vontades, pleno de ilusões.¹⁹⁸

¹⁹⁸BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo em Perspectiva**, 15 (3), 2001, p. 29.

Os romances das telenovelas¹⁹⁹ influenciavam nas relações de namoro dos/as jovens lagueanos/as da década de 1970, principalmente as mulheres, público alvo, que suspiravam com as cenas de amor dos/as personagens principais. Neste sentido, geralmente a atriz e o ator principal das telenovelas seguiam a mesma linha das fotonovelas, era um casal apaixonado, ambos jovens e belos, de bom caráter que lutavam, durante a trama para ficarem juntos, cenas de casamento no final eram clássicas, o antigo conhecido “felizes para sempre” dos contos de fada.

Sendo assim, vários desses casais inspiravam jovens moças apaixonadas ou que estavam em busca do amor a sonhar com o amor, com o casamento embaladas pelas trilhas sonoras das novelas.²⁰⁰ Neste particular, a canção do norte-americano *Billy Joe Thomas* conhecido como *B. J. Thomas Rock and Roll Lullaby*, tema de *Simone* e *Cristiano*, ele interpretado por *Francisco Cuoco* e ela por *Regina Duarte* em *Selva de Pedra* (1972) foi um grande sucesso da década de 1970. Casais namoravam ao som do *Rock and Roll de Ninar* incutidos no romance dos protagonistas.²⁰¹ Essa telenovela, e depois *Roque Santeiro* (1985) atingiram os maiores pontos de audiência da televisão brasileira. Em *Selva de Pedra* isso se deu durante a exibição do capítulo 152, no dia 4 de outubro de 1972, cena em que *Simone Marques* é desmascarada.

Selva de Pedras era transmitida pela *TV Globo*. Com a falência da *TV Excelsior* em 1970 o mercado ficou dividido entre a *TV Tupi* e a *Globo*. Está última se tornou líder. Para falar da *Globo* o artigo da historiadora Maria Luiza Gonçalves Baracho, *Televisão brasileira: uma (re) visão* nos auxilia: “a TV seria um fenômeno significativo somente depois da criação da Rede Globo [...] a história da televisão na década de 1970 se confunde com a história da Rede Globo. [...] passou a servir de referência para a TV brasileira”.²⁰² Acrescento que foi de uma forma positiva e negativa por ser uma formadora de opinião. Voltando as telenovelas, a Rede *Globo*, revelou autores e atores, Janete Clair e Dias Gomes se tornaram os maiores

¹⁹⁹ A primeira telenovela brasileira *Sua vida me pertence*, foi exibida em 1951 pela rede Tupi. Teve vinte cinco capítulos, não era diária, passava duas vezes por semana. Nela apareceu o primeiro beijo da televisão brasileira, na verdade foi um selinho no último capítulo.

²⁰⁰ Para citar algumas das novelas exibidas nos anos 1970 cita-se: *As Bruxas* (1970), *Irmãos Coragem* (1970), *Meu Pé de Laranja Lima* (1970), *Selva de Pedra* (1972) *Uma Rosa com Amor* (1972), *Mulheres de Areia* (1973), *Cavalo de Aço* (1973), *O Bem Amado*, (1973), a primeira novela a ser exibida a cores no Brasil, *Uma Rosa com Amor* (1974), *Ídolo de Pano* (1974), *Fogo sobre terra* (1974), *O Espigão* (1975), *A Viagem* (1975), *Gabriela* (1975), *A Moreninha* (1975), *Escrava Isaura* (1976), *Saramandaia* (1976), *Estúpido Cúpid*o (1976), *Anjo mau* (1976), *O profeta* (1977), *Dona Xepa* (1977), *A sucessora* (1978), *Te contei?* (1978), *Dancin Days* (1978), *Pai Herói* (1979), *Cabocla* (1979), *Os Gigantes* (1979).

²⁰¹ Quando a novela foi regravada em 1986 a trilha permaneceu tendo também uma nova versão e, novamente, foi um sucesso.

²⁰² BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. *Televisão brasileira: uma (re) visão*. **Revista de história e estudos culturais**. Vol. 04, ano IV, no 02, abril/maio/junho de 2007, p. 01-02.

novelistas do Brasil. Com o sucesso das telenovelas, a partir de 1975, foi criado o horário das seis horas, inicialmente reservado para adaptações de obras da literatura brasileira. Nesse horário, Gilberto Braga escreveu vários sucessos como *Senhora e Escrava Isaura*, essa última foi reprisada em vários países.

Ao perguntar a uma das entrevistadas sobre o que ela gostava de assistir na televisão ela respondeu que assistia às novelas e mais, diz que assistir novela “era um evento”. Segue a fala:

Eu assistia muita novela. Eu assisti Dancin Days, Irmãos Coragem. Eu lembro que quando o pai comprou televisão, porque televisão era um privilégio, ainda mais televisão colorida, eu lembro que toda vizinhança vinha assistir, todos traziam bolachinha, não sei o que, era como se fosse um cinema, as crianças sentavam na frente, os adultos nas cadeiras e os mais idosos nas poltronas. Era festa, lá em casa era como se fosse um cinema, era um evento, a novela Os Irmãos Coragem eu lembro que tinha uma vizinha que ia toda santa noite, iam assistir, então a mãe já se preparava, fazia uma pipoquinha, a empregada fazia uma bolachinha, daí as mulheres também traziam, era reuniões coisas que no tempo de hoje não existe, as pessoas se visitarem, não existe, todo mundo na internet, ninguém tem tempo.²⁰³

Podemos perceber pelo relato da depoente a dificuldade que era ter uma televisão nos anos 1970. Ter uma televisão era um bem de consumo que poucos podiam usufruir. A nível nacional, o acesso a ela foi crescendo ao longo dos anos 1960/1970, vejamos:

Em 1960, quando as cidades apresentavam significativo crescimento, menos de 5% dos domicílios do país possuíam televisor. Dez anos depois, essa porcentagem superou 24%, concentrados nas regiões Sul e Sudeste. No Sudeste, em mais de 40% das moradias havia televisão. Considerando o número de aparelhos existentes no país, pode-se afirmar que, em 1960, eram 600 mil; dez anos depois chegavam a 4.600.000. Para 1979, o salto significativo: 16.700.000 televisores, sendo 4.530.000 em cores.²⁰⁴

É certo dizer que nos anos 1970 o consumo do aparelho televisor se propagou. Entretanto, ainda não existia em todos os lares brasileiros, mas nem por isso deixavam de assistir aos programas como nos aponta nossa depoente “quem não tinha televisão em Lages nos anos 1970 ia assistir na casa do/a vizinho/a”. E isso ela vê como algo positivo, pois possibilitava que as pessoas se reunissem, se visitassem.

²⁰³ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

²⁰⁴ BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão brasileira: uma (re) visão. **Revista de história e estudos culturais**. Vol. 04, ano IV, no 02, abril/maio/junho de 2007, p. 05

Em Lages nos anos 1970 havia duas emissoras de Televisão a *TV Cultura* - canal 6, implantada em 1970 que transmitia de Florianópolis a programação da *TV Tupi* e a *TV Coligadas* – canal 3 de Blumenau que transmitia da *TV Globo*. Elas recebiam os videotapes dos programas gravados no Rio de Janeiro e em São Paulo, então sofriam um atraso devido à distância.²⁰⁵

Nos anos 1970 a tecnologia da transmissão da TV em Lages estava ajustando-se, com relação a isso o jornal da cidade publicava constantemente notas como essa: “A TV Cultura, de Florianópolis, como sempre, só no chiado, porque imagem que é bom, não tem nada.”²⁰⁶ Nesse sentido, uma lageana nos conta sobre os problemas com relação à imagem, ou a falta dela, nos televisores:

Às vezes quando a novela tava boa, a gente ia assistir, estava fora do ar. Ficava dois, três dias fora do ar, até uma semana. Ou então, voltava aí à gente ficava bem feliz, ia assistir daqui a pouco no meio da novela saía do ar de novo, uí que ódio!²⁰⁷

A programação da TV em Lages, canais 03 e 06, no final dos anos 1970 vinham no jornal da cidade juntamente com a programação do rádio e do cinema. Segue a de uma quinta-feira, dia 03 de março de 1977:

PROGRAMAÇÃO PARA HOJE:

TV CULTURA – CANAL 6

11:30 – TVE

12:05 – Bat Masterson

12:30 – Diálogo

12:45 – Jornal da Tarde

13:00 – Bola em Jogo

13:30 - Sessão da Tarde

15:00 – Pica Pau

15:10 – Túnel do Tempo

16:10 – Reino Selvagem

16:40 – As Formigas

16:45 – Sawamu

17:10 – A Pantera Cor de Rosa

17:15 – Gente Inocente

17:55 – Papai Coração

18:30 – Os Trapalhões

18:55 – Tchan a Grande Sacada

19:35 – O Esporte com João Saldanha

²⁰⁵ Idem, p. 09.

²⁰⁶ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 16 de maio de 1972.

²⁰⁷ Entrevista concedida por Tânia. 56 anos em Lages, 20 de novembro de 2011.

19:40 – O Grande Jornal
 20:00 – O Julgamento
 21:00 – Quinta Especial
 22:30 – Petrocelli
 23:30 – Os Monroes
 00:30 – Cinema Especial

TV COLIGADAS - CANAL 3

11:40 - Color Bars
 11:50 – Festival de Desenhos
 12:15 - Vila Sésamo
 12:45 – Jornal “Hoje”
 13:20 – Cine Vespéral
 15:00 – Rhoda
 15:30 – O Mundo Indomado
 16:00 – Nova Dimensão
 17:00 – Flipper
 17:25 – Festival de Desenhos
 17:50 – Tom e Jerry
 18:00 – As sombras das Laranjeiras
 19:00 – Estúpido Cúpidio
 19:40 – Bola na Rede
 19:45 – Jornal Nacional
 20:10 – Duas Vidas
 21:00 – Chico city
 22:00 – Bem Amado
 22:30 – Kojak
 23:30 – Jornal “Amanhã”
 23:55 – O Homem de Virgínia.²⁰⁸

Vê-se pela programação que na parte da manhã não havia exibições, a abertura se dava somente a partir das 11h30min. A parte da tarde era mais voltada para o público infantil com desenhos norte-americanos, dublado em português como *Pica-pau*, *A Pantera Cor de Rosa*, a versão brasileira da série infantil norte americana *Sesame Street* no Brasil: *Vila Sésamo*.²⁰⁹ No final do dia e a noite dava-se início a programação adulta com telenovelas, telejornais, programas de humor, filmes e séries como a do *Kojak*, norte-americana sobre investigação tendo como personagem principal *Theo Kojak*, um tenente de polícia que trabalhava no 13º Distrito, zona sul de *Manhattan*, passava às 22:30h. no Canal 3 (*Globo*). Às 23:55h., fechando a programação da *Globo*, passava outra série, também norte-americana, *O Homem de Virgínia* um faroeste ambientado no final do século XIX num pequeno vilarejo chamado *Medicine Bow* no estado de *Wyoming*. *O Homem de Virgínia* era um vaqueiro com

²⁰⁸ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 03 de março de 1977.

²⁰⁹ O elenco era composto por Aracy Balabanian (Gabriela), Armando Bógus, (Juca), Paulo José (Mágico), Flávio Migliaccio (Edifício), Sônia Braga (Ana Maria), Laerte Morrone (Garibaldi), Manuel Inocêncio (Seu Almeida), Milton Gonçalves (Professor Leão), Ayres Pinto (Cuca), Luiz Antonio Angelucci (Bruno), Marcos Miranda (Funga Funga) e Roberto Orozco (Gugu). Informações retiradas do site: <http://oglobo.globo.com/cultura/kogut/nostalgia/posts/2011/02/08/vila-sesamo-1974-1977-tv-globo-tv-cultura-361513.asp>. Acessado em 20/01/2012.

senso de justiça. Já o Canal 6 (*Tupi*) disputava a audiência com outra série norte-americana também de faroeste e também ambientada no final do século XIX em *Wyoming, Os Monroes* uma história de cinco irmãos e irmãs que mesmo órfãos tentavam continuar unidos. Às 22:30h. passava *Petrocelli*, outra série norte-americana onde o personagem *Tony Petrocelli* foi acusado de ter assassinado sua esposa *Ruth Petrocelli*. Nos anos 1970, a TV tinha horário para encerramento, entre 01h00min e 02h00min horas ela saía do ar.

Outra diversão moderna para a população de Lages foi o cinema, espaço de sociabilidade aonde, além de irem para ver o filme, como já abordado no capítulo dois, as/os jovens se davam visibilidade e viam as/os outras/os, ou seja, lugar de mostrar-se e ver. Tânia, hoje com 56 anos, e jovem na década de 1970, conta-nos que “[...] a gente já namorava, e fomos assistir o (filme) *Tubarão* no (cinema) *Marrocos*; e chegando lá tinha tanta gente, tanta gente que tivemos assistir o filme em pé. Que burros né, em vez de voltar no outro dia?”²¹⁰ O filme *Tubarão* (1975) é considerado um clássico do cinema, realizado por *Steven Spielberg* foi um grande sucesso de bilheteria.

Neste sentido, os anos 1970 são recheados de filmes de sucesso,²¹¹ grandes bilheterias como, por exemplo, *Love Story*: uma história de amor que conquistou os corações dos/as jovens, e incentivado pelo jornal da cidade: “Um filme inesquecível, não apenas um filme... é uma lição de amor, amor jovem!”²¹² É certo que os filmes influenciavam no cotidiano das pessoas, nas formas como namorar, se relacionar, ditando moda, comportamento. Sobre isso, vejamos o depoimento a seguir:

Passou no Cinema o Festival de *Woodstock* aí eu fui assistir no *Marrocos* e quando cheguei lá no *Marrocos*, eu e uma amiga, a Beti, assistindo o filme, entramos no clima e resolvemos acender um cigarro, lá dentro do cinema, e não podia, e na hora que acendemos, claro, veio o lanterninha e mandou a gente apagar o cigarro. Então você queria fazer o quê? Você queria ser diferente, fazer alguma coisa que você se achava o máximo né?²¹³

Woodstock: três dias de paz, música & amor foi um documentário produzido em 1970 por *Michael Wadleigh*. O documentário teve o ainda desconhecido *Martin Scorsese*

²¹⁰ Entrevista concedida por Tânia Rodrigues. 56 anos. Lages, 20 de novembro de 2011.

²¹¹ Os filmes dos anos 1970 mais vistos foram, a partir das maiores bilheterias foram: *Love Story*, *Laranja Mecânica*, *O Poderoso Chefão*, *O Exorcista*, *Ultimo Tango em Paris*, *Star Wars (Guerra nas Estrelas)*, *Tubarão*, *Rocky*, *Os Embalos de Sábado à Noite*, *Grease: Nos tempos da brilhantina*, *Taxi Driver*, *O Expresso da meia-noite*, *Hair*, *Super Man*.

²¹² JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 29 de setembro de 1972.

²¹³ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

como assistente de direção e ganhou o *Oscar* em 1971. *Woodstock* foi um festival de música ocorrido num chuvoso final de semana, de 15 a 18 de agosto de 1969 na cidade de *Bethel* no estado de *New York*, Estados Unidos. Na narrativa da depoente, percebe-se a influência que o filme *Woodstock* provocou nela e em sua amiga *Beti*, dentre outras coisas, de fazer uma transgressão: acender um cigarro dentro da sala de cinema. Fica clara a intenção das moças de provocar olhares, pois estavam no clima do filme, ou da já emblemática frase do movimento *hippie: sexo, drogas e rock'n roll*. Portanto, um cigarro, naquela ocasião, “para entrar no clima” daria visibilidade, ar de estar ‘por dentro da moda’, acompanhar os costumes de fora, transgredir a norma.

3.3 A INDUMENTÁRIA E O CORPO COMO ESTILO JOVEM DOS ANOS 1970

Quanto às roupas dos anos 1970 que os jovens usavam era o que estava na moda, como a calça ‘boca de sino’, calça jeans importada (das marcas *Levi's*, *Lee* e *Stop*), minissaias para as moças, que eram as roupas que atores/as cantores/as jovens da TV usavam. Uma das entrevistas, *Regina*, que viveu a sua juventude nos anos 1970, teceu uma narrativa sobre o estilo e o que usavam para vestir:

As roupas? Tinha a calça boca de sino e depois vieram as jeans. Na época que eu comecei a usar calça jeans bem ali em 1970, quase não tinha fábrica como você encontra hoje no Brasil, de calça jeans. Então o que que acontecia? Você encomendava e o pessoal trazia de São Paulo, lá da galeria *Pajé*, eu tinha um cunhado, minha irmã tinha casado e ele viajava, trazia roupa. Então a primeira calça jeans que eu comprei a marca dela era *Lee*, que era aquela marca da calça importada, que era azul, já estonado, bonito, né? Então foi a primeira calça jeans que eu tive. Só ricos usavam, porque você veja, aqui não tinha para vender, né? No caso, eu, a minha foi trazida lá pelo meu cunhado. Era de marca, digamos assim, que era a tal marca *Lee*. A *Lee* digamos assim, era a mais chique, né? Então quem tinha uma calça *Lee* tava bombando. E minissaia eu usei muito, a partir dos 13,14 anos eu usei minissaia, mas era minissaia!²¹⁴

Nesse sentido, através da fala de *Regina*, percebe-se a visível estratificação social dada pela maneira de se vestir, ou da marca das roupas de quem as usasse; Segundo disse a depoente, a calça jeans da marca *Lee* “só os ricos usavam”, isso dava distinção. Haja vista, que era cara e de difícil acesso por ser de uma marca importada.

²¹⁴ *Idem*.

Fabricada nos Estados Unidos pela empresa *H.D. Lee Mercantile* desde o início do século XX do fundador *Henry David Lee*, a calça jeans se tornou, ao longo do século XX, uma das principais peças do visual jovem. Ícones da juventude como *James Dean*, *Marlon Brando*, *Beatles*, *Bob Dylan*, *Jimi Hendrix* e no Brasil os/as cantores/as da *Jovem Guarda* além de *Caetano Veloso*, *Gilberto Gil*, *Gal Costa*, *Rita Lee*, foram uns dos/as principais responsáveis por difundirem o uso da calça.



Figura 16: Festa de sítio, Capão Alto – antigo distrito de Lages, 1970. (Acervo da autora)

Na foto acima, vê-se o uso de calças *jeans*. Essa foto é de duas irmãs, foi tirada numa festa ocorrida no ano de 1970, na localidade de Capão Alto, zona rural de Lages, local onde elas nasceram na época distrito de Lages, hoje é um município emancipado.

Portanto, essas duas moças da foto, influenciadas pela moda da ‘cidade grande’, foram à festa usando uma roupa moderna, calça comprida em *jeans*, algo que em 1970 era considerado um comportamento ousado, ‘descolado’. Percebe-se pela fotografia que a calça era a peça mais importante do visual, pois ambas fizeram um charme colocando a mão no bolso.

Uma delas, Tânia, em entrevista (a primeira da esquerda pra direita) relatou sobre onde ela e sua irmã adquiriram as calças, fala também da qualidade do *jeans* nacional, pois

essas não eram das marcas importadas *Levi's*, *Stop* ou *Lee*, e ainda, da ousadia delas estarem usando calças compridas nessa festa. Segue o depoimento:

Essas calças foram compradas no mesmo dia na *Loja Castanha* lá na Rua São Joaquim, *Castanha* era o sobrenome dos donos. Eu tinha 15 anos e a Valdomira 17. O *jeans* não era desse duro, aquele era só de calça importada esse era um meio brilhoso, meio mole. Nós compramos bem quando começou a moda da calça *jeans*, foram às primeiras calças que vieram. A gente tava numa festa de sítio, numa domingueira. E não sei como que o pai deixou a gente ir de calça? Não era recomendado mulher de calça a gente tinha que usar saia, podia ser até minissaia. Até meus 13 anos eu só usei saia ou vestido, pra ir pra aula a gente usava saia e pijama de plush por baixo, se tivesse frio.²¹⁵

A festa chamada domingueira, a qual a depoente nos contou que ainda hoje ocorre nas localidades rurais de Lages, era ocorrida no domingo à tarde nos salões de igrejas católicas regadas à música e dança, geralmente gaúchas.

A partir das duas entrevistas de Tânia e Regina, podemos perceber a dificuldade que se tinha em Lages em se adquirir uma calça *jeans*, na cidade só havia imitações. A importada, só se conseguia por encomenda. No caso das irmãs, mesmo não tendo condições financeiras para obter uma calça de *jeans* importada elas fizeram um charme na festa de sítio com as calças imitação. Vê-se pela fala de Tânia que era moderno usar calça *jeans*, chegaram a contrariar o pai, as regras a elas impostas em nome de um comportamento moderno.

Assim, voltamos à questão já abordada no início do segundo capítulo, o uso feminino da calça comprida: A depoente também informou que ao contrário da saia ou da minissaia a calça comprida “não era recomendado”. Nesse sentido, até o início do século XX no mundo ocidental a calça era um vestuário exclusivamente masculino, portanto o uso da calça era uma afronta aos homens. Era um indício de independência feminina, uma declaração de igualdade de gênero.²¹⁶

Nesse particular, a moda do uso de calças compridas para mulheres já acontecia no final da década de 1950, porém os costumes e a educação de gênero mantinham as mulheres de saias, fruto tanto da religiosidade forte quanto para não mostrar o corpo e seduzir os homens. Na cultura religiosa, mostrar a silhueta do corpo era pecado, pois provocava nos

²¹⁵ Entrevista concedida por Tânia. 56 anos. Lages, 20 de novembro de 2011.

²¹⁶ NECKEL Roselane. "Entra menino", "Xô, galinha" e "Sim, senhor!": entrevista com Heloneida Studart. **Revista Estudos Feministas**. vol.16 núm. 1 Florianópolis Jan./Apr. 2008.

homens o desejo e o conseqüente pecado. Em Itajaí, a radialista Irene Boemer contou que nestas décadas ainda era impeditivo às mulheres o uso de calças compridas.²¹⁷

Já a minissaia mesmo sendo mini, deixando a maior parte das coxas de fora, em média sua bainha fica a 20 cm acima do joelho, não era mal vista quando usada por moças. Em Lages ela estava no auge nos anos 1970, a maioria das jovens solteiras a usavam com certa frequência, algumas até diariamente. A minissaia foi criada pela inglesa *Mary Quant* no início dos anos 1960 ganhando a feição entre as moças dos países do ocidente. Em Lages no ano de 1972, foi publicado um artigo no jornal da cidade para esclarecer sobre o comprimento de saias e vestidos que as mulheres deveriam usar conforme a ocasião, horário do dia, peso e altura:

O problema do comprimento

Milhares de mulheres perguntam que comprimento usar.

_ Qual comprimento que eu uso durante o dia?

_ Qual o comprimento do vestido de noite?

_ A mini voltou à moda? E os longos saíram da moda?

[...] Primeiro não se assuste! Todos os comprimentos são válidos! [...] a mini vai voltar radiante, para as mulheres de pernas bonitas é claro. Comprimento não tem nada a ver com a hora do dia. [...] Hoje a mulher tem mais liberdade, ela usa o que lhe fica bem. [...] Se você tem altura normal (1,59m a 1,65m) e é magra você pode usar todos os comprimentos [...].²¹⁸

No final do artigo, vinha a informação de que se alguém quisesse tirar alguma dúvida, poderia entrar em contato com ““Que” - Serviço de Orientação de Moda – Rua Borba Gato, 161 – Fone 282-5268 – São Paulo.” Esse artigo não foi escrito por alguém de Lages foi buscado num grande centro de informações para que as mulheres lageanas soubessem como se vestir adequadamente com relação ao comprimento das saias e vestidos. Assim, como esse artigo, o jornal era mais uma alternativa para as mulheres jovens buscar comportamentos mais modernos por meio das vestimentas ali postas, por exemplo, a minissaia que estaria liberada desde que caísse bem. A única ‘exigência’ seria de que era “para as mulheres de pernas bonitas é claro”.

Com relação aos homens, ao perguntar a um entrevistado que viveu a sua juventude nos anos 1970, sobre o que se usava qual era a moda da época para os rapazes, ele respondeu:

²¹⁷ FÁVERI, Marlene de e LUNA, Glória Alejandra Guarnizo. **Irene de Souza Boemer**: dama do rádio – cronista da cidade. Itajaí: Editora do Cais, 2008.

²¹⁸ JORNAL CORREIO LAGEANO. Lages, 10 de fevereiro de 1972.

O que se usava era calça xadrez, camisa colorida ou vice-versa, calça boca-de-sino. Eu pedia pra minha mãe, que era costureira, fazer um remendo na lateral da calça, na parte de dentro, para alargar a calça. E também tinha calça *Lee*, a calça americana, era um produto difícil, era caro, eu tinha umas duas, era para elas irem envelhecendo meio juntas pra depois cortar e fazer bermuda e fazer aquela remenda, porque o top era fazer uma calça *Lee* boca de sino. Eu só usava tênis, eu casei com tênis, com terno com calça larga. E ela também se vestia assim, ela usava calça boca de sino, plataforma, macacão. Eu tinha cabelo comprido, era moda, o meu era *Black Power*.²¹⁹

Conforme o depoente acima nos informou, era comum o uso da estampa em xadrez nas roupas, a calça boca de sino (larga embaixo) entre os/as jovens lageanos/as nos anos 1970. E se a calça não viesse larga na parte de baixo, que era o caso da jeans, era feito um remendo para alargá-la, era a moda. Além do cabelo comprido também para homens, o estilo *Black Power*, cabelo crespo que quando grande fazia volume pra cima da cabeça.

Voltando a questão da estampa xadrez, era comum ser usada pelos jovens. Nas imagens abaixo podemos visualizar esta moda, através de rapazes que foram fotografados numa formatura em Técnico de Contabilidade ocorrido no ano de 1974 no *Cine-teatro Marajoara* em Lages. Os formandos tinham entre 18 e 20 anos de idade, e estavam rigorosamente ‘na moda’:

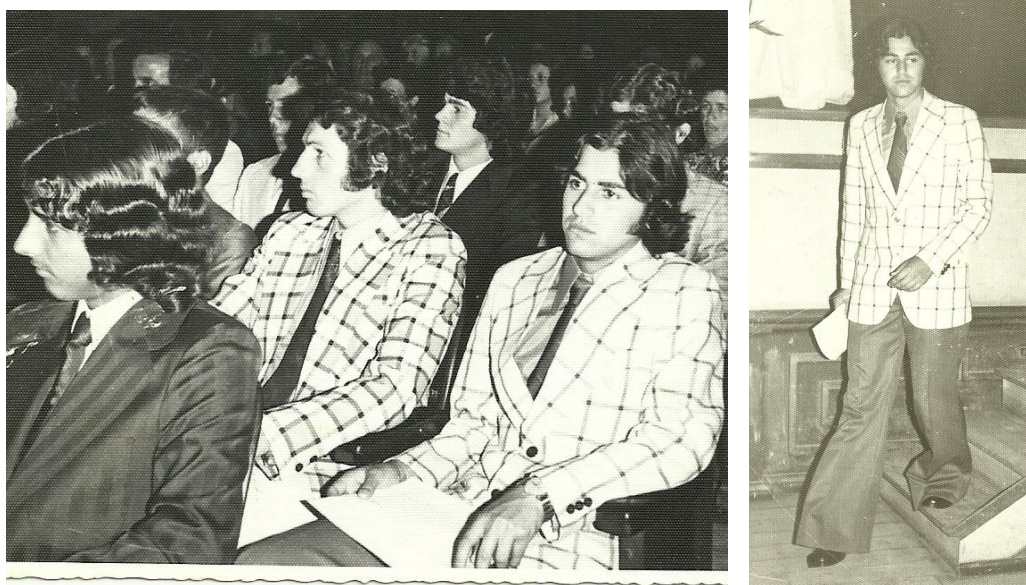


Figura 17: Formatura em técnico de contabilidade 1974, Lages (Acervo da autora)

²¹⁹ Entrevista concedida por Luís. 26 de agosto de 2011.

Além do xadrez, podemos observar o uso da calça boca de sino, larga do joelho para baixo, embora fosse um evento formal. Eles estavam vestindo paletós, calças de alfaiataria, camisas de colarinho, gravata, ou o que predominava na moda dos anos de 1970. Percebe-se também que a maioria dos formandos eram homens, e por ser um curso dito ainda para homens (aliás, hoje ainda é difícil ouvir a mulher contadora, e sim referir-se como ‘o contador’, ao que trabalha com contabilidade), que, na perspectiva das relações de gênero, evidencia que no mundo das exatas os homens eram mais aceitos.

Também percebemos nas imagens que a maioria usava cabelo comprido, até o ombro como a moda mandava, sem barbas ou bigodes, mas com costeletas. Havia a influência dos cantores famosos da época que usavam esse estilo como os irmãos *Berry, Robin e Maurice Gibb* do grupo musical *Bee Gees*, assim como *Bjorn Ulvaeus e Benny Andersson* do *Abba*, *John Lennon*, no Brasil cantores da *Jovem Guarda* como *Roberto e Erasmo Carlos, Vanderlei Cardoso, Ronnie Von*, cantores da *Tropicália* como *Caetano Veloso*, o ator, um dos galãs da TV na época, *Francisco Cuoco*, entre outros.

Claro que havia a indignação de pessoas conservadoras quanto aos costumes que mudavam aos padrões no vestir-se como feminino e masculino, e isto gerava conflitos entre famílias e pais e filhos. Cabelo comprido até o ombro era moda, influências do Beatles e de outros grupos musicais, de artistas, dentre outras figuras públicas. Alguns pais e/ou mães não aceitavam que suas filhas namorassem um rapaz de cabelo comprido. Como por exemplo, uma lagueana de família tradicional, bem posicionada financeiramente, que estudou no colégio *Santa Rosa*, fez o antigo segundo grau no *Diocesano*, Regina. Ela nos conta sobre seu namoro com um rapaz que usava cabelo comprido, calça jeans. Segue a fala:

[...] eu conheci um rapaz lá no *Diocesano*, ele era um ano mais novo que eu, o rapaz tinha uma banda, era um rapaz cabeludo, calça jeans, a época dos 70, né? E esse rapaz se apaixonou por mim e pediu pra namorar comigo [...] daí eu disse: olha só tem um problema, assim cabeludo não dá você não vai conseguir chegar na minha casa, né? De mãos dadas comigo perto da minha casa não é possível, então ele me acompanhava até perto de casa. [...] Enfim, chegou as férias de julho e ele cortou o cabelo, ele mudou a roupa, ele veio pra namorar comigo.²²⁰

Portanto, para que esse namoro fosse aceito pelo pai e mãe da moça o rapaz teve que cortar o cabelo a mudar a roupa, pois a calça jeans, nesse caso, era uma roupa muito informal para o namoro, e não denotava um homem possível provedor para a filha, e sim um

²²⁰ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, Lages, 26 de agosto de 2011.

‘cabeludo’ sem futuro. Mesmo com estas restrições por parte das famílias, os jovens acompanhavam a moda e usavam cabelos longos – assim como elas usavam minissaia e calça jeans.

O jornal *Correio Lageano* publicou a notícia de que um moço havia recorrido à justiça por ser proibido de trabalhar num banco em São Paulo, por usar cabelo comprido e costeletas: “Cabeludo vence no T.S.T. O Tribunal Superior do Trabalho decidiu terça-feira que o empregado que usa cabelos compridos e costeletas exageradas, não pode ser impedido de trabalhar pelo patrão [...]”.²²¹ Esta notícia mostra que havia sim direitos, mesmo que a resistência corresse paralela.



Figura 18: Cerimônia religiosa de casamento em 1975 na Igreja Católica *Nossa Senhora do Rosário* no bairro Coral em Lages (Acervo da autora).

Essa imagem de um casamento na Igreja Católica ocorrido em Lages no ano 1975 mostra que mesmo num ambiente católico, num rito religioso, a influência da moda da minissaia prevaleceu. A irmã da noiva, fazendo o papel da mãe, usou um vestido curto no altar da igreja. Sobre essa roupa, sem nenhum incômodo, ou seja, se sentindo hoje totalmente à vontade para dizer que na época não era estranho ou desrespeitoso ir a uma cerimônia religiosa com as pernas a mostra: “eu fui assim porque era moda, tinha outras convidadas,

²²¹ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 27 de maio de 1971.

minhas primas, que também foram de minissaia, vestidinho curto, era moda, não era feio. Esse vestido que eu estou era de cetim preto com acabamentos em vermelho.”²²²

Nas ressignificações dos comportamentos e transgressões próprias de uma época, o modo de falar tornou-se também distintivo e maneira de reconhecer-se que estava por dentro de que era ser moderno.

Assim, a gíria aparece no cotidiano dos/as jovens dos anos 1970, uma influência vinda da TV, rádio, cinema, revistas. Gíria é uma linguagem especial usada por um grupo, ou criada por um grupo, de pessoas que entendem o que aquela expressão quer dizer, portanto é usada informalmente. Algumas gírias foram criadas pelos adeptos ao movimento *hippie* dos anos 1960.

Neste sentido, Reinhart Koselleck nos ajuda a entender que uma palavra pode compreender um ou mais conceitos por carregar em si significados tanto concretos quanto abstratos, pois estes conceitos,

[...] se nutrem também do conteúdo suposto, do contexto falado ou escrito e da situação social. Isso vale inicialmente para ambos, palavras e conceitos. O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela.²²³

A lageana Lucia Andrade nos conta da sua utilização na fala da gíria nos anos 1970, e que significados tinham:

Nossa! Eu usava muita gíria, ‘legal à beça!’, ‘bicho!’ Até hoje eu falo ‘bicho!’ Vou falar alguma coisa: “não sei o que, bicho! ta errado bicho”, uma coisa que é como se fosse meu ponto de exclamação. Jóia, ta jóia, ta legal, ta bacana! O pai odiava. Ah e na minha época ficar era transar.²²⁴

Além das expressões ‘legal à beça’, ‘jóia’ e ‘bicho’ que se tornaram gírias nos anos 1970, inclusive ‘bicho’ ficou famosa, por ser usada frequentemente, até hoje, pelo cantor

²²² Entrevista concedida por Tânia. 56 anos. Lages, 20 de novembro de 2011.

²²³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 109.

²²⁴ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos em Lages, 05 de setembro de 2011.

Roberto Carlos. Havia também, segundo as pessoas entrevistadas que iam lembrando e falando: ‘barra’ (dificuldade) ‘bode’ (confusão), ‘patota’ (galera), ‘coroa’ (pessoa acima dos 40 anos), ‘chacrinha’ (conversa sem objetivos), ‘dar um giro’ (sair, passear), ‘podes crê’ (acreditar), ‘cara’, ‘meu’, ‘amizade’(pessoa), ‘sacar’ (entender), ‘pô’ (exclamação de contrariedade), ‘maior barato’ (diversão), ‘corta essa’ (desiste), ‘caô’ (mentira), ‘falou’ (certo, até mais), ‘parada’ (negócio).

Voltando a entrevista, ela nos informou que a expressão “transar” nos anos 1970 significava que um casal que ficava junto uma ou mais noites sem compromisso. Nesse sentido vem a calhar uma coluna do jornal *Correio Lageano* de 17 de setembro de 1972 “Deles & Delas” escrita por Mustafá Califa que fala sobre o comportamento de jovens que estão namorando, se conhecendo, conversando ou “transando” na vida noturna em Lages:

Ficaram um tempão de papo o Biba e a Alina.
Márcia e Osni continuam numa amarração muito do legal.
João (pé-de-ferro), visto de muitos papos pro lado da Mirtez.
Bem muita gente gosta de voltar pras velhas transas, talvez porque ache mais seguro...
Jane e Gordo novamente **transando**. (grifo meu)
Mara Brun parece que anda no mundo da lua. Tudo isso, por causa do Moacir.
A Suzana e o Melin depois de ficarem um tempão de bobera pro vai ou não vai, olhar daqui olhar dali, com grande ajuda da Goga se ajeitaram de novo.
A festa inteira Vanise e Suenon ficaram de mãos dadas, ninguém sacou a dêles.
Bem, há quem diga que o silêncio diz tudo²²⁵

Quando, novamente, Koselleck diz que “[...] o sentido de uma palavra é determinada pelo seu uso.”²²⁶ Fica claro o sentido dessa palavra nos anos 1970 que hoje nos soa estranho ao ler a frase “Jane e Gordo novamente transando”. Esse verbo utilizado na coluna, informando uma ação ocorrida entre Jane e Gordo tem hoje outro sentido do que se tinha na década de 1970. Pois, ao falar em “transar” com alguém nos dias atuais significa que você pretende ter relações sexuais com a pessoa. Na década de 1970, falar em “transar”, como o jornal confirma a fala da depoente, era ter um contato amoroso sem compromisso.

As gírias eram utilizadas no jornal para chamar a atenção dos/as jovens, ou quando estava direcionado a eles/as. Vejamos o anúncio de uma discoteca que tinha o objetivo de atrair esse público:

²²⁵ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 17 de setembro de 1972.

²²⁶ KOSELLECK. Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 109.

Neste sábado, dia 30, não fique em casa. Vá até ao Hippotamus, lá você vai conhecer o melhor som do Estado, com super som estéreo, em colaboração com o POP DISCOS. **Vai ser o maior barato. É isso aí amizade.** Hippopotamus nesta primavera, não deixará ninguém **na pior**, portanto estará programando muitas atrações, à altura do gosto dos inúmeros associados [...].²²⁷ (grifos meu)

Como expressão de uma época, os comportamentos – modos de falar, usar o cabelo, as roupas e outros signos de estar dentro da moda – dos/as jovens lageanos/as estavam conectados ao que vinha de fora. Havia sim resistências, mas nota-se que era importante estar em dia com as novidades, com a moda. Observa-se que nem todos os/as jovens transgrediam, ou usavam as mesmas roupas, mesmo porque Lages era uma cidade pequena. Com um meio rural de grande extensão (como ainda o é), e havia quem não seguisse as novidades – ou talvez desejasse, mas não se atreveria.

3.4 A GERAÇÃO CONHECE OS ALUCINÓGENOS

Além dos cabelos, das roupas, outra prática utilizada ou caracterizada como uma prática jovem era o uso de drogas. Nesse particular, há uma significativa quantidade de artigos falando sobre problemas com drogas e/ou entorpecentes entre jovens em Lages nos anos 1970. “Juventude dos Estados Unidos inicia movimento cristão para dar combate às drogas”.²²⁸ “Sobe em São Paulo número de jovens viciados em drogas”²²⁹ “Tóxicos e Delinquência”.²³⁰ “EUA querem apoio no combate ao tráfico de drogas”²³¹ “Incentivo ao combate às drogas”²³². Segue abaixo uma nota sobre o uso de drogas: finalizando com uma demonstração de defesa à ditadura civil militar:

O vício da heroína é quase impossível de deter. Os viciados ficam com tanto desejo que farão qualquer coisa para conseguir dinheiro, afim de comprar uma dose os viciados se tornam ladrões, vigaristas, prostitutas, assassinos e traficantes de drogas. [...] Aconselhamos aos jovens manterem-se longe de drogas proibidas. O Brasil precisará de todos amanhã.²³³

²²⁷ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 27 de setembro de 1972.

²²⁸ *Ibidem*, 18 de fevereiro de 1971.

²²⁹ *Ibidem*, 05 de março de 1971.

²³⁰ *Ibidem*, 20 de março de 1971.

²³¹ *Idem*.

²³² *Ibidem*, 23 de março de 1971

²³³ *Ibidem*, 13 de outubro de 1971.

A nota acima fala do uso da heroína, e afirma de forma generalizada que a pessoa viciada, caso não tenha a droga, fará qualquer coisa para consegui-la. E ainda finaliza chamando a responsabilidade cidadã, em tempos de ditadura civil militar, “O Brasil precisará de todos amanhã”.

Em outro artigo sobre drogas, foi apelado para capacidade sexual:

Médico americano afirma que o uso de tóxicos tira 50% da capacidade sexual Wesley Hall presidente eleito da Associação Médica dos Estados Unidos declarou que fumar maconha reduz a potência sexual. [...] “Com o aumento do uso, a potência sexual desaparece” afirmou. “Uma consequência da droga é a de que o homem que cronologicamente tenha 35 anos possuirá 65 ou 70 anos no que diz respeito à potência sexual. As mulheres também são atingidas, pois seu desejo sexual fica menor do que o normal. Já existem dados suficientes para provar isso”. [...] ²³⁴

Havia vários artigos no jornal sobre uso de entorpecentes, isso porque jovens lagueanos/as usam drogas. Por influência dos/as cantores/as roqueiros/as, festival de *Woodstock*, onde cantores e participantes faziam usos de alucinógenos. Estar por dentro e ser reconhecido como moderno também passava pelo ritual de experimentar drogas. Lúcia, hoje com 51 anos, filha de uma família com capital econômico e social na cidade, teceu sua narrativa sobre como era as drogas nos anos 1970:

Nos sítios se fumava maconha e chá de cogumelo, algumas turmas sim. Torneio de Vacaria, nós alugamos uma *Kombi*, e daí todo mundo, eu sempre fui muito nojenta sabe? Eu disse “eu não vou” e aí todo mundo tomou esse chá pra ir pra esse rodeio, porque esse rodeio era famoso e um amigo meu fez coco nas calças do efeito do chá, claro, e eu acho que ele nem sabia que cogumelo que era e ele tava dentro da *Kombi*, e o cara foi pra um riozinho assim pra tomar banho e emprestaram uma cueca pra ele, não sei o que, calção [risos] eu disse, viu, viu por isso que eu não fui eu não fui pra não experimentar o chá, mas todo mundo que foi fez coco nas calças. Eu fui pra festa junto, mas nessa época eu era careta. [...] Mas a gente ia pra sítio, no sítio tinha uns que tomavam cogumelo, outros fumavam maconha e outros só se loqueavam, a maioria. Cogumelo eu nunca experimentei na minha vida, maconha sim. As turmas mais velhas usavam LSD, aplicavam na veia, cocaína eles aplicavam, a gente via. LSD que hoje chamam de balinha, doce, não sei o que, eles arrumavam um negócio em baixo da língua que era LSD, daí ficavam, viam monstro, aquelas coisas que eu lembro que quando eu experimentei a maconha eu disse: “mas cadê os monstros? Eu tô bem, o que que deu? Não to sentindo nada?” Mas o máximo que eu experimentei foi maconha. [...] A mãe uma vez: “eu to desconfiada que teu olho ta muito verde, ta bem vermelho, que que você andou fazendo?” “Eu? Nada!” Aí um dia eu cheguei da festa e tinha fumado um baseado e a mãe chegou e olhou e perguntou: “o que que você fez?” Eu olhei pra cara dela e

²³⁴ Idem. 07 de março de 1971.

falei: “oh mãe, fumei um baseado! Não matei, não andei pelada na rua”, bem na cara assim, “não andei pelada, não roubei, não matei, não fiz nada de ruim, fumei, fui na boate, só! Não vi monstrinho, que eu tava louca pra ver monstrinho, não vi, e a senhora ta achando, não é outra pessoa!” A mãe: “vai dormir, eu vou contar pro teu pai, teu pai vai te matar, eu sou obrigada a contar pro teu pai. Porque se ele descobre ele me mata!” Eu dizia “mãe sou eu mãe, vê se tem alguma coisa diferente? Não fiz nada! Eu trabalhei o dia inteiro, eu fui na boate, não fiz nada de errado!”²³⁵

Este depoimento é muito rico porque mostra que havia sim grupos de jovens que experimentavam e faziam uso de drogas diversas, como chá de cogumelo, maconha,²³⁶ cocaína, LSD.²³⁷ Havia as drogas sintéticas vindas de fora.

Portanto, pelo que se percebe através do depoimento, as turmas se reuniam em sítios, por serem afastados, assim podiam ficar mais a vontade para o uso dessas drogas ilícitas. Outro fator é de que ali era possível, pois estava disponível no local, o cogumelo que nascia sobre o esterco do gado, e este para ser ingerido, era preparado por eles/as em forma de chá alucinógeno. Portanto, ir para sítios, lugares afastados era propício. Essa referência aos sítios era bem peculiar de Lages, haja vista que esses/as jovens da classe média eram filhos/as de fazendeiros, pecuaristas o que facilitava a reunião destes para festas regadas não só a drogas, mas a bebidas e a sexo.

Ao entrevistar Luís, lageano, hoje com 58 anos, que narrou a sua experiência no uso de drogas, neste caso, da maconha, desde sua juventude:

Na época eu já fumava maconha, gosto de fumar maconha, sempre fumei. Eu não lembro onde conseguia, mas não era difícil, eu sempre tinha não da minha turma, mas de amigos. [...] Me parece que todos fumavam homens, mais homens, mulher eu não lembro, pelo menos do envolvimento que eu tinha. Não que fosse todo mundo, eu não sei, eu nunca tive essa coisa da maconha como algo proibido assim. Então eu não prestava muita atenção nisso. Naquela época a própria cocaína era uma coisa muito distante, minha pelo menos, talvez existisse até, mas eu não vejo como uma preocupação como é o *crack* hoje. Naquela época era uma coisa mais de festa, de final de semana, de esquentar. Eu fumava pela curtidão, fumo até hoje. Era pelo meu bem estar. [...] Tinha gente que cheirava, usava droga injetável aqui. Mas se for comparar com hoje era muita pouca gente, né? Hoje esses metanóis incomodam muito mais do que os drogados da época, né? Me parece isso, não sei?

²³⁵ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos em Lages, 05 de setembro de 2011.

²³⁶ A maconha é uma erva que pode ser fumada em cigarros feitos à mão com papel de seda, pura ou misturada com fumo. Ela também pode ser fumada num cachimbo, ingerida na comida (assada em bolos, por exemplo), misturada em bebidas quentes. Seu efeito dura mais ou menos até quatro horas. Depois de utilizada ela pode ocasionar relaxamento, deixar a pessoa mais sociável, mais risonha. Ela também pode estimular idéias, toques, sons, cores. Outro sintoma é a fome (larica) sonolência, distração, chapado/a.

²³⁷ LSD é uma droga produzida em laboratório agindo no sistema nervoso causa alucinações, delírios, por isso é também psicodélica, dilata a pupila, causa sudorese aumento da frequência cardíaca, pode ocorrer náuseas e vômitos.

O que eu quero dizer é que nunca me passou, nunca teve problema em eu ver um amigo ou uma pessoa próxima ser presa ou ser revistada na rua, eu não lembro disso. [...] Dentro dos ambientes a gente não fumava, a gente fumava em casa antes de sair. O interessante é que a gente não se reunia pra fumar pra depois sair, a gente fumava e cada um e depois se encontrava na boate. Lá dentro nunca, eu não lembro de sentir nem cheiro de maconha. Eu saía do *Aero* pra fumar na rua, escondido, muito escondido, na época né? Isso eu lembro. A gente saía pra fumar sozinho, às vezes um amigo que fumava, ou que não fumava ia junto. O lança perfume já rolava dentro do ambiente. Eu nunca fui adepto do lança perfume, era só maconha mesmo, mas a gente sentia que tinha, era meio escondido, era um produto que vinha do Paraguai, contrabando.²³⁸

O narrador fala de sua experiência e impressões sobre o uso de drogas como algo inofensivo para a época, ou talvez porque havia menos misturas. Existiam como nos conta, estratégias para não dar visibilidade ao uso, como fumar em ambientes privados, cada um fumava sozinho para depois ir para a discoteca de ‘cabeça feita’ (expressão da época).

Ele ainda nos conta que enquanto a maconha era mais usada, em casa o lança-perfume²³⁹ era usado dentro do ambiente, neste caso a discoteca, porém escondido. Mas o que chama atenção é quando Luís fala da maconha, diz ser um produto difícil, entretanto, ele afirma que “todos fumavam”. Ou seja, difícil, mas “todos fumavam” e ele ainda acrescenta que quem fumava eram os homens, quanto as mulheres? Nas palavras dele, “mulher eu não lembro”. Nesse sentido, não parece ser uma proibição ao uso feminino da maconha do grupo, mas uma imposição social, provavelmente não ficaria bem uma mulher ‘chapada’. Talvez porque para o homem fosse considerado mais fácil o autocontrole, o contrário das mulheres.

Sobre o controle ou a falta dele devido as drogas é pertinente trazer aqui o relato da lagueana Vera sobre táticas masculinas para que moças usassem drogas para então entorpecidas ficassem mais ‘soltas’ ou inconscientes e eles conseguirem sexo fácil ou sem o consentimento da moça:

Meu pai sempre dizia “cuidado com o copo, se você tiver tomando alguma coisa, não deixe copo cheio na mesa e se você for tomar alguma coisa peça novo pro garçom porque eles jogam boleta nos copos das meninas e as meninas tomam e vão dançar e eles dão um jeitinho de ir dançando e tirar a menina do clube assim”. E eu

²³⁸ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011.

²³⁹ O lança-perfume, citado pelo depoente, é um produto líquido a base de cloreto de etila sob a combinação de gás e perfume, vendido em forma de spray. Ao ser inalado o lança perfume, a sua substância faz com que libere adrenalina no organismo causa euforismo e desinibição. O efeito é rápido, então o usuário geralmente inala diversas vezes. No Brasil seu uso se deu no início dos anos 1920 no carnaval do Rio de Janeiro, por causar alucinações e haver casos de convulsões e paradas cardíacas o produto foi proibido no Governo de Jânio Quadros, a partir daí passou a ser contrabandeado do Paraguai e Argentina, nesses países o produto não era proibido

tenho muitas amigas que fugiram assim, pra casar, inclusive duas meninas, que foram namoradas do meu irmão, uma delas, estava namorando com o meu irmão, era namorada oficial dele mas que disse que ia no banheiro e já ia voltar e ele ficou esperando e ela não voltou, ela “fugiu” com um dos rapazes da boleta.

Inconscientizar meninas, pelo depoimento, era uma tentativa comum, utilizada por rapazes, e que as vezes dava certo. Seja só para sexo ou ainda porque gostavam da garota e ela não demonstrava interesse, essa era uma forma de forçar um relacionamento, um casamento. Uma vez que uma moça não mais virgem ficaria mal falada, e se obrigaria a casar com o responsável, isso se ela lembrasse do ocorrido. Por ser uma tática não incomum, por haver comentários, o pai da depoente a alertava para essa prática.

Vera era de família tradicional de Lages, seu pai era bem posicionado, seu irmão fazia medicina na época. Portanto, famílias da alta sociedade lageana se escandalizavam com esses acontecimentos. Para tanto através da imprensa, condenava-se o uso de drogas de forma enfática como pode ser visto a seguir nesse artigo que alega que a droga roubava a vida de seus usuários:

Ladrões de vidas!

[...] mas a juventude deve reagir! Deve encarar o problema de frente, de cabeça erguida e sem complexo. Deve ser superior em vontade; e combater aqueles que a quer destruir. Destruição através de armas inescrupulosas. Peçonhetas!

Juventude: erga a cabeça e demonstre toda a pujança saudável da tua educação moral e virtuosa. Nega abrigo à êsses imorais que desejam a tua destruição. Denuncia o traficante de entorpecentes, que tenta penetrar na sociedade. Procura acabar de uma vez por todas com êstes “ladrões de vida”.²⁴⁰

O artigo acima foi escrito por Ari Martendal que na época era padre, hoje não mais. Atualmente é professor Universitário em Lages e ainda colunista do jornal semanal da cidade *O Momento*. Na época ele era famoso por seus artigos e programa na rádio AM, *Conflitos de Gerações*, por seus conselhos moralistas e se mostrando inclusive defensor do regime civil militar brasileiro como podemos exemplificar através de outro artigo intitulado “Subversão dos valores morais, exagero moral”, mostrando que ele não só condenava o que se considerava subversão política, aqueles que eram contra ao regime, como a moral, aqueles que iam contra aos costumes conservadores impostos pela sociedade burguesa:

²⁴⁰ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 12 de abril de 1972

Além da subversão política, há uma ainda mais profunda em termos de personalidade: a subversão dos valores morais. Esta se faz presente na sociedade através de uma publicidade mal orientada, através da imprensa em geral, através de Programas de consumo de massa (cinemas, shows, etc...) através de uma literatura erótica e licenciosa através da prostituição e seus sequazes, através, enfim, dos costumes e hábitos decadentes. De forma alguma quero me arvorar em moralista puritano. Sou contra todo e qualquer exagero. E como estamos enfrentando um exagero, estou tomando uma posição”.²⁴¹

Martendal refere-se aos costumes anos 1970 que levavam homens e mulheres a serem mais flexíveis com relação a essas questões morais no anos 1970. Nesse sentido, em tempos de pornochandada as salas de cinemas eram bem frequentadas, além da famosa “zona” do meretrício lageana tendo a *Casa do Mário* como um dos ambientes noturnos mais requintadas de cidade. Alertando que, se havia investimento no luxo é porque havia retorno. Ele também deve se referir ao ‘catecismo’ de *Carlos Zefiro*, lida pelos rapazes além de revistas pornográficas masculinas, voltadas ao público adulto como *EleEla*, *STATUS* e *Revista do Homem*, as três maiores desse gênero na década de 1970.

²⁴¹ Ibidem, 16 de março de 1972.

CAPÍTULO QUATRO

AS INTIMIDADES E A SEXUALIDADE DURANTE OS NAMOROS

Como vimos, as mídias estavam trazendo novidades e mexendo com os costumes e as subjetividades de jovens na cidade de Lages, tanto nas maneiras de comportar-se quanto nos usos que faziam do que recebiam de fora. A década de 1970, como vimos, foi rica na quebra de costumes arraigados, transgressões, anseios de liberdade, refletindo nas condutas dos jovens, e em especial nas formas de vivenciar a sexualidade. Vivia-se um tempo em que ideias e práticas conservadoras eram confrontadas com outras formas de vivenciar e encara as lides com o corpo e os prazeres, e por vezes se mesclavam umas as outras. Em Lages não foi diferente.

4.1 NOVOS LUGARES PARA NAMORAR

Lages, 1977, em plena madrugada de domingo, um casal de namorados saiu da discoteca dentro de um *opala* azul 73, numa conversa descontraída, rumou em direção a BR 116, depois de alguns quilômetros de subida ele estacionou o carro. Dali, a vista da cidade era linda, via-se luzes, o lugar era ideal por ser distante do centro da cidade e desabitado. Ao desligar o motor do carro, ele trocou a fita que estava tocando dos *Bee Gees* por uma gravada para aquele momento, enquanto isso ela acendeu um cigarro. Conversas, risadas, e ao som da música *Feelings*, foi criado um clima romântico. Beijos carícias, a música já era *Good by my love good by*, mais carícias e na *Rock and roll lullaby* o casal despia-se.

Essa construção literária ao estilo dos romances *Danielle Steel*,²⁴² é uma representação de vivências que muitos casais de namorados experimentaram em Lages nos anos 1970. Entretanto, o que se pretende levantar aqui é sobre o lugar mais comum para os encontros amorosos, o carro – lembrando que possuir carro, por si só, era distintivo e selecionava/ estratificava pela classe social.

²⁴² A referência feita a escritora norte-americana *Danielle Steel* se dá por ela ser conhecida por seus dramas românticos, popularmente chamados de romances ‘água com açúcar’. Seus livros estão entre os mais vendidos, 500 milhões de cópias no mundo todo, traduzido para 28 línguas.

As referências e esta prática de namoro aparecem em praticamente todas as memórias, e é instigante pensar que, numa cidade interiorana, conservadora e “elitista” (nas devidas proporções) esta prática tenha sido tão utilizada, lembrada hoje com saudosismo. Inês tinha 15 anos nesta década, e rememora seu namoro com um taxista:

[...] a gente ia namorar em regiões afastadas. A gente ia muito num campo onde hoje é a escola onde eu trabalho, era um campo na época. Tinha toda a visão da cidade, era um lugar muito bonito. Isso era comum e não tinha perigo de assalto, só que a gente ia lá só pra ficar conversando e namorando.²⁴³

Já o depoente Luiz, hoje com 51 anos, mostra como era dar-se visibilidade na posse de uma carro:

Em 76 eu tive meu primeiro carro. **O carro era sinônimo de poder.** Era frequente, a gente saía do *Aero Clube* com carro emprestado pra namorar. Na época dava pra você ir fumar lá em cima do *Morro Grande*, lá em cima onde é o seminário hoje, lá em cima, ali na ferrovia, você pegava o carro e ia lá namorar, fumar, namorar. E eu não tinha carro mas sempre meus amigos tinham carro e eles emprestavam pra você sair da boate e depois voltava. Um que emprestava bastante era o Beto [...]. Então ele tinha carro e sempre me emprestava, sempre tive facilidade, era comum chegar assim e dizer: “óh, me empresta o carro?” As meninas que iam era namoradas da gente, não era tu chegar e levar uma menina da boate, a namorada que tu ia na boate, era namoro. As moças iam sozinhas, tinha lugares que a gente via que ia a família inteira, isso era comum. Mas quando a gente tava namorando a gente saía o pessoal ficava lá dançando, a gente voltava e levava o pessoal pra casa. Era assim essa onda.²⁴⁴ (grifo meu)

A pesquisadora Adriza Figliuzzi analisou como a cultura cria significados e produz masculinidades (assim como feminilidades), e observou os brinquedos oferecidos na infância, sendo que para meninos os carrinhos são o ícone mais bem acabado da construção de subjetividades masculinas, e para as meninas, tudo o que tem relações com a maternidade. O que é brincadeira acaba por ser pedagógico na construção cultural de gênero.²⁴⁵

Luiz reforça que “o carro era sinônimo de poder” e isso por certo provocava inveja, produz diferenças, e constrói masculinidades – na disputa entre ‘machos’, possuir é uma vantagem, pois as moças escolheriam estes homens. Vejo que havia a prática de emprestar o

²⁴³ Entrevista concedida por Inês. 51 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁴⁴ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁴⁵ FIGLIUZZI, Adriza Homens sobre rodas: representações de masculinidades nas páginas da revista Quatro Rodas. Porto Alegre, 2008. **Dissertação de Mestrado** em Educação, UFRGS

carro, evidenciando cumplicidade e coleguismo entre os jovens.²⁴⁶ Mas também distinção e vantagem de uns sobre outros na conquista de mulheres e a possibilidade de ter um contato mais íntimo, principalmente depois das discotecas. Lembrando que, por as discotecas terem um ambiente mais escuro, com menos luminosidade, isso que propiciava mais liberdade e contato físico, incitando a ‘fujidinha’ no meio da noite para aprofundar o contato. Esse comportamento era também uma forma de transgressão, pois era possível aproveitar que os pais sabiam que seus filhos estavam na discoteca, num lugar público e poder sair de carro para exercer a sexualidade no carro, uma forma de resistência aos costumes conservadores. Sobre isso Luís conta que se a moça ia na boate com ele, era ‘namoro’, isso quer dizer que se tentava manter um certo conservadorismo. Não se saía já no primeiro encontro, era com a namorada, a moça a qual eles mantiam um compromisso. O que nos leva a pensar que nessa situação, para essa geração jovem dos anos 1970, se fosse com a namorada era permitido.

Sobre essa questão do carro, como nos contou Luís, segue abaixo a imagem publicitária de um automóvel *opala* da linha *Chevrolet* (*General Motors*) divulgada no jornal *Correio Lageano* de 1970.



Figura 19: fotografia publicitária da *General Motors* (Acervo: Jornal *Correio Lageano*, 26 de abril de 1970).

²⁴⁶ conforme depoimento de Madson, em dezembro de 2011, 36 anos, solteiro, morador de uma cidade do interior do sul de Santa Catarina, ainda hoje a prática de emprestar o carro para o parceiro que esta no baile e quer dar uma fujidinha com a gata, é comum. “Meu carro passa por várias mãos todos os bailes”.

Nessa propaganda foi utilizado o carro como o principal meio para a conquista feminina do homem. Pois, a frase “Um homem como êste pode mudar sua vida”, foi forjada para mulheres, mas era direcionada aos homens, vendendo a ideia de que elas iriam querer um homem que fosse poderoso por ter um *opala*, pois esse homem mudaria sua vida. Ou seja, trata-se apenas de uma publicidade voltada para vendas que coloca o automóvel como o elemento principal representado como instrumento de conquista. Assim, o *opala* poderia mudar a vida de um homem.

O automóvel era um bem masculino porque era o homem quem levava a namorada de carro para passear, namorar, ou para locais ermos e não o contrário. Portanto, para algumas moças ter um namorado com carro poderia significar *status*, para alguns rapazes poderia ser sinônimo de sexo. O importante era o homem ter um automóvel e aquele que não tivesse pegava emprestado, do pai, de um amigo. Era comum, numa discoteca, no meio da noite, um amigo chegar para o outro e pedir as chaves como nos contou o depoente Luís.

Seria incorreto generalizar dizendo que os/as jovens lagueanos/as solteiros/as faziam sexo somente dentro dos carros. Nesse particular, ao perguntar a depoente Regina aonde os casais de namorados faziam sexo durante os anos 1970 ela respondeu que:

Eu imagino que como não tinha motel, não tinha nada, eu imagino que fosse assim, em casa, quando o pai de um ou de outro viajavam ou nos carros. Porque não tinha local. Nos carros, quem não tinha emprestava do amigo. Na minha casa jamais, nós transávamos na casa dele ou dentro do carro, aí tinha os locais para você ir. Por exemplo, lá em cima do morro, lá aonde é o *morro do sabão*, o morro hoje da *net*, eram desabitados, então você ia por ali, nesses lugares ermos, né? Não tinha o banditismo que tem hoje, né? Então era assim. Eu pelo menos foi assim. Nunca fui a hotel, motel, não conheci motel, dentro do carro, do carro do namorado obviamente e depois na casa dele quando os pais dele viajavam.²⁴⁷

A depoente nos confirma essa relação entre sexo e carro e acrescenta um novo elemento, a casa dos pais. Quando os pais viajavam, no caso dela, quando os pais do namorado viajavam eles faziam sexo na casa dele, do namorado. O sexo, segundo nossos dois depoentes era feito com o/a namorado/a. Entretanto nem sempre os casais que tinham relações sexuais dentro dos carros, eram namorados, as vezes era somente um sexo casual.

Um ponto famoso para os namoros nos anos 1970 dentro dos carros era o Bar *Guairacá*, tanto casais de namorados como casais sem compromissos iam para lá, ficavam

²⁴⁷ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

dentro ou ao redor dos carros bebendo, alguns faziam sexo dentro do automóvel. Uma frequentadora do Bar nos anos 1970 nos conta como se davam os namoros ali e qual a impressão que o local causava:

No *Guairacá*, ali o pai - deus o livre falar em *Guairacá!* - o *Guairacá* fechou uma época por causa disso [...] tinha batidinha de laranja, abacaxi, coco, tipo caipirinha que faziam então a gente comprava garrafinha e ia pra dentro do carro tomar e daí ali começava beijinho, beijinho, quando viam já tavam grávida e daí tinha um vigia que batia no vidro, sabe? Só que suava o vidro do carro e ele batia: “parem, não sei o que”. O pai... deus o livre dizer pro pai que ia no *Guairacá*, era a mesma coisa que dizer que tinha ido no motel, deus o livre! Daí de tanto os pais encherem o saco, conseguiram fechar o *Guairacá*. Que era o ponto de encontro, a gente saía do carro ficava todo mundo como se fosse uma praia daí claro, tinha uns que saíam, ficavam rindo, e todo mundo ia pra lá, era a nossa festa, não tinha computador, não tinha celular, não tinha tanta boate. Daí os pais conseguiram fechar. Daí o posto Coesa lá da Duque resolveu abrir em cima, daí foi pior ainda, aí o pátio era maior, o posto fechava virava só festa. Uma vez meu pai foi pegar um caminhão, ele ia de carona e o caminhão ia pegar ele lá, meu irmão deixou ele lá e ele foi caminhando pelo pátio e era sábado de madrugada e ele viu coisas horríveis daí ele odiava. Depois voltou pro *Guairacá* de novo [...] ²⁴⁸

O que Lúcia nos permite imaginar com este depoimento, que havia a cobrança de comportamentos sobre os jovens, mas que havia a possibilidade da transgressão. Este lugar, o *Guairacá*, deve ter ficado nas memórias de muitos frequentadores pelas possibilidades que permitia, mas principalmente pela possibilidade do encontro – carros, som alto. Encontros de grupos são comuns ainda hoje em praias, pátios, praças, postos de gasolina.

Portanto, o *Guaicará* “era um ponto de encontro”, para amigos, amigas se reunirem eles/as tinham esse lugar como um local de referência entre os/as jovens. Sobre isso ela faz uma relação aos dias de hoje em que as pessoas para terem contato não precisam sair de casa, têm o computador, o celular e que também nos anos 1970 não tinha “tanta boate” (que ela refere-se as discotecas), isso resultava em poucas opções. O que havia na época? o *Aero Clube*, *Parque Verde*, *Hippopotamus*, a *Chocolatt* (final da década de 1970), para citar os locais frequentados pela classe média.

Ainda, segundo conta Lúcia que seu pai ficou horrorizado com os namoros dentro dos carros, nessa ocasião num lugar público, esse comportamento para gerações anteriores não era comum e por isso era o confronto as formas de vivenciar a sexualidade.

²⁴⁸ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

4.2 A SEXUALIDADE, A GRAVIDEZ E AS FORMAS DE CONTROLE

Se o carro era um lugar de exercício da sexualidade, era nele que notadamente havia possibilidade de acontecer uma gravidez, e numa época em que não havia campanhas de controle de natalidade (e, ainda não se falava em AIDS). Lúcia fala que “[...] ia pra dentro do carro tomar e daí ali começava, beijinho, beijinho, quando viam tavam grávida”. Nos relatos é recorrente a narrativa de que nos anos 1970 em Lages apareceram várias mulheres grávidas e solteiras – “[...] foi a época que começou a aparecer mãe solteira. Então apareceu uma irmã de uma amiga nossa também mãe solteira, foi um escândalo, mas quem é o pai? Mas por que não casou? E entre nós comentávamos também, né? E ficava aquilo”,²⁴⁹ na memória de Regina.

Gravidez remete necessariamente o que chama de perder a virgindade, valor que há séculos é cobrado das mulheres, passaporte para um bom casamento, e pecado mortal para os católicos. Nesse sentido, lembra que (como já abordado), a relação formal ocorrida entre um homem e uma mulher chamada de namoro se dá, além do público, também no privado. Assim, durante os anos 1970 algumas regras com relação à intimidade nos namoros foram quebradas. A principal delas é que as mulheres não se casavam mais virgens. Entretanto, as precauções com a gravidez (métodos contraceptivos) eram pouco conhecidas, mesmo estando na década em que a pílula já havia adentrado no Brasil. No depoimento de Regina Souza pode-se perceber essa questão:

Nós já tínhamos bem mais de um ano de namoro quando eu perdi a virgindade. Então a gente passou a ter um relacionamento sexual. Mas eu vou te ser bem honesta, tá? Eu não sabia de pílula, eu não sabia de camisinha, nunca tinha ouvido falar, tá? Eu não sabia na primeira relação, segunda relação se eu era virgem ou não era mais virgem? Eu não sabia se ela tinha ou não acontecido? Porque realmente nós éramos... o que que a gente sabia era o que uma amiga contava pra outra, ninguém sabia por informação na escola, por informação de pai e mãe, por informação de novela, de lugar nenhum, nós sabíamos de contar uma pra outra né? Então nós passamos a ter relação sexual.²⁵⁰

Partindo da ideia de que por influência de acontecimentos externos que chegavam aos/as jovens lageanos/as através do rádio, da TV, das revistas, dos filmes e que estes também viviam fenômenos ou eram influenciados por estes ocorridos nos finais dos anos 1960 como o *Maio de 1968*, o festival *Woodstock* de 1969, os próprios movimentos nacionais estudiantis

²⁴⁹ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁵⁰ Idem.

contra o regime civil militar, jovens lageanos/as, ainda de uma forma tímida, tiveram hábitos, comportamentos modificados.

Nesse sentido, ‘a moda’ nos grandes centros era também os jovens fazerem sexo, o lema era: *sexo, drogas e rock and roll*. Lembra que a pílula anticoncepcional já era comercializada no Brasil desde 1962. Entretanto em Lages em plena década de 1970 a maioria das moças solteiras, segundo a oralidade, não tomavam pílula, vejamos o depoimento de Lúcia:

[...] o meu namorado fazia vaterinária e ele tinha um amigo que estudava com ele e namorava uma médica ginecologista, a Dra. Sandra Machado [...] aí eu fiquei amiga dela, e eu ia ali na Sandra e comecei a tomar pílula e transava com o meu namorado. **Eu era uma das poucas que tomava pílula e também porque ela me dava eu não precisava ir comprar.**²⁵¹ (grifo meu. Nome da médica fictício)

A partir dessa depoimento podemos compreender o motivo das moças não tomarem anticoncepcional. E o porquê de aparecerem mães solteiras, como nos conta nossa depoente. Pelo relato conclui-se que a questão moral das pessoas de cidade do interior como Lages era rígida. Nota-se que a cidade era conservadora, logo, era constrangedor uma moça entrar numa farmácia para comprar pílula, numa cidade de interior como Lages era dar o atestado de não virgindade. Isso porque as regras quanto a isso eram claras, a sociedade lageana não admitia sexo antes do casamento.

Ao falar de sociedade, a referência vem de instituições que legitimam essa regra de casamento virgem como Igreja, Escola, Estado, Família ao utilizarem-se de meios como o jornal para divulgar essas regras e/ou para desvalorizar novidades que pudessem ameaçar a ordem posta. O *Correio Lageano* publicou na década aqui estudada alguns artigos de caráter negativo da pílula anticoncepcional, como este abaixo, de caráter religioso, retirada de outros jornais e que falava sobre :

Pílula provoca doenças graves
Em saint Lorus, nos EUA, foi processada a empresa G.D. Searle, fabricante dos anti-concepcionais “Ovulan”.
A espôsa do Sr. Alan Wienman, autor do processo, foi vitimada por graves problemas de saúde, depois de ter tomado a referida pílula.

²⁵¹ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

O medicamento provocou nela distúrbios nervosos, a paralização parcial de uma perna, dores de cabeça e outras reações orgânicas. Uma vez que a pílula contraria as leis da natureza, compreende-se que se aplique às pessoas infratoras o conhecido ditado francês: “expulsai a lei natural e ela voltará muitas vezes se manifesta em forma de vingança!”
 Poder-se-ia acrescentar que sua volta á galope a galope.²⁵²

Ao publicizar que a pílula prejudica a saúde da mulher, que “contraria as leis da natureza”, as mulheres estavam sendo disciplinadas e amedrontadas para não se utilizar de método contraceptivo e, portanto, nas entrelinhas dizia às mulheres que se não quisessem engravidar que não fizessem sexo! Nesse sentido, sendo as mulheres que engravidam, era para elas que os discursos se dirigiam. Afinal, ele era (ainda o é) uma das maneiras utilizadas pela sociedade burguesa para controlar e estabelecer normas e comportamentos sociais, produzindo sentidos e subjetividades, influenciando na formação de opinião, na instituição e veiculação de regras. Numa outra reportagem do jornal *Correio Lageano* do dia 27 de janeiro de 1970, tentava-se dificultar a compra de anticoncepcionais dizendo: “estes só poderão ser adquiridos sob receita médica”.²⁵³ Essa era uma forma não só de dificultar, mas de tentar impedir o seu uso. Segundo Lúcia, “daí começou minhas amigas, todas grávidas, todas de nenê, quando não tiravam.”²⁵⁴

Ao que se refere à gravidez, depois de confirmada, segundo o lageano João, as jovens “normalmente casavam, grávidas, era difícil não casar entendeu? Tinha que casar. Minha ex-esposa engravidou no carro. O pai tinha carro entendeu?”.²⁵⁵ Sim, havia casamentos às pressas antes que a barriga aparecesse para que não ficassem mal faladas, essa era a regra: engravidou tinha que casar. Entretanto, nem todos/as a seguiam, houve casos de que mesmo depois da gravidez os casais não se casaram. Nosso próprio depoente, João Ricardo, por exemplo, não se casou com a sua namorada grávida, ao que disse “não, não deu, não quis, não tava afim”, e não falou mais sobre o assunto.

Assim como ele muitos outros e outras não quiseram se casar, por diversos motivos. Como por exemplo o caso da entrevistada Regina, que engravidou do seu namorado em 1973 aos 18 anos de idade. Nas palavras dela:

²⁵² JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 16 de abril de 1972.

²⁵³ Idem. Lages, 27 de outubro de 1970.

²⁵⁴ Entrevista concedida por Lúcia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

²⁵⁵ Entrevista concedida por João. 58 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

Eu gizeei a aula e saí com ele e nós tivemos relacionamento sexual nesse dia e eu engravidei, aí quando eu engravidei a minha prima mais nova que eu um ano, ela também tinha um outro namorado e engravidou desse namorado e casou com ele. Porque era assim, engravidava casava porque tinha que reparar o que tinha feito, né? E aí eu engravidei, só que não estava mais namorando com o rapaz, daí o que ele começou? Filho não era dele, ele não tava mais namorando comigo, ele não ia assumir, aí a mãe chamou meu cunhado, meu cunhado foi falar com ele aí ele disse que ele não casava daí ele veio falar comigo, nesse momento eu tinha 18 e ele tinha 22 anos, daí ele disse assim pra mim: “olha se se eu tiver que casar com você eu caso mas no dia seguinte a gente vai se separar, eu não fico casado com você”. Ele achou, segundo ele dizia, que eu tinha feito de propósito pra amarrar ele sabe? Foi isso que ele alegou na época. Daí eu disse pra ele: “então tudo bem, você não vai casar comigo, não vai conhecer o filho, não vai saber quem é, ele nunca vai saber de você. Você vai viver a sua vida e eu vou viver a minha”, foi que eu falei pra ele. E a partir dali eu mudei, eu tive a criança.²⁵⁶

Este depoimento mostra uma realidade bastante comum no passado e também hoje, mesmo com os exames de DNA, ou seja, a negação da paternidade por parte dos homens. Regina tece longa narrativa sobre sua história, já o João disse que não quis casar e deu, não era com ele, se omite. No estudo de Geovana Poeta Grazziotin, ela observou que os homens em grande parte, já na década de 1980 e 1990, negavam-se a aceitar a gravidez, e como o exame de DNA, a partir de 1990, trouxe a possibilidade de buscar a responsabilidade masculina.²⁵⁷

No caso aqui citado, além de não querer casar, não quis assumir-se como pai alegando que “o filho” poderia não ser dele, porque eles estavam com o namoro rompido, ou seja, ele alegava ser vítima do chamado “golpe da barriga”. Esse golpe, que não foi o caso dessa situação, era comum na época, porque em caso de gravidez, muitas moças tinham o apoio familiar que forçava o casamento, o que nem sempre dava certo, pois alguns se recusavam e quando aceitavam pediam separação. Por uma questão cultural um homem, e não o contrário, quando considerava que sua moral masculina foi ferida se sentia no direito de pedir separação.

Na situação de Regina, sobre a separação, o que chama a atenção é que ele se sujeitou a casar, mesmo alegando a ela pedir separação “no outro dia”, porque o cunhado dela fora falar com ele, exigir casamento, como era de costume nessas situações, numa ‘conversa entre homens’. Para o cunhado da ex-namorada ele não falou em separação, provavelmente falou que casava, entretanto para Regina ele colocou a situação da separação.

²⁵⁶ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁵⁷ GRAZZIOTIN, Geovana Poeta. Investigando paternidade: do discurso da conduta feminina ao teste de DNA. (1980 -1999) **Dissertação de mestrado** defendida pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2008.

No Brasil, a lei do divórcio data de 1977,²⁵⁸ e desde 1972 podia se recorrer ao desquite judicial (litigioso) ou amigável (de mútuo acordo), conforme o Código Civil de 1916, artigo 315. Porém, havia um dispositivo da Lei 3.071/16 que dizia que o casamento era indissolúvel, ou seja, a relação jurídica do casamento não os dava a opção para poder casar-se novamente. Essa lei foi revogada em 26 de dezembro de 1977 pela Lei de número 6515 do Código Civil Brasileiro.²⁵⁹

Sem casamento Regina assumiu a gravidez e suas consequências. Segue a fala dela:

Eu permaneci em casa com os meus pais. [...] Fui proibida de sair de casa. A minha mãe, quando meu pai viajava, porque ele era caminhoneiro, daí ela me levava ao médico, era quando eu saía de casa. Aí a minha mãe tirou a aliança dela e deu pra mim pra eu poder ir nas lojas comprar meu enxoval para eles acharem que eu tinha me casado, porque as pessoas, como eu era de família tradicional, as pessoas sabiam da história, elas saíam na porta das lojas para me olhar quando eu passava e quando eu entrava nas lojas elas vinham em volta de mim olhar na minha mão. Então aquilo pra mim foi um sofrimento muito grande, eu chorava muito, eu fui me culpando muito daquilo ali, porque eu tinha sido uma ótima aluna, uma aluna destaque, uma menina nota dez, sabe? E eu senti que eu tinha decepcionado meus pais e ao mesmo tempo a mim mesma, né? E aí eu comecei uma série de cobranças, enfim. Tive a criança, quando eu tive a criança meu pai não apereceu na maternidade. Tive a filha e voltei pra casa. Nunca tive contato com o pai biológico dela. [...] Depois disso aí tudo eu voltei a estudar e comecei a trabalhar pra sustentar a minha filha, né? Embora meu pai fosse rico, digamos assim, e por tudo isso que eu tinha sido humilhada e cobrada, eu não podia comer na mesa junto com ele, quando ele estava, que chegava de viagem, eu tinha que comer no quarto, depois que eu ia pra cozinha [...] ²⁶⁰

Das consequências vieram às cobranças, às restrições sociais devido a uma questão moral que por sua vez estava relacionada aos costumes e aos deveres determinados a ela por um controle social. Nesse sentido, juridicamente a lei não a apoiava, por não ser casada e não ter o reconhecimento do pai biológico ou um substituto a criança a qual esperava não tinha amparo legal, pois o artigo 337 do Código Civil de 1916 diz que “São legítimos os filhos

²⁵⁸ Sobre a lei do divórcio de 1977 pode ser observada do artigo: FÁVERI, Marlene de e TANAKA, Teresa Adami. Divorciados, na forma da lei: discursos jurídicos nas ações judiciais de divórcio em Florianópolis (1977 a 1985). **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2010. As autoras escreveram um artigo sobre os primeiros processos de divórcio (1977 a 1985) em Florianópolis.

²⁵⁹ Art. 315. Texto original: A sociedade conjugal termina:

- I. Pela morte de um dos cônjuges.
- II. Pela nulidade ou anulação do casamento.
- III. Pelo desquite, amigável ou judicial.

Parágrafo único. O casamento válido só se dissolve pela morte de um dos cônjuges, não se lhe aplicando a presunção estabelecida neste Código, art. 10. segunda parte.

²⁶⁰ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

concebidos na constância do casamento, ainda que anulado (art. 217)²⁶¹, ou mesmo nulo, se contraiu de boa fé”. Ou seja, filhos/as concebidos fora do casamento, como era o caso de Regina, eram considerados ilegítimos.

Baseadas nessa concepção de infração às leis jurídicas e de bons costumes, as pessoas se sentiam no direito de julgar comportamentos considerados imorais como este de Regina. Isso se justifica pela sua atitude de ter que usar a aliança da mãe para estar dentro da norma. O fato de estar fora das regras estabelecidas pela sociedade trazia sofrimento a nossa depoente através de sentimentos como culpa cobrança, decepção, humilhação como ela nos contou.

A falta de uma relação conjugal trazendo problemas sociais e familiares após a maternidade fez com que Regina saísse em busca de um marido. Depois de se ter uma filha a etapa do namoro para Regina deveria ser pulada, nas palavras dela: “de cara eu já conto se o sujeito quiser quis se não quiser que já caía fora porque meu negócio é casamento”.²⁶²

Para falar dessa experiência da gravidez de mães solteiras trago a contribuição do artigo publicado em 2009 na revista *Aletheia*, Revista da Universidade Luterana do Brasil. Segue a citação:

O parto, assim como a gravidez, introduz mudanças na vida da mulher e de sua família, porém de maneira muito mais repentina. O momento do parto pode ser considerado como a passagem de um estado a outro e sua principal característica é a irreversibilidade: a gravidez tem seu fim anunciado, o bebê chegará e isso não tem volta.²⁶³

Outro caso de gravidez durante o namoro aconteceu com Inês no final dos anos 1970.

Segue seu relato:

Eu comecei a namorar com 15 e já engravidei, logo em seguida, de 15 pra 16 eu já estava grávida. [...] a gente não casou, ele não queria, era um bicho, falar em casamento pra ele Deus o livre. Ele nunca disse que podia não ser dele. [...] No início fomos morar juntos com um casal de amigos que fizeram a mesma coisa, ela também, tinha fugido e a mãe dela mandou ela sair de casa e daí esse amigo dele tinha uma casa, os dois trabalhavam juntos. Daí eles se propuseram a dividir a despesa conosco. [...] Mas ela não me tratava bem, ela se sentia a dona da casa. [...] daí lá ficamos pouco tempo, não deu seis meses, saímos brigados. [...] Antes a mãe tinha ido me

²⁶¹ Art. 217. A anulação do casamento não obsta à legitimidade do filho concebido ou havido antes ou na constância dele. Código Civil Brasileiro de 1916.

²⁶² Entrevista concedida por Regina Souza. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁶³ MARIN, Angela Helena, DONELLI, Tagma Marina Schneider, LOPES, Rita de Cássia Sobreira, PICCININI, Cesar Augusto. Expectativas e sentimentos de mães solteiras sobre a experiência do parto. *Revista Aletheia*. 29, jan./jun. 2009, p. 58

visitar e a mãe viu como eu estava sendo tratada, daí a mãe disse: “Ah se for pra viver assim então volte pra casa”. Daí voltei, daí fui pra casa, só eu [...] e ele foi pra casa da mãe dele.

No caso de Inês, seu namorado reconheceu a criança como pai biológico, entretanto, por motivos que ela não quis detalhar, eles não se casaram legalmente. Foram morar juntos e por questões financeiras tiveram que dividir a casa com outro “casal de amigos que fizeram a mesma coisa”. Não deu certo e tornaram-se namorados com uma filha. Por falta dos trâmites legais ela considerava-se e era considerada mãe solteira. Essa situação teve consequências, como veremos na continuidade da sua fala:

[...] Dois empregos que eu consegui antes do cartório eu perdi porque era mãe solteira, daí num emprego foi no Supermercado... eu entrei e aparentemente ninguém me conhecia, três meses depois eu descobri que a cunhada da prima do meu namorado trabalhava lá e ela descobriu quem eu era e contou na hora pro meu chefe e o chefe me chamou na hora e me botou na rua na hora. Ela era meio gerente do Supermercado na época. [...] Primeiro ele chegou pra mim e disse: “Cadê a tua aliança?” Daí eu disse: “eu não uso aliança”. Daí ele disse: “porque você não usa aliança?” Eu disse: “ah, eu nunca tive dinheiro pra comprar aliança”. Daí ele disse: “Mas aliança não se compra a gente ganha do marido”. Daí eu disse: “ah, mas meu marido não tem condições de me dar aliança”. Daí ele disse: “eu sei por que você não usa aliança porque você não é casada, você é amante do fulano”, aí ele foi dizendo o nome né? Porque na época era tratada como amante, né? [...] E na loja ‘AB’ a mesma coisa [...] descobriram aí me chamaram lá no escritório [...] o gerente não perguntou da aliança, mas explicou que na loja, era uma loja de..., ele quis dizer que tinha um conceito grande na sociedade e eu tava fora do conceito. E que era para desculpar, mas que não dependia dele, essas coisas e tal. Ele até disse que se eu quisesse me casar e voltar pra lá eu poderia me casar e voltar. Daí eu disse: “não, eu posso até me casar, mas não volto mais”.²⁶⁴

Inês sofreu preconceito no trabalho por ser mãe solteira porque estava fora de um estereótipo idealizado pela sociedade e por essa razão, referiram-se a ela como “amante”. Em geral, esse termo dirige-se a uma pessoa que tem um relacionamento amoroso ilícito (contrário às leis morais) quando um dos dois é comprometido com um/uma terceiro/a pessoa. No caso de Inês por ela ser mãe e não ser casada era considerada imoral. No final de sua fala ela demonstra resistência: “eu posso até me casar, mas não volto mais.”

Segue o depoimento da experiência masculina, Luís ao receber a notícia da gravidez de sua namorada:

²⁶⁴ Entrevista concedida por Inês. 51 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

Quando eu casei com a Bete ela já estava grávida né? [...] quando a gente soube que ela estava grávida, se fosse ver a lógica, não tinha como a gente casar e sustentar mais uma criança, né? E na época era comum aborto. Não, não posso dizer como comum o aborto mas a primeira reação seria o aborto. E a primeira reação minha foi não. Eu disse: “eu pego uma mochila, boto nas costas, você pega outra mochila e bota nas costas mas o nenem vai nascer, não sei aonde, nós saímos de Lages”. A gente pensou em sair de Lages por causa da família que a família não aceitasse. Então a primeira reação foi essa, “tá resolvido? Tá resolvido!”[...] Quando a gente descobriu, eu falei pra ela no carro, carro emprestado, saímos do médico, se eles não aceitarem a gente tem o plano B. Mas a reação tanto da família dela quanto da minha foi positiva. Talvez porque eles já estavam sabendo, era isso que nós queremos e pronto, não têm outra opção.²⁶⁵

Vemos que os jovens eram pegos desprevenidos numa gravidez indesejada, e as famílias, em geral, tomavam isto como um escândalo – e era mesmo, dadas as cobranças das condutas das mulheres e a necessidade da virgindade para obter um bom casamento – no caso de Luís, a família aceitou. Havia casos de abandono da filha grávida pelos pais. Mas o mais comum, passado o momento do escândalo e das fofocas, era arranjar logo o casamento e a vida seguia. Estas histórias ficaram nas memórias e não raro as recordações são de que era mesmo um escândalo – mas ninguém estava escape, porque a sexualidade era exercida, lá, como hoje. No Brasil a cada ano, cerca de 20% das crianças que nascem são filhas de adolescentes, número que representa três vezes mais garotas com menos de 15 anos grávidas que na década de 70, engravidam hoje em dia. A grande maioria dessas adolescentes não tem condições financeiras nem emocionais para assumir a maternidade e, por causa da repressão familiar, muitas delas fogem de casa e quase todas abandonam os estudos.²⁶⁶

É notório que a sexualidade vivenciada por jovens ainda solteiros/as nos anos 1970 escandalizava a tradicional sociedade católica lageana. Nesse sentido, podem ser vistos através do jornal da cidade artigos que recriminam essa postura moderna. Entretanto, para ter um maior poder de legitimar essas concepções o Jornal publicava material de fora. Como, por exemplo, esse que segue abaixo de um padre de *New York*, padre *James Keller*, a tradução foi feita pelo franciscano professor de Inglês do colégio *Diocesano*, Silva Neiva, chamado de *Teacher*. Vejamos o conselho religioso ao que se refere aos “esclarecimentos são e equilibrados do sexo” dado aos pais sobre os jovens:

²⁶⁵ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011.

²⁶⁶ Informações retiradas do site <http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/adolesc3.html>. Acessado em 10 de fevereiro de 2012.

Os jovens bem fundados e alicerçados em valores eternos podem servir de instrumento para inspirar cristãmente, as leituras e as diversões que encontram na vida. Além disso, ninguém está em melhor posição do que um pai de família ou uma mãe para dar aos filhos **esclarecimentos sãos e equilibrados do sexo**, esclarecimento este que é obrigação primária do lar e sério dever dos pais. [...] ²⁶⁷

4.3 A GRAVIDEZ INDESEJADA E A INTERRUPÇÃO

Em Lages a imprensa noticiava que a pílula trazia problemas de saúde, como vimos no item 4.2. Entretanto, a historiadora Roselane Neckel, no livro sobre aborto e infanticídio no século XX organizado por Joana Maria Pedro, nos informa que nos anos 1960 e 1970, com a discussão sobre o controle de natalidade no Brasil, passou-se então a pensar sobre o uso da pílula anticoncepcional como forma de evitar o aborto: “[...] a discussão se deveríamos ou não adotar um programa de controle da natalidade, trouxe à pauta de discussões do tema aborto. E foi justamente para combater sua incidência e prática que se defendia a comercialização e distribuição de contraceptivos.” ²⁶⁸

Assim, percebemos que muitas moças lageanas faziam sexo, mesmo solteiras nos anos 1970, e não usavam métodos contraceptivos como a pílula, por motivos que aqui já foram mencionados. Sendo assim, através da oralidade, pode-se perceber que essas mulheres iam em busca de aborto quando constatavam que estavam grávidas de seus parceiros, namorados ou não. E isto porque havia casos em que as moças engravidavam sem estarem namorando, ou de outro homem que não fosse o namorado. Sobre isso segue um depoimento: “[...] ela foi pra Joinville pra fazer o aborto [...] ela não gostava do namorado, ela ficou grávida e não era do namorado, ela namorava um e ficou grávida de outro.” Sobre aborto, a historiadora Roselane Neckel nos mostra que:

Se as práticas permanecem, indicando a desnaturalização do instinto materno, em muitos casos elas denotam, também, o sucesso da moral sexual que se buscou constituir desde o início do século XX, no Brasil. Muitas dessas mulheres, pressionadas pelos “padrões sociais”, buscavam esconder o ato que manchava sua “honestidade”. Comportamento, este, medido pela conduta sexual, por padrões defendidos por juristas. É importante registrar que estes valores morais e comportamentais marcaram o imaginário de muitas mulheres e homens. Sujeitos que passaram a definir a e julgar comportamentos de acordo com estes padrões de conduta. ²⁶⁹

²⁶⁷ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 31 de março de 1972.

²⁶⁸ PEDRO, Joana Maria (org.). **Práticas Proibidas**: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 297.

A questão da moral sexual, a pressão dos “padrões sociais” e de conduta, como coloca Neckel, para as moças de Lages era a questão central que as levava a praticar o aborto. Abaixo segue ainda o depoimento da Inês, que nos conta qual foi a sua primeira reação quando soube que estava grávida:

[...] Cheguei a pensar em aborto. Não foi falta de coragem. Acho que foi falta de não saber como é que fazia. Daí até me falaram que tinha uma velhinha não sei aonde, digo, “ah deixa assim”, ela dava remédio. Mas daí quando eu me toquei que tava grávida o nenê já tava grande, eu já tava com uns três, quatro meses, daí deixei correr, daí em compensação não engravidei mais, não quis, eu peguei um medo de gravidez, Deus o livre!²⁷⁰

As moças lageanas solteiras grávidas que optavam pelo aborto tinham as seguintes atitudes, procuravam mulheres que preparavam chás abortivos, ou se utilizavam de instrumentos caseiros como agulhas de tricô, por exemplo. Alguns farmacêuticos aplicavam injeções ou davam medicamentos abortivos. Algumas jovens, com melhores condições financeiras geralmente, procuravam clínica de aborto clandestina, mas essas não eram em Lages segundo depoimentos as clínicas procuradas eram em Caxias do Sul e Vacaria, ambas no Rio Grande do Sul e Joinville em Santa Catarina.

Através do jornal publicavam-se notas de desaprovação ao aborto. Nesse que segue abaixo é uma crítica sobre a legalização do aborto no Chile, foi escrita pelo carioca Gustavo Corção, na época, respeitado pelos conservadores por ser um pensador católico e membro da União Democrática Nacional – UDN. Ficou famoso com seus livros sobre política, conduta e a autobiografia sobre sua conversão ao catolicismo. Sua formação era em engenharia e a exercia como professor na Escola Técnica do Exército. Segue então a sua visão sobre “O Abôrto Legal”:

A degradação tem lógica interna; diria até que tem exigências próprias dessa alógica interna começada aqui ou ali, prosseguida nesta ou naquela direção ainda optativa, ainda livre a degradação das coisas humanas, a ruína de uma família, de uma cidade, de uma inteira civilização depois de certos níveis passa a seguir a leis das coisas físicas onde é sempre infinitamente improvável das perfeições desmornadas. Estou pensando nas extravagâncias de nosso brave new world e mais especialmente na prática do aborto “legal” que se tornou banal nos países ditos “adiantados” e que o Presidente Allende já prometeu ao infortunado povo

²⁶⁹ NECKEL, Roselane Em silêncio... As mulheres que decidam! In: PEDRO, Joana Maria (org.). **Práticas Proibidas:** práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 295-296.

²⁷⁰ Entrevista concedida por Inês. 51 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

chileno. Deste modo, o comunismo sul-americano, antes de chegar às claras e exuberantes matanças práticas á luz do sol, ensaiará seus passos com o massacre dos inocentes pegados de surpresa na obscuridade dos úteros convenientes [...].²⁷¹

Através desse artigo pode-se perceber que Gustavo Corção faz uma dupla alerta, contra o aborto e ao comunismo ao associar a legalização do aborto no Chile a uma simpatia do governo de Salvador Allende pelo comunismo. Denunciando, então, que o comunismo provoca assassinatos de inocentes, neste caso através da prática do aborto, o que ele considera uma “degradação” humana que leva “a ruína de uma família, de uma cidade, de uma inteira civilização.”

Sobre a legalização do aborto no Chile, o livro *Aborto no Brasil e países do Cone Sul: panorama da situação e dos estudos acadêmicos* organizado por Maria Isabel Baltar da Rocha e Regina Maria Barbosa, no artigo de Gloria Salazar Rosas,²⁷² encontramos que em 1967 houve mudanças no Código Sanitário do Chile permitindo o aborto em casos terapêuticos. O que deu margem para que o governo de Salvador Allende em 1973 o interpretasse de uma forma ousada: “a equipe médica da maternidade considerou que era terapêutico evitar riscos de morbidade e mortalidade das mulheres que solicitassem aborto, em geral desfavorecidas do ponto de vista socioeconômico.”²⁷³ Devido a isso a equipe médica realizou 2000 abortos seguros. Essa experiência no Chile foi interrompida em 1973 durante o Regime civil militar chileno, governo do general Augusto Pinochet.

Nesse particular, novamente nossa depoente Lúcia contribui com a pesquisa nos contando experiências de amigas, colegas de escola sobre práticas abortivas em clínicas clandestinas. Nos fala das táticas utilizadas pelas moças solteiras, estudantes do Colégio *Santa Rosa de Lima* para conseguirem fazer aborto sem que a família descobrisse. No relato abaixo, ela conta de um plano que teve um imprevisto:

Tirar bebê era a coisa mais normal do mundo, fazer aborto, várias amigas minhas, tinha Joinville que era o canal, então elas ficavam grávidas e de manha diziam que iam pro Colégio, várias vezes as mães: “a fulana ta aí?” “sim, ela veio almoçar aqui” e ela tava indo pra Joinville tirar e tiravam e voltavam como se fosse tirar uma roupa, sabe?” Teve uma amiga minha que um dia eu cheguei, eu tava almoçando e ela “eu preciso falar contigo”, na hora da comida. [...] Daí eu peguei,

²⁷¹ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 16 de dezembro de 1970.

²⁷² Gloria Salazar Rosas é psicóloga e investigadora chilena em temas de saúde e direitos sexuais e reprodutivos.

²⁷³ ROSAS, Gloria Salazar. Localização do aborto no Chile: uma tarefa pendente. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da e BARBOSA, Regina Maria (org.) **Aborto no Brasil e países do Cone Sul: panorama da situação e dos estudos acadêmicos** Campinas: Núcleo de estudos de população Nepo. Unicamp, 2009, p. 59.

porque o pai era muito rígido, eu disse: “suba pro meu quarto que eu termino aqui e já vou”. [...] Daí ela: “to chegando de Joinville” e daí ela tava sem o dente da frente, ela tinha quebrado o dente, tava só um toquinho do dente. Daí eu disse: “que que houve com teu dente?” Ela disse:” eu tô chegando de Joinville eu fui lá tirar o neném e na volta batemos o carro e agora você vai lá em casa dar uma desculpa pra mãe [...]”.²⁷⁴

Pela fala de Inês as moças, alunas do Colégio *Santa Rosa*, que engravidavam e queriam abortar, saíam pela manhã e iam até Joinville fazer o aborto, voltavam no mesmo dia e eram acobertadas pelas amigas. Para ajudar uma amiga que se encontrava aflita por estar grávida, Luís diz ter participado da elaboração de um plano de aborto nos anos 1970:

Teve uma amiga que freqüentava o *Aero Clube*, posso citar o nome dela que ela já morreu a Zê, eu lembro dela de eu ter participado de um plano desses dela fazer aborto. Ela dizia: “E agora o que eu vou fazer?” Ai ela foi pra Vacaria e fez, deu tudo certo. A gente também nunca falava nisso.²⁷⁵

Outro depoente, Antônio, tece sua narrativa do que lembrava sobre práticas de aborto em Lages nos anos 1970. Ele relata que nesses casos se recorria aos farmacêuticos, ou a mulheres que moravam na periferia de Lages que faziam aborto com instrumentos caseiros como agulha:

Ali no terminal existia uma Farmácia a.... tanto ali quanto na Farmácia..... , não que fizesse aborto. Mas de repente aparecia uma menina que tava grávida, daí você chagava lá, conversava com os caras. Pagava muito caro e eles aplicavam aquelas injeções, mas era uma coisa que assim, você tinha que ir antes, à noite, muito camuflado, chamava o cara, “olha aconteceu isso tem uma menina assim que transou o que eu posso fazer? Quanto que sai?” Seria muito caro. Eles tinham acesso aos remédios e sabiam. E clínica de aborto aqui não tinha o que tinha eram algumas mulheres que faziam em bairros. Eu ouvia dizer que algumas usavam agulhas que provocava, porque perfuravam, era um risco muito alto.²⁷⁶

Depois do aborto as moças podiam voltar a namorar, casar sem que ninguém soubesse do ocorrido. Segue o depoimento de Regina ao receber uma proposta para fazer aborto:

²⁷⁴ Entrevista concedida por Lúcia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

²⁷⁵ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011.

²⁷⁶ Entrevista concedida por Antônio. 57 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

[...] porque quando eu fiquei grávida, o meu cunhado, daí ele chegou Pra mim assim: “olha eu to com o carro aí, tudo pronto, a gente vai à Caxias, eu tenho um amigo médico você vai fazer o aborto e ninguém vai saber de nada. **Você pode casar namorar, quem é que vai saber se você é virgem?**” Aí eu lembro as palavras que eu disse: “não, o que eu fiz eu assumo e quem casar comigo eu não preciso explicar nada porque eu só vou apresentar a minha filha”, eu disse pro meu cunhado. E eu não aceitei. Então, eu nunca me arrependo da atitude que eu tive, eu acho que eu me arrependeria se eu tivesse feito ao contrário, né?²⁷⁷ (grifo meu).

Na frase “Você pode casar, namorar, quem é que vai saber se você é virgem?”, esta consubstanciada a norma: casar virgem. Das mulheres cobrava-se a virgindade a qualquer custo, e as mulheres temiam sua perda, por conta das práticas e discursos morais discriminatórios corretes. Assim adentramos numa outra discussão, a questão da virgindade cobrada às mulheres e não o contrário como veremos no tópico seguir.

4.4 (DES) VIRGINDADE PODE VIRAR CASO DO JUDICIÁRIO

Pelo depoimento de Regina podemos perceber que mesmo em tempos de ‘Revolução Sexual’, a virgindade em cidades de interior como Lages, ainda era cobrada das moças nos anos 1970. Lembra que nessa década vigorava o Código Civil de 1916 e pelo artigo 218, após o casamento o homem tinha direito legal, caso constatasse que sua mulher não era mais virgem, de devolvê-la ao pai, ou à mãe, na falta do marido:

Art. 218. É também anulável o casamento, se houver por parte de um dos nubentes, ao consentir, erro essencial quanto à pessoa do outro. Complemento: Considera-se a pessoa do cônjuge, inciso IV, o defloramento da mulher, ignorado pelo marido.

Além do Jurídico, a Igreja católica também condenava a relação sexual antes do casamento. A mulher, em especial, deveria ter sua primeira relação sexual somente após o casamento, antes disso o sexo era considerado pecado. Entretanto a população jovem brasileira “passava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos.”²⁷⁸

²⁷⁷ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁷⁸ DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto 2006, p. 301.

A questão da virgindade era uma cobrança imposta à mulher porque no caso do homem, segundo o sociólogo Anthony Giddens, ao falar das sociedades modernas, era um ganho. Segue a citação:

A “perda da virgindade” para um rapaz, hoje em dia, assim como desde os tempos imemoriais, continua sendo uma expressão imprópria: para os rapazes, a primeira experiência sexual é uma adição um ganho. É um talismã que aponta para o futuro; entretanto, não se trata disso em relação aos aspectos mais íntimos do eu, mas um dentre outros símbolos da capacidade masculina. Para as garotas, a virgindade é ainda considerada como uma entrega. Para a maioria, a questão não é realizá-la ou não como parte da experiência sexual precoce, mas como escolher o momento e a circunstância certos. O acontecimento estava diretamente relacionado às narrativas românticas [...] ²⁷⁹

Uma funcionária do cartório de Registro Civil de Lages relatou como se davam os casamentos forçados devido à descoberta pelo pai/mãe (ou algum parente que se sentia ofendido) da não virgindade da filha:

Em namoros que os pais descobriam que a moça não era mais virgem eles obrigavam a casar. Eu conheci casos que a polícia foi buscar o noivo em casa, que o noivo não queria ir e a polícia foi buscar em casa. Isso na década de 70. E outra coisa que era bem vexatório, bem constrangedor é que as mulheres tinham que passar por aquele exame, daí ali no Instituto Médico Legal pra ver se realmente houve o ato sexual, se houve eles faziam casar. O Judiciário também era bem facilitado né? Porque daí casava na hora, não tinha o prazo que nós temos hoje, que arruma os papéis dali quinze dias que casa, antes disso não pode casar. E na época não, dizia que tinha que casar, ia lá no cartório e já casava. Até nos arquivos, a capa do casamento, que casava na hora, era capinha branca, toda de folha branca e os que casavam no prazo de lei, bonitinho já era capinha colorido, mais ajeitadinha, até na hora do processo era discriminado. Eles já faziam mesmo pra diferenciar, o que era casamento fugido que eles falavam né? E o que era casamento já mais dentro dos parâmetros.

Para entender quando um namoro virava caso de polícia, como nos relatou Inês, faz-se necessário recorrer ao Código Penal de 1940, que vigora até os dias atuais. O Título IV do Código fala sobre “crimes contra os costumes” ²⁸⁰ chamado de crime de sedução, que é mais

²⁷⁹ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. p. 67.

²⁸⁰ Código Penal de 1940: TÍTULO VI Dos crimes contra os costumes CAPÍTULO I DOS CRIMES CONTRA A LIBERDADE SEXUAL Estupro **Art.** 213. Constranger mulher a conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça: Pena - reclusão, de três a oito anos. Atentado violento ao pudor. **Art.** 214. Constranger alguém,

voltado para a defesa feminina, já que para a mulher a perda da virgindade enquanto solteira era considerada como um ato negativo. Nesse sentido, o historiador Luiz Carlos Duarte ao estudar processos por crime de sedução entre 1960 e 1974 no Município de *Goytacazes* nos auxilia ao ensinar que:

A sedução será concedida, a partir do Código Penal de 1940, como uma violação da liberdade sexual. A liberdade sexual poderia ser violada pela força (estupro) ou pela sedução, na qual uma “donzela honesta” somente cairia por inexistência ou justificável confiança. A inexistência significativa que a donzela era inocente desconhecadora dos “segredos do sexo”, o que poderia possibilitar a um sedutor abusar dessa inexperiência e, através de vários atos, incluindo carícias e blandícias, turvar os sentidos da moça, sua capacidade de discernimento, levando-a a ceder. Mas não só a “donzela inexperiente”, no sentido de inocente quanto ao sexo, poderia ser vítima de sedução. Mesmo uma moça possuidora de conhecimentos (não práticos) sobre o ato sexual e suas conseqüências poderia ser seduzida se, por diversas maneiras, incluindo um namoro autorizado e longo e/ou noivado, o sedutor conseguisse, lenta e arditamente, inculir-lhe a certeza na realização do casamento prometido, captando totalmente sua confiança, de tal sorte que ela, mesmo sabendo das conseqüências do que estaria fazendo aquiesceria em antecipar os direitos conjugais do futuro esposo, cederia à cópula desvirginadora. Em ambos os casos, a liberdade sexual da moça teria sido violada, pois a decisão de copular com o namorado ter-se-ia dado sob condições que turvaram sua razão, sua capacidade de discernir e de conter as emoções. É evidente a tendência de vitimar-se a mulher e afirmar-se a superioridade afetiva e intelectual do homem, portador de um maior autocontrole.²⁸¹

A pena para crime de sedução seria a reclusão, entretanto, como vimos na fala de Inês, a punição do ‘autor’ seria o casar-se com a moça ‘seduzida’. Nesse sentido, a polícia não tinha direito legal de ir a casa de um rapaz para forçá-lo a casar. Essa era uma questão de honra familiar. Os interessados justificavam essas atitudes alegando que era em defesa da dignidade. Geralmente o pai ou irmão (um parente homem) da moça ‘vitimizada’ que buscava ‘lavar a honra nem que fosse com sangue’. A polícia, um órgão de defesa pública, em nome da defesa da honra e da ordem, abusava de seu poder como autoridade.²⁸²

mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal: Pena - reclusão de dois a sete anos. Posse sexual mediante fraude **Art.** 215. Ter conjunção carnal com mulher honesta, mediante fraude: Pena - reclusão, de um a três anos. Parágrafo único. Se o crime é praticado contra mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de quatorze anos: Pena - reclusão, de dois a seis anos. Atentado ao pudor mediante fraude **Art.** 216. Induzir mulher honesta, mediante fraude, a praticar ou permitir que com ela se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal: Pena - reclusão, de um a dois anos. Parágrafo único. Se a ofendida é menor de dezoito e maior de quatorze anos: Pena - reclusão, de dois a quatro anos.

²⁸¹ DUARTE, Luiz Cláudio. Representações da virgindade. **Cadernos Pagu** (14), 2000, p. 157-158.

²⁸² Casos de defesa da honra ainda podem ser vistos em TEIXEIRA, Analba Brazão e RIBEIRO, Maria do Socorro Santos. Legítima defesa da honra: argumentação ainda válida nos julgamentos dos casos dos crimes

Em casos de abertura de inquérito policial acarretando ou não em processo judicial, as moças teriam que ir até o Instituto Médico Legal, um órgão público subordinado à Secretaria de Estado da Segurança Pública, para fazer um exame de possível violência sexual. No IML são feitos perícias que interessam à Justiça. Se fosse constatado o ato, segundo o depoimento de Inês “eles faziam casar”.

Nestes casos o casamento, de ordem civil, seria às pressas que, como relata Inês, não respeitava o “prazo de lei”. O processo de entrada para o casamento no cartório de registro civil era diferenciado, de outra cor, que segundo ela, “já era pra diferenciar, o que era casamento fugido.”

“Casamento fugido” era o casamento onde se tornava público que a moça já tinha tido relações sexuais com o namorado antes do casamento. Sobre casamento fugido segue o depoimento de Tânia que nos explica o que era ‘fugir’ nos anos 1970 e fala sobre a sua irmã que ‘ fugiu com o namorado’:

Às vezes os pais não queriam o namoro daí a moça fugia que aí era obrigado a casar, se dizia que outro homem não ia querer casar com ela, ela já tinha sido de outro. Na época era assim. Às vezes também o cara até sabia que a moça não era mais virgem, mas se ele soubesse que todo mundo sabia aí ele não casaria, mesmo gostando, entendeu? A minha irmã fugiu, vieram avisar lá em casa que ela tinha fugido. Fugido, dormido com o cara. Aí eles foram morar juntos, sem casar. Tinha também um falatório que meu irmão casou com uma mulher que tinha fugido com outro. Ele era apaixonado por ela e como ela tinha fugido com outro e não deu certo e o pai dela era muito brabo a mãe dela fez ela casar com o meu irmão. Ele quando viu que ela não era mais virgem quis devolver, deu um rolo, mas daí acabou que não deu em nada, ele gostava dela. Acho que foi por isso que o casamento deles não deu certo. Mas lá em casa a gente nunca falou sobre isso.²⁸³

Não só nessa fala, mas em outras, vê-se uma tentativa de controle não só do corpo feminino através da preservação da virgindade da mulher até o casamento, mas a preservação de uma virgindade moral. Nesse particular, nos anos 1970 em Lages isso era um problema porque ao mesmo tempo em que se cobravam essas questões às mulheres, elas estavam adentrando no espaço público. A grande imprensa através da TV, filmes, revistas mostravam que os/as jovens desfrutavam de uma liberdade sexual. Portanto os rapazes também sentiam essas mudanças, vê-se pela fala acima em que o irmão da depoente se vê numa situação difícil em meio à ‘devolver’ a recém esposa ou entendê-la em nome do amor que sentia por ela.

conjugais em Natal 1999-2005. **Cadernos Pagu**. Unicamp. Pesquisaram sobre crimes contra honra em relações conjugais do final do século XX e início de XXI.

²⁸³ Entrevista concedida por Tânia. 56 anos. Lages, 20 de novembro de 2011.

Nesse sentido, ele também era cobrado: “Mas lá em casa a gente nunca falou sobre isso”. Provavelmente devido à cobrança que iria recair sobre ele, o constrangimento moral de se casar com uma mulher ‘indigna de casamento’.

Nesse particular, percebe-se que, assim como as mulheres, os homens também sofriam cobrança da honra e da virilidade. Cada sociedade e cultura têm seus ritos de iniciação, e quanto à sexualidade, os rapazes lageanos eram levados pelos próprios pais para casas de prostituição para terem sua primeira relação sexual, e por vezes tornavam-se frequentadores.

Muitas vezes, antes mesmo de começarem a namorar eles já eram levados para casas de prostituição para terem relações sexuais, era ali que “aprendiam a serem homens”. Luís nos conta inclusive que ir para casas de prostituição dava *status* aos rapazes, era uma forma de distinção entre eles, ter dinheiro para gastar na “zona”:

[...] a gente ia pras festas e da boate a gente pintava lá na zona, na *Boate do Mário* [...] lá era muito chique, muito granfino. E muito caro! Não sei se é tão caro hoje? Na época era bastante caro, era *status* você ta lá. Tinha *shows*, o pessoal podia assistir ao *show*, podia levar namorada, né? Ou podia ir sozinho arrumar uma namorada e ficar namorando lá, transando, passar a noite num quarto lá mesmo, não foi meu caso, nunca passei, mas sabia que tinha. Tinha como fazer isso lá. Tinha *show* de *strip-tease* na época, e tinha *show* de música, mas geralmente o *strip-tease* tava junto, sempre era zona, né?

Estes depoimentos mostram que em Lages dos anos 1970 os ritos de iniciação sexual seguem as normas cobradas para rapazes e moças, sendo que sobre elas recaía a parte mais forte pelo fato de serem mulheres e exercerem a maternidade. Mas não só a educação de gênero tem sido descrita como prescritiva, pois o gênero enquanto categoria é útil à história, instrumentalizando o entendimento das relações entre homens e mulheres, combatendo desigualdades e hierarquias sociais.²⁸⁴

²⁸⁴ FILHO, Almícar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, p. 129.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de namoro nos anos 1970 não eram mais as mesmas de gerações passadas como a dos anos 1950 e 1960, por exemplo, que para se conseguir um beijo do/a namorado/a teria que enfrentar meses de namoro no sofá da casa dos pais da moça. A geração anos 1970 foi marcada por modificações, resultados de influências, novidades advindas de um mundo moderno, de popularização de meios de comunicação, que, proporcionou mais acesso à mídia do que anos anteriores. O alcance à televisão, cinema, rádio, revistas, jornais, nos anos 1970 tornaram-se mais fáceis para classes médias, que então podiam ter acesso às novidades ocorridas nos grandes centros. O que por sua vez influenciou nas formas das pessoas relacionarem-se, em especial, os namoros.

Dessas novidades, os holofotes voltam-se para a pílula anticoncepcional, chegada no Brasil em 1962, modificando as relações de namoro no mundo ocidental dos anos 1970. Entretanto, em cidades de interior como Lages, em geral, ela não era utilizada, por questões morais, informação equivocadas, as moças não a tomavam. Porém, a informação de que os/as jovens em “cidades grandes” estavam fazendo sexo ainda no namoro, ou enquanto solteiros/as essa chegou e foi assimilada, resultando numa proliferação de gravidezes indesejadas e consequentemente em abortos.

Quanto ao aborto hoje, despindo-se de julgamentos, há comentários de que existem clínicas clandestinas em Lages envolvendo nomes de alguns médicos da cidade e/ou de enfermeiras especialistas em obstetrícia. Esses profissionais trabalham de forma ilegal, uma vez que no Brasil aborto é crime,²⁸⁵ tentam ‘salvar’ mulheres que são pegas desprevenidas numa gravidez indesejada ou não esperada, advinda, geralmente, de um relacionamento considerado imoral pela sociedade. Recentemente o jornal *Correio Lageano* trouxe notícias de clínicas clandestinas de aborto, uma possível em Curitiba, cidade que fica a 80 km de Lages. Dizia a nota: “A suspeita é de que possa haver uma clínica clandestina de aborto, o que está sendo investigado”.²⁸⁶ Noticiou também a descoberta de uma encontrada em Braço do Norte - SC, 160 km de Lages: “A Polícia Civil, através da Delegacia de Polícia de Braço do

²⁸⁵ No Código Penal Brasileiro artigos 123 ao 127 tratam-se do crime e penalidade do aborto. O 128 diz que o aborto não é considerado crime quando trata-se da única forma de salvar a vida da gestante ou quando a gravidez é fruto de um estupro.

²⁸⁶ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 28 de julho de 2010

Norte, com o apoio de policiais de São Ludgero, estourou uma clínica de aborto clandestina, na manhã desta sexta-feira (8), em Braço do Norte”²⁸⁷.

Na vida social noturna da cidade, enquanto os clubes sociais, frequentados pelas famílias mais abastadas da cidade, eram repletos de regras de sociabilidades cobrando conduta e etiquetas, as discotecas surgiram a partir dos meados dos anos 1970 trazendo instabilidades às normas.

Portanto, regras foram quebradas, moças e rapazes passaram a viver a sua sexualidade com certa liberdade. Isso em meio a uma sociedade que cobrava condutas, uma classe que tentava distinguir-se através de comportamentos requintados estabelecidos pela norma burguesa familiar, de produtos que consumiam, lembrando que participar de clubes sociais era também uma forma de consumo.

Ainda assim, essa geração que experimentou mudanças nos costumes abriu os caminhos para outras. Hoje a questão da virgindade enquanto solteira não é mais cobrada pela família ou pelos namorados. Por outro lado, a sociedade lageana é caracterizada pela violência doméstica, herdeiros dos “machões” de uma cultura de coronéis, que podem ser vistas pela mídia e imprensa da região.

Sobre a questão da gravidez indesejada na juventude, ainda hoje, mesmo com a facilidade de acesso a diferentes meios contraceptivos, propagandas veiculadas com relação ao uso de camisinha ocorrem com jovens solteiras/os de Lages. E segundo uma reportagem encontrada no jornal *Correio Lageano* do dia 15 de outubro de 2010 o índice de gravidez em Lages ainda enquanto jovens é alto como podemos ver pela fala da enfermeira Ligiani Zilio Borges, responsável pelo programa *Saúde da mulher* da Secretaria Municipal da Saúde que disponibiliza às gestantes consultas e exames pré-natais gratuitos: “o número de adolescentes grávidas aumentou consideravelmente nos últimos anos. Para prevenir essa situação, são realizadas palestras nas escolas através do programa Saúde da Criança”. Essas moças, adolescentes grávidas que vão à busca desse programa e atendimento gratuito oferecido pela Prefeitura são moças advindas de famílias de baixa renda e que optam por ter o/a bebê.

Com relação ao uso de entorpecentes entre os/as jovens, vimos que os artigos de jornais que datam dos anos 1970 se escandalizavam com o consumo de drogas. Já os jornais de hoje, diferentemente dos anos 1970, trazem reportagens dando nomes, mostrando fotos dos envolvidos, dos consumidores de drogas, quando maiores de idade (18 anos). Nessas reportagens observa-se que, geralmente, são jovens usuários de crack e estão envolvidos com

²⁸⁷ Ibidem. 09 de outubro de 2010.

violência. A impressão que se tem, segundo a mídia local, é que hoje, ao contrário dos anos 1970, os jovens usam somente crack, uma droga usada pelas classes populares. Isso significa dizer que ainda hoje se tenta maquiagem comportamentos de jovens de classes mais abastadas, como se as drogas usadas por eles, cocaína, LSD, não houvesse na cidade. Os filhos de famílias abastadas aparecem em colunas sociais em meio à diversão, em notas de suas viagens internacionais, de casamentos entre famílias tradicionais, enfim, em espaços que oferecem distinções.²⁸⁸

O hábito de tentar distinguir-se ou mostrar-se distinto socialmente permanece. Percebe-se por parte da classe média da sociedade lageana uma busca e/ou estabelecimento de *status* que esse distinguir-se socialmente resulta em arrumar bons casamentos. Isso na prática significa dizer que ainda em Lages permanecem alguns costumes, mesmo as famílias não mais proibirem com tanta ênfase casamentos fora da classe social uma pessoa de certa “casta”, certa família, dificilmente envolve-se com outra “inferior”. Ou seja, o casamento oferece distinção e a escolha vem ainda no namoro.

Estas considerações servem para avaliar que, se houve mudanças consideráveis – hoje dificilmente uma moça é expulsa de casa por estar grávida sem parceiro fixo; as separadas ou divorciadas são aceitas se contraírem segundas núpcias; a virgindade não é mais um selo de qualidade exigido por todos os homens; a origem étnica diferente já não impede que casamentos aconteçam; namorar no carro não tem mais tanto glamour, dadas às facilidades nas próprias casas ou em motéis.

Por outro lado, ou faces dos mesmos dilemas, Lages hoje é uma cidade que tem problemas sociais graves por conta da proletarização acelerada, e muitas terras continuam de posse de poucas famílias, assim como as poucas indústrias e comércio mais forte. A mendicância e a prostituição são visíveis, e em 2005, a câmara de vereadores de Lages, tentando harmonizar a convivência entre moradores, prostitutas e travestis propõe regulamentar um código de condutas.²⁸⁹

Notícias sobre tráfico de drogas e apreensões, prostituição, mendicância, violência doméstica, crimes de honra são constantes na imprensa local e regional, mostrando uma cidade que viceja paralela daquela que as classes incluídas vivem, e querem continuar dando-se visibilidade e distinção nos bailes, nas colunas sociais...

²⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª edição. Porto Alegre: Zouk, 2011.

²⁸⁹ JORNAL *Diário Catarinense*. Florianópolis, 10 de maio de 2005, p. 23.

Este trabalho pretendeu fazer reflexões sobre jovens e sociabilidades de um tempo e lugar, conectados com o mundo exterior, mas vivenciando suas experiências e problemas. Ou dilemas, que são de ontem, e de hoje. Muito há que se pesquisar e refletir.

FONTES

1. PERIÓDICOS

1.1 JORNAIS - *Correio Lageano* – Lages

26 de abril de 1970

27 de outubro de 1970

31 de dezembro de 1970

16 de fevereiro de 1971

18 de fevereiro de 1971

05 de março de 1971

07 de março de 1971

20 de março de 1971

23 de março de 1971

27 de maio de 1971

13 de outubro de 1971

31 de dezembro de 1971

10 de fevereiro de 1972

15 de fevereiro de 1972

28 de março de 1972

16 de abril de 1972

10 de maio de 1972

16 de maio de 1972

04 de agosto de 1972

17 de setembro de 1972

27 de setembro de 1972

15 de agosto de 1973

02 de fevereiro de 1977

03 de março de 1977

04 de janeiro de 1979

05 de janeiro de 1979

13 de janeiro de 19/79

24 de janeiro de 1979

23 de janeiro de 1979

28 de julho de 2010

09 de outubro de 2010

29 de outubro de 2011

1.2 *Jornal de Santa Catarina* – Florianópolis, 04 de dezembro de 1975

1.3 JORNAL *Diário Catarinense* - Florianópolis, 10 de maio de 2005.

1.4 INFORMATIVOS MENSASIS CLUBE SOCIAL - LAGES

Clube *14 de junho* Agosto de 1977

Setembro de 1977

Setembro de 1978

Dezembro de 1978

Abril de 1979

Serrano Tênis Clube s/d, escrito em primeira pessoa pelo Sr. Werner Hoeschl.

Folder Jubileu de Diamante do Clube *Primeiro de Julho*, 1956.

2. ENTREVISTAS – (NOMES FICTÍCIOS)

Antonio. 58 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

Helena. 56 anos em Lages, 23 de novembro de 2011

Inês. 51 anos. Lages, 26 de agosto de 2011

Isabel. 54 anos. Lages, 28 de outubro de 2011

José. 65 nos. Lages, 29 de agosto de 2011.

Lucia, 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011

Luís, 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011

Regina. 56 anos. Lages em 26 de agosto de 2011

Rogério. 49 anos. Lages, 30 de agosto de 2011

Sônia. 54 anos. Lages, 30 de outubro de 2011

Tânia. 56 anos. Lages 20 de novembro de 2011

Vera, 55 anos. Lages, 23 de setembro de 2011.

3. INTERNET

<http://www.lages.sc.gov.br/turismo/monumentos.php>. Acessado em 20 de novembro de 2011

http://www.arq.ufsc.br/urbanismoV/artigos/artigos_pj.pdf

<http://wp.clicrbs.com.br/diariodaserra>. Acessado em 15 de julho de 2011

<http://letras.terra.com.br/os-serranos/258127/>. Acessado em 15 de novembro de 2011.

<http://www.clmais.com.br/sobre-o-jornal/nossa-historia/> em 29/07/2011)

<http://www.orkut.com.br/Main#Testimonials?uid=14875007417069449555>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

<http://augustocerimonial.blogspot.com/2011/08/origem-do-baile-de-debutantes.html> “A origem do baile de debutantes”. Acessado em 02 de novembro de 2011.

<http://www.cav.udesc.br/>. Acessado em 29 de janeiro de 2012.

<http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=14875007417069449555&aid=1278682763&pid=1278972657898>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

<http://www.youtube.com/watch?v=obSbdO1mmKk>.

<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126029/decreto-lei-862-69>. Acessado em 03 de novembro de 2011.

<http://www.telabr.com.br/timeline/brasil>. Acessado em 02 de novembro de 2011.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm#art1. Acessado em 02 de novembro de 2011.

http://www.100anosdemusica.com.br/anos60_thebeegees.htm acessado em 10/01/2012.

<http://modaspot.abril.com.br/cultura-fashion/cultura-historia/cultura-historia-decadas-de-moda/moda-historia-da-moda-anos-70>

<http://www.carloszefiro.com>

<http://oglobo.globo.com/cultura/kogut/nostalgia/posts/2011/02/08/vila-sesamo-1974-1977-tv-globo-tv-cultura-361513.asp>. Acessado em 20/01/2012.

<http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/adolesc3.html>. Acessado em 10 de fevereiro de 2012.

4. OUTROS

Código Civil Brasileiro de 1916;

Código Penal Brasileiro de 1940.

Censo Demográfico de Santa Catarina. Ministério do planejamento e coordenação geral. Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Estatística. Departamento de Censos. VIII Recenseamento Geral, 1970, série regional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

_____. Histórias de dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.).

Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

ALVES, Marcio Moreira. **A força do povo**: democracia participativa em Lages. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ANDRADE Jr. Lourival. **Da barraca ao túmulo**: Cigana Sebinca e as construções de uma devoção. Tese de doutorado: Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2008.

AREND, Silvia Maria Fávero. Legislação menorista para o trabalho: infância em construção (Florianópolis, 1930-1945). **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1981.

ARTÚRIS, Irmã **O carvalho historiador**. Lages, 2001, p. 15-16.

AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. Ática: São Paulo, 1986.

BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão brasileira: uma (re) visão. **Revista de história e estudos culturais**. Vol. 04, ano IV, núm. 02, abril/maio/junho de 2007.

BARRETO, Cristiane Manique. Entre laços: as elites do vale do Itajaí nas primeiras décadas do século XX. In: RAMPINELLI, Waldir José (org.). **História e poder**: a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 2**. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo em Perspectiva**, 15 (3), 2001.

BORGES, Nilsen C. Oliveira. **Terra, gado e trabalho**: sociedade e economia escravista em Lages, SC (1840 – 1865). Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis: 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª edição. Porto Alegre: Zouk, 2011.

_____. **O campo econômico**: a dimensão simbólica da dominação. Campinas: Papyrus, 2000.

BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. Moderna, 1990.

COSTA, Licurgo. **Clube 14 de Junho**: Oito décadas de uma vida gloriosa. Florianópolis: Editora da UDESC, 2002,

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens 1**: Sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens 2**: Sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. **O Continente das Lagens 3**: Sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

COSTA, Márcio Camargo. **A caudilha de Lages**. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1987.

COLUSSI, Eliane Lucia e BALBINOT, Valmíria Antonia. Propaganda e educação sanitária na década de 1970: “Povo desenvolvido é povo limpo”. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008.

COSTA, Cristina. **Caminhando contra o vento**: uma adolescente dos anos 60. São Paulo: Moderna, 1995.

DAGNINO, Evelina. **Os movimentos sociais e a construção da democracia no Brasil**: Tendências Recentes. São Paulo: Unicamp, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Haylor Delambre Jacques. Cultura Serrana Tropeando pelo Planalto Catarinense. **Revista História Catarina**. Núm. 29, março de 2011.

DUARTE, Luiz Cláudio. Representações da virgindade. **Cadernos Pagu** (14), 2000.

ELIAS, Norbert Elias. **O processo civilizador**. Uma história de costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**. A construção das elites – Itajaí, 1929-1960. 2ª Ed., Editora da Univalli, 1999.

FÁVERI, Marlene de e LUNA, Glória Alejandra Guarnizo. **Irene de Souza Boemer**: dama do rádio – cronista da cidade. Itajaí: Editora do Cais, 2008.

FÁVERI, Marlene de e TANAKA, Tereza Adami, Divorciados, na forma da lei: discursos jurídicos nas ações judiciais de divórcio em Florianópolis (1977 a 1985) **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(2): 352 maio-agosto/2010.

FIGLIUZZI, Adriza. Homens sobre rodas: representações de masculinidades nas páginas da revista Quatro Rodas. Porto Alegre, 2008. **Dissertação de Mestrado em Educação**, UFRGS

FILHO, Almícar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos pagu** (24), janeiro-junho de 2005.

GUEDES, Fábio Luís. **O mutirão por uma vida melhor**: trajetória histórica do projeto lageano de habitação 1977-1982. Trabalho de Conclusão de Curso em História pela FACVEST, Lages, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

GRAZZIOTIN, Geovana Poeta. Investigando paternidade: do discurso da conduta feminina ao teste de DNA. **Dissertação de mestrado** defendida pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2008.

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios nas imagens. In: **RBH**. V. 25, n.49, p.35-42, 2005.

LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: História de povos invisíveis. In: Ana Brancher (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

LIMA, Solange Ferraz e CARVALHO, Vânia Carneiro. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bezzanezi e LUCA, Tânia Regina (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do Planalto Serrano. In: BRANCHER, Ana e AREND, Silvia Maria Fávero (org.) **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

_____. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas. Campinas: UNICAMP, 2004.

MARIN, Angela Helena, DONELLI, Tagma Marina Schneider, LOPES, Rita de Cássia Sobreira, PICCININI, Cesar Augusto. Expectativas e sentimentos de mães solteiras sobre a experiência do parto. **Revista Aletheia**. 29, jan./jun. 2009

NECKEL, Roselane. "Entra menino", "Xô, galinha" e "Sim, senhor!": entrevista com Heloneida Studart. **Revista Estudos Feministas**. vol.16 n.1 Florianópolis Jan./Abr. 2008.

_____. Em silêncio... As mulheres que decidam! In: PEDRO, Joana Maria (org.) **Práticas Proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003

NUNES, Lélia Pereira da Silva. A expansão para o planalto. In: PIAZZA, Walter. **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 2001.

NUNES, Sara. **O crime que virou crença: a invenção dos "irmãos" Canozzi**. TCC, Universidade do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, 2003.

OLIVEIRA, Nucia. A. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1980). In: SILVA, Cristiani Bereta; ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMITA, Rosana C.. (Org.). **Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

PARENTE, Temis Gomes. Gênero e memória de mulheres desterritorializadas. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111, jan.-jun. 2007

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX. **Estudos Ibero-americanos**. PUCRS, vol. XXX núm. 02, dezembro de 2004.

PIAZZA, Walter (Org.). **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

RAGO Margareth. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA, Luís Antonio Francisco de, SABATINE, Thiago Teixeira, MAGALHÃES, Boris Ribeiro (orgs). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Cultura Acadêmica, 2001.

REMÓND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIFFEL, Renato. Retratos de masculinidades: performances de gênero a através das aparências – vale do Itajaí – Mirim (1941-1950). **Dissertação de Mestrado** em História pela UDESC, 2011, p. 16. Apud Boris Kossoy, 2005, p.36.

ROSAS, Gloria Salazar. Localização do aborto no Chile: uma tarefa pendente. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da e BARBOSA, Regina Maria (org.) **Aborto no Brasil e países do Cone Sul**: panorama da situação e dos estudos acadêmicos Campinas: Núcleo de estudos de população Nepo. Unicampo, 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 2004.

SANTOS Lidias Noemia. **Brotinhos e seus problemas**: juventude e genero na impresan fortalezense na década de 1950. Fortaleza: expressão gráfica e editora, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol. 20, no. 02. Porto Alegre, 1990.

SERGE Bernstein e Pierre Milza. Conclusão. In: AGNÈS, Chauveau (org). **Questões para a história do tempo presente**. São Paulo: Edusc, 1999, p. 127.

SILVA, Alice Inês de Oliveira. A pedagogia do feminino: análise de um ritual de apresentação da menina à sociedade. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, agosto de 1985.

SILVA, Elizabeth Farias da. **O fracasso da oposição no poder**. Lages: 1972-1982. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

SILVA, Fernando Leocino da. Ginásio Diocesano: “nova” escola... “velhos” projetos. **Revista História Catarina**, número 03, Abril, maio, junho de 2007.

SILVA Neto, Manuel Nunes. Educação em Lages – Uma visão trinta anos depois. **Palestra proferida no encontro com professores**, promoção do SINPROEL, em Lages, 26 de maio de 2010.

TEIXEIRA, Analba Brazão e RIBEIRO, Maria do Socorro Santos. Legítima defesa da honra: argumentação ainda válida nos julgamentos dos casos dos crimes conjugais em Natal 1999-2005. **Cadernos Pagu**. Unicamp.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. A luta contra o racismo no Brasil hoje e o movimento docente. **Revista Espaço Acadêmico**, núm. 30. Novembro, 2003.

VALLE, Ione Ribeiro, SCHVAAB, Cristiane Inês, SCHNEIDER, Juliete. As finalidades do ensino médio In: DALLABRIDA, Norberto, VALLE, Ione Ribeiro (org.) **Ensino Médio em Santa Catarina**: histórias, políticas, tendências. Florianópolis; Cidade Futura, 2006.

VENTURA, Zuenir. **1968, o ano que não terminou**: a aventura de uma geração. 21 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. **1968: eles só queriam mudar o mundo**. R. J.: Zahar, 2008, (p. 269-271).

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.